

# **DIVERSIDADE NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM:**

**INTERFACES LINGUÍSTICAS,  
LITERÁRIAS E FILOSÓFICAS**

Viviane Bengezen  
Grenissa Stafuzza  
(Organizadoras)



**LetrasdoCerrado**  
EDITORA UNIVERSITÁRIA



# **Diversidade nos estudos da linguagem: interfaces linguísticas, literárias e filosóficas**

Viviane Bengezen  
Grenissa Stafuzza  
(Organizadoras)

**Catalão  
2025**





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

**Reitora**

Roselma Lucchese

**Vice-Reitor**

Cláudio Lopes Maia

**Coordenação da Editora Letras do Cerrado**

André Ribeiro Macário

José Luís Solazzi

**Editoração**

Leonardo Ferreira Prado

**Projeto Gráfico**

André Ribeiro Macário

**Conselho Editorial**

Alexandre de Assis Bueno

André Carlos Silva

André Vasconcelos da Silva

Antônio Fernandes Júnior

Domingos Lopes da Silva Júnior

Estevane de Paula Pontes Mendes

Helder Nagai Consolaro

José Luís Solazzi

Copyright © 2025 LETRASDOCERRADO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Elaborada  
pelo bibliotecário-documentalista  
Marcio Luiz Fernandes Barbosa (CRB 1/3161)

Diversidade nos estudos da linguagem: [livro eletrônico] interfaces  
linguísticas, literárias e filosóficas. / organizadoras, Viviane  
Bengezen, Grenissa Stafuzza ; autores, Dilma Mello ... [et al.].  
- Catalão (GO) : Ed. Letras do Cerrado, 2025.  
Recurso on-line (133 p.) : il.

Modo de acesso: WWW

Publicação digital (e-book) no formato PDF. ISBN:  
978-85-93870-08-8

1. Estudos da Linguagem. 2. Linguística. 3. Literatura.  
4. Filosofia. I. Bengezen, Viviane. II. Stafuzza, Grenissa.  
III. Melo, Dilma. IV. VII Simpósio Nacional de Letras e Linguística.  
V. VI Simpósio Internacional de Letras e Linguística.

CDU 81-11

Esta obra é custeada com recursos do Edital 01/2024 da Editora Letras do Cerrado -  
Plataforma UFCAT de Edição e Publicação de Resultados de Pesquisa - Edições 2024-2025.

Apoio: CHAMADA PÚBLICA FAPEG 05/2024 – REALIZAÇÃO DE EVENTOS. Processo  
administrativo Nº: 202410267000627. EVENTO: VII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e  
VI Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SINALEL) 40 anos do curso de Letras (1985-  
2025) em Catalão-GO: afetos, desafios e o futuro na formação de professores, realizado na cidade de  
Catalão de 21 a 23 de maio de 2025.

## SUMÁRIO

Apresentação.....	5
The influence of place in researchers' autobiographical narrative inquiries Dilma Mello Shaun Murphy Stefinee Pinnegar Viviane Bengezen.....	11
Contribuições dos estudos bakhtinianos para pesquisas em estudos da linguagem Gabriella Cristina Vaz Camargo Grenissa Stafuzza Nathan Bastos de Souza.....	25
“Ninguém jantou”: o corpo negro como categoria de abjeção e as interfaces racismo, violência e horror no conto “Os dentes”, de Janaína Azevedo Maria da Glória de Castro Azevedo Luciana Borges.....	42
Sincronia e diacronia: os nomes próprios e geográficos na teoria de Ferdinand de Saussure Eliane Silveira Stefania Montes Henriques.....	58
Do silêncio à insurgência: imagens do insólito e (re)configurações do feminino em contos de Amparo Dávila Ana Lúcia Trevisan Claudia Cristina Ferreira.....	73
As ciências do léxico e a formação docente Fábio Henrique de Carvalho Bertonha Claudia Zavaglia Renato Rodrigues-Pereira.....	86
Faces e interfaces nas narrativas de expressão portuguesa contemporânea: multiplicidade de olhares e transformação do real Ulysses Rocha Filho.....	101
Literaturas contemporâneas em debate: a consolidação da carreira de Lois Lowry e seu público leitor Léa Evangelista Persicano.....	110

## Apresentação

A diversidade dos estudos da linguagem pode ser observada pelas diferentes abordagens teóricas e metodológicas advindas especialmente das áreas do conhecimento que se interessam em pesquisar a linguagem, aqui, destacam-se a Linguística, a Literatura e a Filosofia. É a partir das múltiplas possibilidades de estudos sobre a linguagem que a presente coletânea *Diversidade nos estudos da linguagem: interfaces linguísticas, literárias e filosóficas* se constitui: trata-se de uma coletânea composta por oito (8) capítulos, resultados dos trabalhos apresentados pelos(as) coordenadores(as) dos Simpósios Temáticos, oferecidos na programação do VII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e VI Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SINALEL): afetos, desafios e o futuro na formação de professores, realizado no período de 21 a 23 de maio de 2025, na Universidade Federal de Catalão, evento no qual também se comemorou os 40 anos do Curso de Letras (1985-2025) em Catalão-GO.

Nesse sentido, os(as) autores(as) convidados(as) que compõem a coletânea são reconhecidos(as) por sua atuação na pesquisa e no ensino no campo dos estudos da linguagem, especialmente, na pesquisa narrativa, nos estudos bakhtinianos, na literatura, na linguística, nas ciências do léxico. Os capítulos apresentam reflexões inéditas e originais, sendo resultados de pesquisas com temas mais diversos que o próprio campo de estudo em suas interfaces, conforme pode ser observado na descrição dos capítulos a seguir.

O primeiro capítulo da coletânea intitulado “The influence of place in researchers’ autobiographical narrative inquiries”, as autoras brasileiras Dilma Mello e Viviane Bengezen, em parceria com o autor canadense Shaun Murphy e a autora estadunidense Stefinee Pinnegar, desenvolvem uma pesquisa narrativa centrada no lugar como um dos elementos constitutivos da experiência vivida. Com base no espaço metafórico tridimensional da pesquisa narrativa, que articula as dimensões da temporalidade, da sociabilidade e do lugar, o autor e as autoras propõem uma reflexão profunda sobre como o lugar, entendido não apenas em seu aspecto físico, mas também afetivo, relacional e simbólico, molda tanto as experiências pessoais quanto as práticas de pesquisa. Com uma postura relacional e ética, valorizam a escuta sensível às histórias dos participantes e propõem o conceito de *world travelling* como base metodológica e epistemológica para compreender as múltiplas formas de habitar o mundo. A introdução de uma narrativa ficcional - a história de *Sloughboy*, personagem criado por Shaun Murphy e de *Made-place-running-girl*, personagem criada por Dilma Mello - estabelece um diálogo poético

e simbólico entre diferentes mundos e formas de experienciar o lugar. Por meio desse encontro entre o menino do brejo canadense e a menina brasileira que sempre corre, o autor e as autoras discutem como as histórias de lugar podem se cruzar sem se anular, preservando as diferenças e reconhecendo os vínculos afetivos que cada pessoa estabelece com seus territórios vividos. O capítulo também convida à problematização das narrativas romantizadas de lugar, propondo interrupções que deflagrem tensões, silenciamentos e desigualdades historicamente marcadas. O anseio por um lugar, refletido na narrativa de Dilma e nas discussões teóricas, é apresentado como experiência simultaneamente temporal e social, marcada por memórias, ausências, deslocamentos e desejos de pertencimento. Trata-se, portanto, de um texto que combina teoria, memória e ficção para repensar o lugar como dimensão vital na pesquisa narrativa e na formação docente, sugerindo que é por meio das histórias de lugar que construímos pontes entre experiências distintas e abrimos espaço para relações mais éticas, sensíveis e transformadoras.

O segundo capítulo intitulado “Contribuições dos estudos bakhtinianos para pesquisas em estudos da linguagem”, de autoria de Gabriella Cristina Vaz Camargo, Grenissa Stafuzza e Nathan Bastos de Souza, traz uma reflexão sobre os modos de circulação do conhecimento advindo dos escritos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev no Brasil, observando sua pertinência para a pesquisa na área da linguagem, seja nos estudos discursivos e/ou no ensino de línguas e formação de professores. O(As) autor(as) apontam a possibilidade de diálogos com diversas áreas do conhecimento que o conjunto da obra de Bakhtin e do Círculo fomenta, podendo fundamentar pesquisas que versem sobre diferentes materialidades de análise e/ou que estabeleçam com essa abordagem alguma interlocução. Na sequência, o(as) autor(as) acionam o conceito de enunciado, sublinhando um percurso metodológico, a partir da premissa de que é uma unidade analítica que responde a um enunciado anterior e suscita uma resposta subsequente, gerando outro enunciado. Entende-se que a construção de todo e qualquer enunciado diz respeito a um acontecimento, a uma situação de linguagem, seja imediata ou pelo contexto mais amplo, pertencente ao conjunto das condições da vida social de uma determinada comunidade linguística. Debate-se, a partir da formulação de algumas perguntas que envolve quase cinco décadas de recepção brasileira, qual é o lugar de Bakhtin e do Círculo no ensino de línguas e formação de professores na atualidade com foco na questão da migração teórica, em especial, sobre gênero do discurso. Nesse sentido, o(as) autor(as) destacam a importância dos estudos bakhtinianos como abordagem teórico-metodológica para os estudos da linguagem, porque promove uma discussão que coloca em evidência a linguagem, trazendo à tona sua relevância para a compreensão do mundo.

Maria da Glória de Castro Azevedo e Luciana Borges no capítulo “‘Ninguém jantou’: o corpo negro como categoria de abjeção e as interfaces racismo, violência e horror no conto ‘Os dentes’, de Janaína Azevedo” apresentam uma análise do conto “Os dentes” (2020), de Janaína Azevedo, com a proposta de “refletir sobre o corpo, o racismo e a escravidão, focando na representação do corpo negro como categoria de abjeção”. Para as autoras, Janaína Azevedo “executa com maestria as lições do conto como gênero, ao trazer, em um conto contemporâneo, o ambiente colonial e as relações assimétricas providas pelo regime escravocrata”. Nesse sentido, as autoras acionam Bauman e Mazzeo (2020) a respeito “do papel da literatura em captar nuances sociais”, destacando no estudo “a função social e cultural do conto ao narrar violências físicas e o necrobiopoder exercido sobre corpos femininos negros”. No capítulo são abordadas as estratégias de construção do conto, seus temas e o acionamento do horror como solução narrativa.

No capítulo seguinte, intitulado “Sincronia e diacronia: os nomes próprios e geográficos na teoria de Ferdinand de Saussure”, as autoras Eliane Silveira e Stefania Montes Henriques investigam de que modo os conceitos de diacronia e sincronia incidem nas elaborações saussurianas sobre os nomes próprios e geográficos. As autoras partem da observação de que desde a Antiguidade Clássica “se discute a relação entre os nomes e os objetos aos quais eles se referem”, sendo que esse debate “se estende durante todo o desenvolvimento dos estudos da linguagem, mas toma novas proporções a partir do momento em que se diferencia nome próprio, sentido e referência (Frege, 1892)”. Assim, as autoras sublinham a importância de reconhecer que “os nomes próprios ocuparam um lugar de destaque na filosofia da linguagem a partir das elaborações de Gottlob Frege” com a observação de que na Linguística, de forma distinta, a categoria de nome próprio foi marginalizada, especialmente, por leitores e estudiosos do *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Ferdinand de Saussure. As autoras evidenciam em seu capítulo que, apesar dos nomes próprios e geográficos ocuparem um lugar marginal no CLG, não são categorias ausentes da reflexão saussuriana, especialmente quando se considera “o conjunto mais amplo de manuscritos e comunicações produzidas por Ferdinand de Saussure”.

No capítulo intitulado “Do silêncio à insurgência: imagens do insólito e (re)configurações do feminino em contos de Amparo Dávila”, as autoras Ana Lúcia Trevisan e Cláudia Cristina Ferreira exploram a potência simbólica do fantástico na obra da escritora mexicana Amparo Dávila, analisando como os contos “El huésped”, “La señorita Julia” e “La celda” articulam imagens do insólito para tensionar as representações sociais do feminino. Por meio de uma leitura atenta à ambiguidade e à hesitação, marcas centrais da estética fantástica,

as autoras evidenciam como o insólito se manifesta como força desestabilizadora que revela os conflitos subjetivos, históricos e sociais vivenciados por mulheres em contextos de opressão. As narrativas de Dávila, pouco conhecidas no Brasil, servem aqui como campo privilegiado para pensar os modos como o desejo, a loucura e a violência emergem em personagens femininas enclausuradas por discursos autoritários, mas capazes de romper com a lógica do silenciamento. A figura do monstro, sempre ambígua, ora temida, ora desejada, configura-se como metáfora da alteridade que irrompe no cotidiano e convoca à reconfiguração das identidades femininas. O fantástico, nesse percurso analítico, aparece não apenas como gênero literário, mas como dispositivo crítico que ilumina as fissuras de uma realidade opressiva e propõe novas possibilidades de leitura do sujeito contemporâneo.

Em “As ciências do léxico e a formação docente”, Fábio Henrique de Carvalho Bertonha, Cláudia Zavaglia e Renato Rodrigues-Pereira apresentam uma reflexão abrangente sobre o papel das Ciências do Léxico (notadamente a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Fraseologia) na formação docente e no ensino de línguas. O capítulo destaca o potencial interdisciplinar desses campos, mostrando como suas interfaces com a Linguística Aplicada, a Didática, a Geografia e a História podem enriquecer tanto a pesquisa quanto a prática pedagógica. A proposta central é investigar como o léxico, entendido como um sistema dinâmico e culturalmente situado, pode ser mobilizado como ferramenta teórico-metodológica no processo de ensino-aprendizagem. A Lexicografia Pedagógica, por exemplo, é apresentada como uma vertente promissora que alia a elaboração de dicionários voltados ao público escolar à análise crítica de seu uso em sala de aula. Já a Fraseodidática amplia o olhar sobre o ensino de expressões idiomáticas e unidades fraseológicas, com foco em abordagens funcionais e pragmáticas. O capítulo também enfatiza o papel da Terminologia no ensino de línguas para fins específicos e da Toponímia como campo fértil para o trabalho interdisciplinar, capaz de aproximar a linguagem da realidade sociocultural dos estudantes. Ao longo do texto, os autores defendem que as Ciências do Léxico oferecem instrumentos valiosos para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade linguística, mais críticas em relação aos usos da linguagem e mais engajadas com o contexto social e cultural dos aprendizes. A obra convida à construção de pontes entre universidade e escola, teoria e prática, linguagem e mundo vivido. Assim, este capítulo reafirma o compromisso das Ciências do Léxico com uma formação docente crítica, criativa e comprometida com a transformação da educação linguística.

Ulysses Rocha Filho, no capítulo “Fases e interfaces nas narrativas de expressão portuguesa contemporânea: multiplicidade de olhares e transformação do real”, propõe uma imersão crítica na literatura de expressão portuguesa contemporânea, com foco especial na

produção desenvolvida em Portugal a partir do século XX. Em meio a um cenário de profundas transformações históricas, sociais e políticas, da ditadura salazarista à Revolução dos Cravos, das guerras coloniais às demandas identitárias do presente, a literatura portuguesa emerge como um espaço privilegiado de resistência simbólica, reinvenção estética e reflexão ética. A partir de uma perspectiva plural, o autor analisa os modos como os escritores contemporâneos têm desafiado as formas tradicionais de narrar, reinventando a linguagem e tensionando as fronteiras entre o ficcional e o real. José Saramago e Valter Hugo Mãe são abordados como autores paradigmáticos dessa virada: o primeiro, por meio da alegoria, da crítica às instituições e da reescritura da história; o segundo, por uma poética da escuta e da vulnerabilidade, que reconstrói afetos e subjetividades a partir da margem. A leitura se expande para outras vozes que compõem esse vasto campo literário, como Lídia Jorge, Ana Luísa Amaral, Afonso Cruz, José Luís Peixoto e Margarida Vale de Gato, cujas obras abordam, com diferentes estilos e intensidades, questões como colonialismo, gênero, memória, identidade e linguagem.

No último capítulo, “Literaturas contemporâneas em debate: a consolidação da carreira de Lois Lowry e seu público leitor”, Léa Evangelista Persicano aborda a biografia e a trajetória da escritora estadunidense Lois Lowry (1937-) sob a perspectiva da literatura fantástica e de teorias da leitura. Com a proposta de refletir sobre literatura contemporânea, considerando a relação passado e futuro, “mediando afetos pelo insólito ficcional”, a autora destaca a produção literária *The Giver Quartet* (*O doador de memórias*), uma série composta por livros destinados a públicos de todas as faixas etárias que abordam temas fraturantes, ou seja, sensíveis e controversos, geralmente considerados tabus sociais. Para isso, Persicano aciona diversas vozes da teoria da literatura fantástica, bem como de teóricos da leitura para debater a formação leitora pela literatura contemporânea. Ao discutir a formação leitora, a autora destaca o apagamento e/ou manipulação da memória, conforme Lowry (2007), observando “um limite tênue entre a utopia e a distopia, características associadas ao insólito ficcional e relacionadas à classificação do(s) livro(s) conforme o catálogo editorial de publicação”. Disso decorre a análise das capas dos livros da série literária *The Giver Quartet*, além de suas composições editoriais, tanto em suas versões originais quanto em suas versões brasileiras com foco em verificar como foi feita a produção da série e sob qual perspectiva de público. Com isso, a autora estabelece uma relação entre a escrita da série literária *The Giver Quartet* e a sua produção editorial, circulação e recepção, de modo que é possível estabelecer caminhos entre a literatura e o público leitor.

Como se pode observar pela descrição dos capítulos, destaca-se a diversidade do campo de estudos da linguagem e algumas possibilidades de interface, assim como a pluralidade de

temas que refletem demandas sociais, históricas, culturais etc. A diversidade também aponta parcerias interinstitucionais na universidade brasileira e estrangeira, com múltiplos interesses de pesquisa, mas que se fundamentam sobre um mesmo eixo de reflexão: *os estudos da linguagem*. Aos(Às) leitores(as): que esta coletânea possa vir a ser um panorama da atualidade dos estudos da linguagem em suas interfaces linguísticas, literárias e filosóficas, sendo, sobretudo, uma amostra das potencialidades de estudo do campo.

Viviane Bengezen  
Grenissa Stafuzza  
Organizadoras

## THE INFLUENCE OF PLACE IN RESEARCHERS' AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVE INQUIRIES

Dilma Mello  
Shaun Murphy  
Stefinee Pinnegar  
Viviane Bengezen

This narrative inquiry originates in a wonder about how we, as narrative inquirers, in the diverse personal, geographical, cultural, and political contexts of Brazil, the United States, and Canada understand the commonplace of place as a means for understanding experience in our research and as an orienting aspect of our lives. Situated alongside the commonplaces of sociality and temporality, place is part of the three-dimensional narrative inquiry space (Connelly; Clandinin, 2006). Clandinin and Connelly (2000) consider four directions “inward, outward, backward and forward” when understanding experience:

By inward, we mean toward the internal conditions such as feelings, hopes, aesthetic reactions, and moral dispositions. By outward, we mean toward the existential conditions, that is, the environment. By backward and forward, we refer to temporality – past, present, and future (Clandinin; Connelly, 2000, p.50).

In the attention to these directions, of being *in* the experience of the four directions, the researcher enters into a relationship with their participant(s), as well as attending to their own experience of the research. As narrative inquirers we attend to the place of our research while simultaneously attending to our own understanding of place.

Giving the physical details of a space is important in a narrative inquiry, particularly in the field texts that we create. These details are important in understanding the context of the research and provide possible insights into the experience of the research moment. We describe the classrooms, conversation, spaces, workplaces, and places of ease where the research takes place. We also ask our participants to talk about the places they refer to when we enter into conversations about interactions and situations (Dewey, 1938). Understanding the aspect of place in lives is important when understanding experience. Clandinin and Connelly (2000) wrote people live “storied lives on storied landscapes” (p. 145) and we consider that this is possibly at the heart of understanding the role of place in an understanding of experience.

## **Researchers understanding of place**

We have inquired together into the ways place has shaped our work. In our inquiry we considered the role of home places, schools, the political shaping of place in our different countries, and institutional contexts. This writing highlights the ways place functions in our lives as researchers, from the internal conditions of place, to the external conditions of place. For us, this is the situated role of the researcher in the three-dimensional narrative inquiry space (Clandinin; Connelly, 2000).

We know ourselves as situated people in many places, however, when we came to consider a place important to us as researchers, we began with narratives of place from our childhood, places we no longer inhabit. While it is not possible to consider place without reference to temporality and sociality, this paper focuses on place in relation to our lives as researchers. When we began to share our narratives of place it became evident that our senses of place were very much shaped by our relationships with others and situated in a temporal context. Dewey (1938) wrote in reference to continuity that experience is shaped by previous experience and in turn shapes future experiences. As we inquired into our narratives of place we came to understand them as narratives shaped in childhood memories, but retold from adult perspectives. Understanding the concept of continuity means that these childhood experiences shape our current adult and research experiences of place.

## **A narrative of place**

We begin our inquiry into place with a narrative written by Dilma. In placing a narrative near the beginning of this paper we do so in order to be able to think with stories (Morris, 2001). Morris wrote, “Thinking with stories is a process in which we as thinkers do not so much work on narrative as take the radical step back, almost a return to childhood experience, of allowing narrative to work on us”(p. 55). The implication for us as we consider our personal narratives is that we seek to understand the ways our narratives of experience shape our present understanding in our research as we think with participants’ stories. Interestingly, in the narratives we wrote regarding place there was a return to childhood experiences of place.

*When I was a kid*

*When I was a kid, between six and nine years old, I spent my days on the street, playing with my friends. We were always running all around... playing tag, skipping rope, walking on cans we made a hole through and tied up with string,*

*and biking. Once in a while we played at detective's stories and started hiding and chasing each other during the afternoon. Girls and boys always ran together throughout the day on Silva Jardim Street.*

*When playing outside the only part of our familial collection of houses that I could see was my grandmother's. It was in front of the land she owned. There was a small wall in front but we could see the house, the windows, and the roof. I loved to spend time reading books on its veranda. My world was both running and reading. Our house was on the periphery of Rio de Janeiro. When a child I knew more about this periphery than about the beauties of the so-called wonderful city of Rio de Janeiro. My world was Duque de Caxias and other places like Nova Iguaçu, Penha, Irajá, São João do Meriti, and so on; all of them part of the periphery, still part of the egg, but not its yellow center. Although I am a Carioca (a person who is born in Rio de Janeiro City), Rio's fancy streets, richness, and the wonderful sea of Copacabana beach were never my real home.*

*At the end of my street was a small farm, and most days, cattle passed in front of our house. We kept the gate closed all the time. I was scared to death, always wondering if a cow would hurt me. There were also some pigs on the street. In front of my grandma's place there was a neighbour who made money by selling pigs, this meant his land was full of pigs. Those pigs seemed to spend the day coming and going on the streets. Once one of his large pigs pushed my cousin down while we were going to school on foot. My brothers and I were afraid but we laughed a little because it was funny. Later my cousin laughed too and it became an adventure we all lived together.*

*It seemed I lived more on the street than at home. My memory insists on bringing me to the outside world instead of my inside one. Of course I can describe my house with its one bedroom, living room, bathroom, and kitchen. My brothers and I slept in the living room on a simple sofa bed. There was a yellow carpet and a picture of some women on the wall. I was always scared of those women, it seemed to me their eyes moved from one side to another at night. After complaining so much, my mother decided to get rid of it. During my childhood the world did not seem so violent and kids were allowed to be outside. After finishing school we could play whenever we wanted and the streets seemed to be the place to be.*

*Living so many adventures outside shaped my life during my childhood. It seemed safe as I said before, but it was also full of dangers for my young girl self. There*

*were the frogs. When it was raining the boys liked to hunt and catch the frogs for eating. But before cleaning and cooking them the boys scared the girls by trying to put the frogs on us. I was always afraid of animals. I was always running away from cats, dogs, cows, frogs, and others. (Dilma's narrative, November 2013)*

### **Unpacking the narrative**

The narrative cycle of living, telling, retelling, and reliving (Clandinin; Connelly, 2000) becomes evident as we inquire into Dilma's narrative of place, of experience. It is clear the living that this story is based on, the childhood experiences of Dilma and its telling, takes the form of a narrative, written and shared with Shaun during their collaborative research while he was in Brazil. The retelling becomes evident as we inquire into her story, as we consider the threads of experience that shaped this particular inquiry. The reliving is a possibility and as a result of this paper shapes our subsequent research lives as we inquire into the commonplace of place.

When we began the work of inquiring into the narrative, Dilma's initial response was, "I don't want to make meaning of it, because then I have to stop and confront the story that took me away from one place, and kept me moving to other places." However, that is what narrative inquirers do...we inquire into the story, which is to say we retell attending to elements of analysis. As Stefinee read Dilma's description of place, it immediately connected to her childhood space. Like Dilma's and it seems also Shaun's, children played together on the streets and she realized that the sense of place she was grounded in was shared by both Shaun and Dilma across countries and perhaps continents. Stefinee wondered whether this shared sense of place and what mattered was part of what connected them in community with each other. Dilma's comment in her resistance to meaning making also struck a chord because she recognized that she too was somewhat resistant to meaning making for while this sense of place grounded her the place existed in her mind and her sense of self but not in the physical world. Recognizing that while place was physical it was also psychological and ephemeral, which is what Shaun's accounts of Sloughboy had always resonated with her. The connectedness she felt with her co-researchers potentially based on emotional grounding in place that she felt with her colleagues created shared resonances with others.

The deeply embedded stories of place are stories that propel us forward in many ways. In her response, Dilma calls forth wonders about how place shaped and shapes her ways of being in other places and in a need to be in other places. In our conversations, what Dilma had to confront was not the geographical place, but her relationships with people in this place.

While we might want to attend only to place as physical, as human beings, we are shaped by our interactions with others in relation to place.

### **Introducing Sloughboy**

In the following fictional interim research text, written in order to understand the experience of place and to let place shape our understanding of the commonplace of place, a fictional character, Sloughboy (Murphy, 2004), interacts with the young Dilma of the previous narrative. Sloughboy is a fictional embodiment of place and seems aptly suited to talk about the ways place shapes our experience. He is a fictional character Shaun has used in the past to help understand the experiences of other research participants.

In the following excerpt, taken from Shaun's narrative of his home place, the slough near his farm is described (Murphy, 2004). It is in this place that Sloughboy, the fictional character Shaun has used to understand research experiences, resides. Sloughboy is innately tied to place, so much so that he only leaves the slough to travel its edges. We were interested to see what a character born and located so intimately in place would say about Dilma's narrative of place.

*Down the road from the farm, at the bottom of two low hills was the slough. I cannot write about the farm without writing about the slough. It was a skating place in the winter and a mysterious place to play in the summer. The skating was time with brothers and neighbours, but the summer was my time alone. Forbidden by my mother as an unsafe place where boys might drown, it became even more desirable. Accompanied always by the dogs there were secret places only I knew about... small pools of water, groves of birch trees where nothing else grew, and spaces of grass and willow. They say the neighbour's draft horse escaped and sank into the mud. This only made the slough more exciting, and slightly more dangerous... would I sink and join it, would the horse's skeleton float to the surface? I played in the mud, I lowered myself into the water to test my mother's warning, I found forts of deadfall, and I hiked through the fields that surrounded the slough.*

In earlier writing, it is in the moment of pulling himself from the water that Sloughboy comes into existence.

*Sloughboy and Made-place-running-girl*

*Down the road from the farm was the slough, a place of beauty and a place void of people. In the evening, birdsong filled the space as diverse birds called in response, and it would seem, in salute to the descending sun. Amid the willow trees, pools of water, long grass, and mud the boy wandered. This was his home. This was where he had been born and raised by the various beings of the slough. He was of this place. Cravenbeast, the animal of knowledge, is his constant companion, his sense maker. They did not speak, but often Sloughboy lay within the cavernous rib cage of the great beast, the skeletal remains of the horse that had drowned.*

*As Sloughboy walked, the conversations among the grass tickled his feet, they were always talking and they permitted him to listen. Truly they talked so much and about so many things they saw nothing as secret and everything as important and not important. Such are the ways of constant talkers... they talk themselves into community. The grass shared a common root, which allowed them to talk below the surface and above when the wind moved their blades, helping them to make conversation as they stirred against each other.*

*Today was a warm day, a still day, a day made for sitting... it was a day made for coming to know. Recently Sloughboy had met another person. He did not meet people often because the slough was a solitary place, and for many it was not a destination place. This new person was a girl (she told him she was a girl) and indeed she did remind him of other girls he had met in the past. She was twisty quick when she moved and she seemed to be always moving. Even when she was very very still he knew she was not. At first he thought she was from a slough place like him...he assumed most people were from places like him... it always made him wonder, when he realized there were so many many places to be from, what those places might be like.*

*Her place, he was to find out, was mostly a made place, a place crafted by other people. At the end of her road (he knew about roads, one ran through the middle of the slough) she could glimpse not made places, but her world was a world of made places, a place of walls and buildings. To run in this place she took to her road and ran between the walls... I am always running she told him. Many things make me unsure, and the only time I am sure is when I run.*

*Are there animals here? she asked.*

*Of course there are animals here. Coyote often comes to chase his tail, the birds make nests and call to each other, half tame cats hunt in the grass, and there are frogs and insects everywhere.*

*Oh, she replied, I am not so certain of animals. They are to be avoided. I do not like them. They scare me.*

*The animals here are my friends. They would not hurt you. At least I cannot imagine them hurting you, but I cannot speak for them. They are mostly wild and in all likelihood they will avoid you. You move too much for them to be certain of you...an animal like coyote likes to be certain. When he is certain he will begin to trick you, but until then he will only watch. He is probably watching now. The girl looked around, she could not see anything, only the space, which was mostly still.*

*Changing the subject, the girl asked him, Why do you live here?*

*I don't know. Why do you live in your place?*

*I don't know, she replied, I just always mostly have.*

*Hmmm, this is the place where I have always lived. Not mostly, just always.*

*At that moment Cravenbeast approached from within the slough where the water was deepest and the grass and willow abundant.*

*What is that? the girl started, rising to her feet preparing to flee.*

*My friend, said Sloughboy, and standing he approached Cravenbeast and stood beside him.*

*Cravenbeast was not a being to pet or lean against. His bony exterior made for less than comfortable spaces. Sloughboy often thought it was an appropriate body for knowledge. You could most easily stand beside knowledge. Sometimes you sat within or rode on top, but it was never comfortable, possibly comforting, but never comfortable.*

*Come and touch him.*

*Não, obrigada... I am fine here.*

*Sloughboy looked at her, he had no idea what she had just said, but he said nothing more and Cravenbeast wandered away having made his presence known...he was like that...he liked to be known.*

*Walk with me, if you like, said Sloughboy, and I will show you my place. You will like it.*

(interim research text, November, 2013)

In this fictional world, Sloughboy only interacts with other children. It would not have been possible to tell a story of the adult Dilma meeting Sloughboy. However, because Dilma's story is a childhood story the young Dilma (*Made-place-running-girl*) is welcomed into the slough. In the Sloughboy story, elements of Dilma's story are considered such as the road upon which she played, the made aspect of her world, her distrust of animals, the aspect of her always running, always in motion. Distinct from her story is the introduction of Cravenbeast, a trope and character that helps Sloughboy know, the grass who are the storytelling beings of the slough, and significantly, besides the road, the slough is a place not made by people in contrast to the childhood place of Dilma. Bach (2007) wrote, "[h]uman beings are fundamentally attached to what surrounds them" (p. 284). As a girl, Dilma was fundamentally attached to Silva Jardim Street, Shaun to his farm place, and Sloughboy and by extension Shaun, to the slough. This fundamental attachment to place is important when considering the concept of place in the lives of participants and researchers. As Stefinee's comment on Dilma's story suggests, emotional attachment to place and a yearning to return to past place may connect us in community and meaning making with others, grounded in a shared sense of place, where the shared portion is more about the sense of our grounding in such past places.

## **World travelling**

We consider Dilma's story and the subsequent Sloughboy story by considering worlds. Lugones (1987) helped us consider place when she wrote about worlds. For Lugones,

For something to be a "world" in my sense it has to be inhabited by some flesh and blood people. That is why it cannot be a utopia. It may also be inhabited by some imaginary people. It may be inhabited by people who are dead or people that the inhabitants of this "world" met in some other world and now have in this "world" in imagination (p. 9-10).

The places of these narratives are worlds. They are worlds of childhood remembered as active places, outside places, made and wild spaces, populated by a variety of characters, and shaped by interaction. In the Sloughboy story Dilma meets Sloughboy and in their interactions they come to know something of each other's worlds. As researchers we wonder, do you recognize another's world because you recognize your own? When considering place in our research we posit that in order to understand place we must know place. Lugones (1987) went on to write, "A 'world' need not be a construction of a whole society. It may be a construction of a tiny portion of a particular society. It may be inhabited by just a few people. Some 'worlds' are bigger than others" (p. 10). In our research, just as in the narratives shared

earlier, the places we attend to are typically a smaller piece of a larger world. However, it is in the particularities of the world described and lived within that are important in a narrative inquiry. The description of these worlds and their animation and their emotional substance is important in the retelling of experience. We consider the description of place as essential to understanding experience, “In describing a ‘world,’ I mean to be offering a description of experience. Something that is true to experience even if it is ontologically problematic” (p. 11). Something being ontologically problematic is an interesting phrase when considering experience and worlds. In our practice as narrative inquirers, an ontological tension is the arrogant perception (Lugones, 1987) of another’s world. We know that our own worlds can be perceived arrogantly and consider the importance of perceiving the worlds of our participants with loving perception (Lugones, 1987). We take up the challenge of loving perception by being relationally ethical in our research.

Referring to the work of Keith Basso, Morris (2001) wrote, “narratives provide unobtrusive and gentle but steady moral guidance” (p. 56). The narratives we hold about our places provide us with guidance, and when we attend to the places of others they can guide us as well. Basso (1996) himself wrote, “... this type of retrospective world-building – let us call it *place-making* – does not require special sensibilities or cultivated skills. It is a common response to common curiosities - what happened here? Who was involved? What was it like? Why should it matter? (p. 5)” We concur with Basso, but would also contend that for research, the cultivation of skills, of wondering with specific purposes in mind, are necessary for an inquiry into experience. As narrative inquirers we note the importance of not seeing another world as deficit, as less than, and know how easy it can be to see another place as deficit when we don’t know it. To see a place only from the perspective of our own place we then run the risk of only seeing in one way, and therein lies the danger of a single story (Adichie, 2009).

### **Being able to retell: The necessity of world traveling**

Being able to retell necessitates a willingness to world travel to the experiences of Dilma as a young girl. Dilma, one of the authors of this paper, no longer lives in the suburbs of Rio de Janeiro. Shaun, Viviane, and Stefinee have never been to Dilma’s home place, the act of retelling requires all three of us to travel to the remembered world of Silva Jardim Street and as Stefinee suggests, recognize the resonance between Dilma’s place and places of our own whether our remembering of our experiences harmonizes or is other than Dilma’s. Lugones (1987) helped us when she wrote, “[w]hile playful we have not abandoned ourselves to, nor

are we stuck, in any particular ‘world’. We are there creatively” (p.16). Lugones’ idea of playful is a ‘relational play’ that considers the different worlds that individuals inhabit, worlds we willingly travel to in our ‘play’. We bring an attitude of openness, wondering, and willingness to not know (Lugones, 1987) as we inquired into the narrative, creatively considering experience in relation to methodology and theory.

### **What does it mean to think of another’s story of place with one’s own story of place (because we all have a story of place)?**

Telling stories of place is like making a journey on an inner landscape, relating our own worlds with other people’s worlds. The places we have lived in are different from those places other people tell in their stories. However, they are connected, since we world-travel at the same time we revisit our past places through memory and imagination. As researchers and teachers, when we are open to world-travel, we open possibilities to better teaching and to better relational research. There are, as Greene (1995) said, “landscapes still to be explored by those of us hoping that we do not all have to be strangers to each other in our schools but that we can strive to interpret our new and many-faceted world” (p. 15).

Thinking of educational landscapes in which teachers and students live , the author said that “part of the challenge is to refuse artificial separations of the school from the surrounding environment, to refuse the decontextualizations that falsify so much” (p. 11). Keeping our focus of considering the commonplace of place, we understand that “teachers can be moved to take account of connections and continuities that cannot always be neatly defined. [...] It also means being somewhat aware of students’ family life in its ease and unease”.

### **What does it mean to have a romantic story of place? How do we interrupt the romantic story of place?**

One possible reason for us to have a romantic story of place is when we do not inquire into, or do not have a critical, reflective view about the stories of creating a bond between us and places where we live our experiences through time. We might, from a young age, have been taught a narrow way of thinking by our parents or teachers, for example, with no or little discussion about the weather, the buildings, clothing, or food that surrounds us. Although it can be empowering, interrupting the romantic story of place can be discomfoting and in some ways account for Dilma’s resistance to engage in meaning making. Yet, Dilma’s account in itself has indicator that interruption is already embedded in the story shared.

Each individual sees the world differently, having a unique perspective, including about the stories of place we live. How, where, and what we buy, wear, or cook, how we interact with others and who we choose for friends and community for example, our childhood experiences, how we relate to land, shape the story of place we live and tell. When we face the tensions, we realize we can change who we are and who we are becoming. Learning about the romantic story of place is important in order to create connection to the world, broadening our perspective and providing us with ideas to tell a different story – one where we care about other people living at those places, and that impacts others.

### **Does yearning for place shape our story? Does yearning also have a temporality and sociality aspect to it?**

Recalling Lugones (1987),

In attempting to take hold of oneself and of one's relation to others in a particular 'world,' one may study, examine and come to understand oneself. One may then see what the possibilities for play are for the being one is in that 'world'. One may even decide to inhabit that self fully in order to understand it better and find its creative possibilities (p. 17),

we understand that yearning for place (as Stefinee's musings suggest) deeply shapes our stories and our lives, because it is a form of memory (which is embodied; it is a way of experience) that can be related to dislocation, absence, or transformation. This yearning is not only an individual or internal experience, but one embedded in social relations, with temporal aspects. When we yearn for a place, we are often yearning for a time, for relationships, for ways of being that once felt familiar, or that we imagine might hold belonging. In Dilma's narrative, for instance, Silva Jardim Street carries not only physical coordinates, but emotional, familial, and bond memories.

This yearning also has a temporal dimension: it is connected to past experiences that continue to live in the present through memory, and it projects into the future through imagination of "who she is not yet" (Greene, 1995). As Clandinin and Connelly (2000) reminded us, we live our lives in a temporal flow, backward and forward, and our stories of place are not fixed but continually retold and, perhaps, relived. Yearning, then, is shaped by the continuity of experience (Dewey, 1938), connecting our past selves to our present and imagined futures. At the same time, yearning is social. Our stories of place are relational; they are composed by who was there with us, who is absent now, and who we are telling our stories to. The act of sharing Dilma's story is a social act of bringing others into the world she once

inhabited. When we yearn for a place, we are often yearning for the people of that place, for the way we once related, laughed, feared, and learned alongside others. Thus, yearning for place is not merely nostalgic or romantic; it is narrative. It invites us to reinhabit past worlds, to revisit our experiences with complexity, and to move toward new ways of being in relation with others, across time, and within the storied landscapes of our lives.

### **Final thoughts**

How do we bring people into our 'worlds' in order to understand their experiences in our contexts? In narrative inquiry, we invite others to dwell in our stories so they can walk through the landscapes we inhabit(ed) and consider how we came to be who we are and who we are becoming. As Dilma's story, Stefinee's reflection on her sense of connectedness and yearning and Shaun's fictionalizing provide evidence for such becoming. Importantly, this process is relational, grounded in what Lugones (1987) calls world travelling. It requires a form of loving perception: the willingness to encounter difference without reducing it to our own framework. World travelling is a gesture of openness, of risking the comforts of one's own world in order to come closer to another's.

We might ask: how do we travel to place? And why would it matter to travel to each other's places? These are not merely questions of physical movement but of narrative access. We travel through stories of place. We travel when we pause to listen, to imagine, to retell our lived experiences. Such travel can never be complete, but it is in the attempt (in the act of wonder) that ethical relationships take place. Relationality is the heart of our studies and inquiries, as we enter someone's world and make ours available, being opened to vulnerability.

Stefinee connected emotionally with yearning to both Dilma and Sloughboy. Sloughboy welcomed Dilma, Made-place-running-girl, into his world, the slough, without demanding she become like him. He listens. He notices. He shares his world gently, allowing her to observe, to refuse, to wonder. In doing so, he performs what we, as narrative inquirers, try to do: to welcome, without colonizing; to share, without erasing difference. We often world travel to places we can not physically go. Sometimes, the only way we can go is through story, through the careful, respectful act of attending to what participants tell and what they show us through narrative.

World travelling is also a pedagogical practice. Teachers, like researchers, are called to attend to the stories of place their students bring. In doing so, they challenge the artificial separations between school and community. Travelling to students' worlds allows for connection, relevance, and deeper engagement. Moreover, world travelling supports retelling

within the ongoing process of reimagining who we are in relation to who others are. It allows us to see ourselves differently, to shift the stories we tell about place, belonging, and identity. To think of another's story of place alongside our own is to recognize that we all carry stories of place. These stories shape how we listen, how we interpret, how we relate. The felt resonance with others may in fact emerge for our grounding in our emotional sense of place. Our narratives intersect, but they are not interchangeable.

Sometimes, our own stories of place are romanticized, told through a lens of nostalgia that flattens complexity. To interrupt this romance is not to discard it, but to examine it wondering: Who belonged in that place? Who didn't? What tensions were present but silenced? This interruption allows us to tell new stories.

Finally, we return to the question: does yearning for place shape our story? We understand that yes, it does. As Lugones (1987) reminds us, trying to take hold of oneself in a particular world can lead us to study, examine, and even inhabit ourselves more fully. Yearning is a form of embodied memory, often born from absence or transformation. It is temporal, linking past, present, and imagined futures, and it is social, rooted in relationships that once were or could have been. When we yearn for a place, we yearn for the people, the times, the versions of ourselves that felt a sense of belonging there.

## References

- ADICHIE, C. *The danger of a single story*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: mar. 2014.
- BACH, H. Composing a visual narrative inquiry. In: CLANDININ, D. J. (Ed.). *Handbook of narrative inquiry: Mapping a methodology*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc., 2007. p. 35-75.
- BASSO, K. H. *Wisdom sits in places: Landscape and language among the Western Apache*. Albuquerque: UNM Press, 1996.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Personal Experience Methods. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 413-427.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco, Calif.: Jossey-Bass, 2000.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Narrative Inquiry. In: GREEN, J.; CAMILLI, G.; ELMORE, P. (Eds.). *Handbook of complementary methods in education research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2006. p. 477-487.

DEWEY, J. *Experience and education*. New York: Simon and Schuster Inc., 1938.

LUGONES, M. Playfulness, World-Travelling, and Loving Perception. *Hypatia*, v. 2, n. 2, p. 3-19, 1987.

MORRIS, D. B. Narrative, ethics, and pain: Thinking with stories. *Narrative*, v. 9, n. 1, p. 55-77, 2001.

MURPHY, M. S. *Understanding children's knowledge: a narrative inquiry into school experiences*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – University of Alberta, Edmonton, AB. Não publicada.

## Contribuições dos estudos bakhtinianos para pesquisas em estudos da linguagem

Gabriella Cristina Vaz Camargo

Grenissa Stafuzza

Nathan Bastos de Souza

### Considerações iniciais

Propõe-se neste estudo refletir sobre as maneiras de circulação do conhecimento derivado dos escritos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev no Brasil, observando sua pertinência para a pesquisa na área de linguagem, seja em termos de estudos discursivos, e/ou epistemológicos, e/ou sobre ensino e formação de professores e/ou em áreas afins. Nesse sentido, destaca-se algumas contribuições dos estudos bakhtinianos para pesquisas em Estudos da Linguagem a partir do caráter de obra aberta dos escritos dos autores russos que influenciam e ampliam o escopo teórico de diversas disciplinas como a teoria literária, a crítica literária, a análise do discurso, a semiótica, a linguística aplicada, a sociolinguística, a educação etc. Assim, o texto encontra-se dividido em três seções além desta introdução e das considerações finais, com o desenvolvimento descrito a seguir.

Na primeira seção, verifica-se a possibilidade de diálogos com diversas áreas do conhecimento que o conjunto da obra de Bakhtin e do Círculo fomenta, podendo fundamentar pesquisas de modo que versem sobre diferentes materialidades de análise e/ou que estabeleçam com essa abordagem alguma interlocução. Isso significa dizer que os escritos de Bakhtin e do Círculo (especialmente, Volóchinov e Medviédev) oferecem subsídios teóricos e metodológicos para que pesquisadores(as) de diferentes áreas do conhecimento interpretem ideias, conceitos e abordagens como possibilidade de leitura de diferentes objetos, para além daqueles que os pensadores russos se debruçaram, pertencentes à literatura, como o romance, poema, conto.

Na segunda seção, aborda-se de modo mais específico o conceito de enunciado justamente porque a questão do diálogo, central na filosofia da linguagem bakhtiniana, compreende tanto a relação entre *enunciados* como a relação entre *enunciados e sujeitos* por meio da linguagem, subsidiada pela cultura e pela sociedade. O campo linguístico, por exemplo, conceitua e analisa os enunciados com um foco que privilegia a língua. No conjunto da obra dos pensadores russos, o conceito de enunciado estabelece um percurso metodológico, a partir da premissa de que é uma unidade analítica que responde a um enunciado anterior e

suscita uma resposta subsequente, gerando outro enunciado. Assim, metodologicamente é importante que se estabeleça a correlação entre os elementos da cadeia da comunicação discursiva em análise. Entende-se que a construção de todo e qualquer enunciado diz respeito a um acontecimento, a uma situação de linguagem, seja imediata ou pelo contexto mais amplo, pertencente ao conjunto das condições da vida social de uma determinada comunidade linguística. Isso significa dizer que mesmo que o enunciado tenha um aspecto autônomo de acabamento, seus sentidos são orientados na e pela comunicação discursiva, pois operam em um movimento incessante entre a sociedade e a cultura. Logo, a noção de enunciado aqui tratada aponta uma ruptura com a linguística ao considerar a interação discursiva entre sujeitos, de caráter social e singular ao mesmo tempo, para a produção e circulação de discursos.

Na terceira e última seção, debate-se, a partir da formulação de algumas perguntas que envolve quase cinco décadas de recepção brasileira, qual é o lugar de Bakhtin e do Círculo no ensino de línguas e formação de professores na atualidade com foco na questão da migração teórica, em especial, sobre gênero do discurso. Este trabalho se justifica, portanto, pela importância dessa abordagem teórico-metodológica para os estudos da linguagem, pela interrogação a respeito da longevidade do interesse pelos estudos bakhtinianos no Brasil, porque promove uma discussão que coloca em evidência a linguagem, trazendo à tona sua relevância para a compreensão do mundo.

### **Obra aberta, transbordamento teórico: a atualidade dos estudos bakhtinianos**

A característica de obra aberta representa a possibilidade de avanço de leitura, com diferentes interpretações e aplicações dos conceitos, bem como de alcance de áreas do conhecimento que compõem o conjunto dos escritos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev a que se tem acesso no Brasil por meio de suas traduções. Com contribuições expressivas na grande área das ciências humanas, observa-se que as pesquisas que se debruçam sobre os escritos do Círculo de Bakhtin, há quase cinquenta anos, possuem uma diversidade de perspectivas que oferecem uma abertura no pensamento do que era produzido até então sobre linguagem e comunicação.

Desde *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924), que norteia uma filosofia para o mundo por meio do ato responsável, da ética e da estética, Bakhtin elege a literatura como perspectiva para a sua produção filosófica: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e *Estética da criação verbal* são obras

ilustrativas que apontam essa preferência na pesquisa da escritura literária para a promoção do conhecimento filosófico.

A característica de obra aberta com foco no transbordamento teórico gera conceitos em construção que contribuem para os estudos da linguagem na atualidade, a exemplo de *Questões de literatura e estética*: a teoria do romance, que possui tradução do russo no Brasil realizada por Aurora Fornoni Bernardini (*et al.*). Sua primeira edição data de 1988 com significativas mudanças no volume publicado em russo em 2012, edição correspondente ao terceiro tomo das *Obras reunidas* organizada por Serguei Botcharov (1929) e Vadim Kójinov (1930-2001; *post mortem*). Não há uma data específica de publicação original dessa obra, uma vez que sua composição reúne textos de vários momentos de escrita da vida de Bakhtin. “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, data de 1924; “O discurso no romance”, data de 1934-1935, “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”, data de 1937-1938, “Da pré-história do discurso romanesco”, data de 1940; “Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance), data de 1941; “Rabelais e Gógol (arte do discurso e cultura cômica popular) data de 1940-1970. A obra é organizada a partir de textos focados na literatura, os quais tomam a escritura literária como objeto de estudo para se pensar a metodologia de seu estudo, assim como a criação literária, estética, estilística, discurso, cultura, arte, cronotopo etc.

Especialmente nos textos “O discurso no romance”, data de 1934-1935, e “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”, data de 1937-1938, são utilizados conceitos da física para formulações sobre fenômenos de linguagem. No primeiro texto, Bakhtin (2010, p. 82-83) toma emprestado os conceitos de forças centrípetas e centrífugas como referência àquelas forças marcadamente sociais que atuam na língua. Enquanto as forças centrípetas agem na língua para centralizá-la/unificá-la/normatizá-la, as forças centrífugas atuam de modo a descentralizá-la/diversificá-la, tornando-a heterogênea. A partir disso, Bakhtin (2010, p. 82) observa que “(...) a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua (...)” que operam em constante movimento.

No segundo texto mencionado, o conceito de cronotopo é desenvolvido especificamente na literatura a partir da teoria da relatividade de Einstein, de modo a constatar as relações espaço-temporais no romance. Bakhtin (2010, p. 211) aponta que o termo empregado na matemática é utilizado na crítica literária como uma metáfora porque o que importa é a indissolubilidade entre espaço e tempo, uma vez que: “No cronotopo artístico-literário ocorre

a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história.” Sob essa perspectiva, o autor entende que “Os índices do tempo transparecem no espaço e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (Bakhtin, 2010, p. 211), sendo essa forma de relação que caracteriza o cronotopo artístico na obra literária.

Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, em sua versão de 1963, teve sua primeira edição brasileira publicada em 1981, com tradução direta do russo de Paulo Bezerra (Rio de Janeiro: Forense Universitária). Em 2022, é publicada a tradução direta do russo realizada por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo da primeira versão do texto, de 1929, *Problemas da obra de Dostoiévski (Versão de 1929)*, contendo notas e glossário das tradutoras, além de ensaio introdutório e posfácio de Sheila Grillo (São Paulo: Editora 34). Não é de interesse aqui estabelecer diferenças entre as duas versões, mas sim apresentar o conceito de polifonia que aparece em ambas as versões, advindo do campo da música e que Bakhtin utiliza para abordar exclusivamente a tese do romance polifônico, definindo Dostoiévski como o romancista “criador do *romance polifônico*” (Bakhtin, 2015a, p. 5, sem grifos do autor; Bakhtin, 2022, p. 57, grifos do autor).

Especialmente na música, o conceito de polifonia diz respeito a uma técnica em que duas ou mais vozes são compostas conservando um caráter melódico e rítmico individualizado, ou seja, é possível distinguir as vozes que se desenvolvem na música. Bakhtin, por sua vez, apresenta o conceito como uma metáfora (ver Bakhtin, 2015b, p. 24; Bakhtin, 2022, p. 83) para se observar que diversas vozes ideológicas contraditórias coexistem com a voz do próprio narrador, sendo possível, portanto, distingui-las, “ouvi-las” a partir de seu lugar ideológico.

Na atualidade, com o imenso volume de pesquisas que abordam a polifonia em diversos *corpora* discursivos, entende-se que o debate representado pela obra de Dostoiévski ultrapassa sua proposta e o campo literário, assim como aconteceu com a concepção de carnavalização na *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, uma vez que há também um volume importante de pesquisas que apontam análises sobre o conceito de carnavalização em *corpora* linguísticos que tratam de temas como política, cultura, mídia, educação, para citar alguns.

Outra noção que segue o viés do que se denomina aqui de teoria da linguagem de perspectiva dialógica que contribui para os estudos da linguagem é a de signo ideológico em que Volóchinov (2017) dialoga com o objetivismo abstrato (linguística sistêmica), tendo como principal expoente Saussure, e com o marxismo. Para Volóchinov (2019, p. 162, grifos do

autor) “De fato, de um ponto de vista verdadeiramente objetivo, que tente olhar para a língua de modo totalmente independente da visão de determinado falante em um dado momento, a língua apresenta-se como um *fluxo de formação ininterrupto*.” Posto isso, para o autor, menos importa o reconhecimento do falante da forma linguística (*langue*), uma vez que a relevância reside na compreensão do sujeito falante da sua significação em um enunciado, ou seja, em um contexto concreto de uso da língua (*parole*), pois: “(...) se pertencer à mesma coletividade linguística, aquele que compreende também se orienta para uma forma linguística tomada não como um sinal imóvel e idêntico a si, mas como um signo mutável e flexível.” (Volóchinov, 2017, p. 178).

Em relação ao marxismo, Volóchinov (2017, p. 84) observa algumas lacunas teóricas que precisam ser verificadas, especialmente, a complexa tarefa de estudar a realidade específica dos fenômenos ideológicos, pois, ao pensar o papel da linguagem, concebida como a realidade material específica da criação ideológica, o autor compreende sua atuação nas condições da comunicação social. Ao considerar a palavra como uma arena onde se confrontam valores sociais contraditórios, Volóchinov (2017, p. 140) observa que os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema. Sob essa perspectiva, é possível ponderar que a comunicação discursiva implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou oposição à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.

Ao considerar a ideologia como parte constitutiva do signo, Volóchinov (2017, p. 95) observa que a natureza do significado se dá na interação, na ação do signo no mundo social para a realização da comunicação discursiva. A noção de signo ideológico encontra-se em relação de diálogo com o marxismo, sendo definida na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* em função da potencialidade de refração de todo fenômeno social-ideológico, ou seja, é a forma de transpor a realidade objetiva adequada à consciência individual que, por sua vez, “é um fato social e ideológico” (Volóchinov, 2017, p. 97). Dessa maneira, a noção de signo ideológico evidencia a tese do caráter essencialmente material da língua, que destoa do posicionamento de Saussure sobre a língua ser abstrata: por meio da realização dos fenômenos ideológicos que constituem a linguagem, a ideologia é expressa via material semiótico, portanto, tudo que é expresso possui um valor ideológico.

O diálogo teórico de ruptura com Saussure e com a linguística sistêmica aparece no conjunto das obras do Círculo de Bakhtin, com destaque para a concepção de língua e de enunciado, especialmente em Bakhtin (2010), Medviédev (2019) e Volóchinov (2017; 2019). Esses autores, ao considerarem que a língua é social, partem da ideia de que há interação

discursiva entre sujeitos e que o enunciado existe quando relaciona-se com o contexto social, com a vida, uma vez que o sentido do enunciado depende da situação social da comunicação.

Os pressupostos teóricos sobre gêneros do discurso e enunciado, por sua vez, são fundamentais nos estudos do Círculo de Bakhtin e também aparecem no conjunto da obra dos autores (Medviédev, 2019; Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017; Volochínov, 2019). Em relação à concepção de gêneros do discurso, no Brasil, houve uma apropriação da noção pelos(as) pesquisadores(as) que procedeu em uma diversidade conceitual e terminológica de estudos que fomenta diferentes correntes teóricas, com interpretações bastante díspares, resultando em uma concepção não hegemônica do conceito.

Os gêneros do discurso são constituídos de enunciados que, por sua vez, materializam-se e podem ser investigados discursos e sujeitos que enunciam, quem tem a palavra, o que fala e para quem fala, a relação de um determinado enunciado com outro(s) etc. Como exemplo, cita-se o estudo da esfera midiática, na qual o gênero do discurso publicitário é produzido e circula, abrangendo uma diversidade de enunciados que podem ser analisados de modo a investigar seus funcionamentos e sentidos como, por exemplo, vídeo, pôster, performance, canção, postagem, *meme*, comentário, anúncio etc., para citar alguns, que extrapolam a obra do Círculo ao mesmo tempo que mostram as potencialidades de análises de materialidades contemporâneas.

O campo linguístico, por sua vez, conceitua e analisa o enunciado com um foco que privilegia a língua. Especialmente em Bakhtin (2010; 2011), Medviédev (2019) e Volóchinov (2017; 2019), o conceito de enunciado estabelece um percurso metodológico, a partir da premissa de que o enunciado é uma unidade analítica que responde a um enunciado anterior e suscita uma resposta subsequente, gerando outro enunciado. Nesse sentido, metodologicamente é importante que se estabeleça a correlação entre os elementos da cadeia da comunicação discursiva em análise. Na seção a seguir, apresenta-se especialmente o conceito de enunciado e sua importância para os estudos da linguagem.

### **O enunciado em perspectiva bakhtiniana**

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016, p. 16-17) entende que a relação estabelecida entre a linguagem e a vida se dá por meio “de enunciados concretos (que a realizam)”, e “é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Nesses termos, propõe uma reflexão que diferencia enunciado e oração, para o autor enunciado é entendido como “real

unidade da comunicação discursiva” e a oração se refere à “unidade da língua” (Bakhtin, 2016, p. 28).

O enunciado faz parte de uma dimensão que não é restrita apenas ao sistema linguístico, pois é compreendido no interior da vida cotidiana, de forma contextualizada e situada, em sua historicidade e concretude. Já a oração pertence ao nível do linguístico, em que outras dimensões, se não linguísticas, não são necessárias para as análises que objetiva realizar, pois, conforme o autor, “a oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade” (Bakhtin, 2016, p. 33). Por suas características gramaticais, voltadas para as estruturas linguísticas em suas dimensões fonológicas, sintáticas, morfológicas etc., a unidade da língua de forma isolada não constitui um enunciado, uma vez que não é possível lhe atribuir concretude, historicidade. Contudo, o enunciado pode ser constituído a partir de uma oração ou mesmo por uma única palavra, desde que situado, histórico, contextualizado.

Em outro trabalho, intitulado *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2011) explica que as unidades da língua são possíveis de serem reproduzidas em infinitas vezes e formas. Entretanto, por mais reproduzidas que sejam e por mais que seja possível reconhecer uma determinada relação entre essas unidades (contraste, oposição, contraposição etc.), não são dialógicas. Já o enunciado é irreproduzível, ou seja, ainda que seja possível retomá-lo, citá-lo, mencioná-lo, ele não será o mesmo que foi proferido, pois mesmo que o interlocutor recupere exatamente as palavras ditas e as pronuncie, elaborará um novo enunciado, carregado de novos sentidos. Ademais, os enunciados são ligados entre si por relações dialógicas, sendo, portanto, relacionados uns aos outros por meio dos vínculos que estabelecem entre si, sejam esses vínculos antecessores ou sucessores.

Medviédev (2019) em seu capítulo “A avaliação social e seu papel”, na obra *Método formal dos estudos literários*, estabelece uma comparação entre o sentido do enunciado e o sentido do dicionário. No primeiro caso, para o autor, compreender um enunciado “significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam)” (Medviédev, 2019, p. 185). Disso, pode-se depreender que para a compreensão do enunciado é necessário que seja considerado o contexto de seu acontecimento, mas, além disso, também se deve observar o contexto do analista, especialmente quando não são os mesmos. Medviédev (2019) ressalta a relação entre o enunciado e a vida cotidiana e, ainda, em sua reflexão afirma que:

[...] a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros. A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação, saturada de tarefas concretas dessa comunicação: históricas e imediatas (Medviédev, 2019, p. 185).

Tal citação revela que para a palavra “entrar” na unidade da comunicação discursiva – já mencionada por Bakhtin (2016) – ou seja, no enunciado, é preciso que aconteça por meio da vida e não do dicionário. Sobre isso, retoma-se as reflexões em *Os gêneros do discurso*, sobre unidade da língua e unidade da comunicação discursiva nas quais o autor afirma que a unidade da língua pode ser compreendida de forma isolada, sem que seja necessário inseri-la em um contexto, porque faz parte do sistema linguístico, precisando apenas dele para significar, ou seja, conforme Medviédev (2019) são palavras do dicionário. Já a unidade da comunicação discursiva – o enunciado – pode ser constituída pelas unidades da língua, mas não é compreendido de forma isolada, precisa do contexto, porque sua significação se dá na vida, nas relações, no cotidiano.

Ainda conforme Bakhtin (2016), entende-se que os enunciados constituem um “elo” com outros enunciados anteriores, que existiram e significaram antes, e com enunciados futuros, as respostas que suscitarão. Em suas palavras:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter (Bakhtin, 2016, p. 57).

Acresce subsídios a esta reflexão outro texto de Bakhtin (2011, p. 371) intitulado “Apontamentos de 1970-1971”, em que o autor também esclarece sobre o “elo”, quando afirma que o enunciado “é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”. Além disso, o autor explica que “entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas” (Bakhtin, 2011, p. 371). A isso, infere-se que as relações que são estabelecidas entre os enunciados são dialógicas; por isso, as relações do tipo mecanizado, ou seja, aquelas linguísticas, não são suficientes para o seu estudo, já que desconsideram a cadeia enunciativa.

Nessa perspectiva, o enunciado como “elo” e “unidade da comunicação discursiva” pertence ao fluxo da comunicação, da interação, e se constitui por meio desse movimento dialógico que os sujeitos promovem ao interagirem uns com os outros. O enunciado pede por

respostas, da mesma maneira que responde a outros enunciados e é, justamente, essa alternância que constitui os “elos” entre os enunciados.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, especialmente no capítulo “O discurso em Dostoiévski”, Bakhtin (2015a, p. 211) afirma que “as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes”. Essas vozes em embate são as vozes dos sujeitos, constituídos por uma consciência social e ideológica, assim, sempre segundo o autor, é no interior dessas consciências que os enunciados dialogam entre si e ganham significação e sentidos no mundo, estabelecendo diálogos concessivos e/ou conflituosos. Essas vozes só são possíveis se materializadas nos enunciados e expressas por sujeitos que as colocam à disposição para o diálogo.

A característica responsiva do enunciado também é retomada em “O discurso no romance”, quando Bakhtin (2015b, p. 53) afirma que “O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltada para ela. [...] Assim acontece em qualquer diálogo vivo”. Nesse sentido, o diálogo vivo pressupõe uma resposta, existe e acontece na alternância entre os sujeitos. Contudo, essa resposta não é isenta dos novos sentidos que esses sujeitos lhe atribuem, isso significa que a cada nova resposta, há também um “novo” enunciado, que é também uma “palavra-resposta” – uma vez que, para Bakhtin (2015b; 2016), o único ser capaz de ter proferido um enunciado inédito foi o Adão mítico, solitário, primeiro homem a povoar o mundo e a proferir palavras, logo, o primeiro a atribuir nome às coisas. Assim, sempre serão proferidos em situações e momentos diferentes, o que deve ocasionar sentidos e respostas diferentes, pois os enunciados são “[...] um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (Volóchinov, 2019, p. 267).

Em “Metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2011) estabelece uma reflexão sobre a interação humana e afirma que deve partir da relação que se estabelece entre os textos, pois um texto só fará sentido quando relacionado a outros.

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite). (Bakhtin, 2011, p. 401).

Bakhtin (2011) ressalta que esse contato entre textos acontece por meio de um encontro dialógico, isso significa que não se trata apenas de uma comparação de textos, de um contato do tipo “mecânico de ‘oposição’”, mas de um “contato entre indivíduos e não entre coisas”. Dessa forma, colocar os textos em relações proporciona um encontro de vozes, de consciências, de sentidos que permeiam o objeto analisado e os seus contextos, sejam próximos ou distantes. Nessa mesma citação, o autor também explica que a vida de um texto se dá por meio do contato que estabelece com outros textos. Bakhtin (2011) reconhece que apenas a análise da estrutura linguística não compreende o texto como um todo, por isso, concede preferência ao acontecimento, à singularidade.

Contudo, é necessário observar o entendimento que o autor confere à noção de “texto”. A análise dos sentidos deve partir daquilo que Bakhtin (2011), em “Problemas do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, compreende como texto, mas cabe ressaltar que o texto, nos estudos bakhtinianos, significa “o texto como enunciado” (Bakhtin, 2011, p. 308). Além disso, essa compreensão não se resume a um tipo verbal, unicamente.

Assim, o texto/enunciado é constituído de um conjunto lógico de signos, sejam eles pensamentos, experiências, palavras e até mesmo discursos, que são analisados pelo pesquisador como texto, ou seja, como enunciado, como materialidade. Ademais, na perspectiva bakhtiniana, o texto é entendido como enunciado porque, diferentemente da linguística, é considerado em sua integridade concreta e viva, sendo considerados seus aspectos sociais, culturais e históricos como partes constitutivas. O enunciado é entendido, como já dito, como uma “unidade da comunicação discursiva”, como um acontecimento dialógico e “preenche de resposta”. Destarte, para uma análise discursiva dos enunciados é preciso compreendê-los inscritos na temporalidade porque recortam um passado a que respondem e projetam um futuro que exige resposta. Os enunciados são, portanto, sempre essa retomada de um passado e uma projeção de futuridade, em relações dialógicas.

Essa compreensão do enunciado proporciona uma nova reflexão aos estudos da linguagem à medida que avança as possibilidades de análise, não restringindo somente ao campo linguístico, mas permitindo análises discursivas. Dessa maneira, a compreensão das dimensões sociais, históricas, culturais e ideológicas do enunciado coloca em evidência os discursos veiculados na sociedade pelos sujeitos. Na seção seguinte, aborda-se a produtividade do conceitual bakhtinianos, com foco no debate sobre a migração teórica, em especial, destaca-se a questão do gênero do discurso no Brasil, como exemplo de recepção e leitura no campo acadêmico e no ensino de língua materna, assim como se dão suas leituras em algumas áreas de estudos da linguagem.

## A produtividade do conceitual bakhtiniano: uma discussão sobre a migração teórica

Na terceira e última seção, observa-se em particular os espaços de circulação com os quais a reflexão bakhtiniana pode dialogar de modo a tratar da produtividade conceitual. Parte-se de algumas questões que norteiam essa tarefa: Como os estudos bakhtinianos contribuem para pesquisas que tomem como foco a linguagem? Quais são as contribuições que noções advindas desse escopo teórico dão para análises discursivas e/ou para questões de ensino e formação de professores? Como lemos esse conjunto de autores russos no Brasil, à luz das condições de leitura aqui disponíveis? Como a teoria bakhtiniana circulou no Brasil, na área de linguagem? Quais são os interlocutores do Círculo de Bakhtin no Brasil e como esses diálogos são (ou não) produtivos? Como aspectos de tradução e/ou recepção influenciam nas maneiras como estudos brasileiros derivados do Círculo de Bakhtin se configuram? Nem todas as perguntas arroladas acima serão respondidas nestas páginas, mas destaca-se as contribuições que a produtividade do conceitual bakhtiniano promove aos diferentes estudos e pesquisas, de diferentes perspectivas com suas migrações teóricas.

Desde o final da década de 1970, quando as primeiras traduções das obras do Círculo de Bakhtin começaram a circular no Brasil, o que se constata é um amplo diálogo em construção, na apropriação das palavras bakhtinianas para ampliar a percepção do fenômeno da linguagem. As análises discursivas, por um lado, se beneficiaram de campos de trabalho abertos em relação à linguagem por Bakhtin, é o caso das ideias relativas à heterogeneidade discursiva. Os trabalhos realizados por Jacqueline Authier-Revuz colocaram a presença da alteridade no discurso de maneira proeminente, de alguma maneira em diálogo explícito com formulações bakhtinianas a respeito da onipresença do outro na formulação dos discursos. Em “O discurso no romance”, por exemplo, Bakhtin (2015b) argumenta que a *dialogicidade interna do discurso* se dá por retomadas dos discursos outros do passado e por projeção dos discursos dos outros no futuro, em um mecanismo que seria como localizar o enunciado produzido em um corte temporal que retoma um *já dito* e remete a um *ainda por dizer*. Isso, em outras palavras, seria uma marca do outro no dizer, que remete ao passado e ao futuro, simultaneamente.

Por outro lado, ao focar na revisão brasileira dos estudos sobre Bakhtin no que se refere ao ensino de língua e à formação de professores, também houve campo de trabalho para a reflexão dos autores russos no Brasil. Isso se deu a despeito de o próprio Bakhtin ter dedicado, entre os trabalhos autorais conhecidos no Ocidente, apenas um trabalho à reflexão sobre o ensino da língua russa (Bakhtin, 2013). Essa *migração teórica*, para usar um termo de Pampa

Arán (2024), se deu em um espaço para o qual, aparentemente, Bakhtin como autor não havia preparado sua reflexão.

A sorte com que determinadas teorias circulam, a despeito das condições de sua emergência em contexto intelectual específico, foi o objeto do trabalho de F. Cusset (2008). Esse autor refletiu a respeito do traslado da teoria francesa, sobretudo relacionada ao rótulo do *pós-estruturalismo*, para os Estados Unidos. Em seu estudo, o filósofo chegou a considerações importantes a respeito dessa defasagem entre o *campo de origem* da reflexão de autores como Foucault e Derrida e outros contemporâneos e o *contexto de suas leituras* neste lado do Oceano.

O que interessa na reflexão de Cusset (2008), para este texto, é o potencial das ampliações que observa, porque, segundo o filósofo, o fato de diferentes correntes teóricas - como a *teoria da performance*, de J. Butler, que assume como uma de suas fontes os trabalhos de Foucault, ou a *teoria da intotalidade*, de G. Spivak, cuja base está em Derrida - são originadas da ampliação conceitual de teorias de alhures. Ao restringir o debate a apenas estes dois exemplos, seria possível argumentar com Cusset (2008) que a defasagem entre o *campo de origem* e o *campo de chegada* das teorias faz com que na apropriação de textos estrangeiros em outro país a memória se esfume, deixando apenas um rastro e provocando só com esse deslocamento uma leitura nova. Nessa direção, observa-se os deslocamentos de alguns conceitos bakhtinianos para o ensino de línguas, no Brasil. Guardadas as devidas proporções, esses deslocamentos podem ser interpretados sob diferentes ângulos como bons ou ruins, mas não se pode negar que há uma *recontextualização*.

A discussão sobre ensino de gêneros discursivos, por exemplo, está calcada na inserção de conceitual bakhtiniano em políticas de ensino de língua no Brasil. No fim da década de 1990, no primeiro dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Brasil, 1998, p. 21), a proposta aponta para *centralizar o texto* como objeto de ensino e que esse objeto teria uma feição genérica: “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam”. O documento completa, antes da apresentação de uma paráfrase da definição clássica de Bakhtin (2016), “Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura” (ibid). Finaliza esse fragmento citando a distinção entre as partes componentes do gênero, quais sejam, sempre segundo o documento, “conteúdo temático”, “construção composicional” e “estilo”.

Nessa definição aparece, em resumo, uma releitura do conceito bakhtiniano de gênero discursivo, com a ressalva de o documento preferir apenas “gênero”. O conceito apresentado dessa forma, “gênero” sem complementos, que emerge no PCN parece refletir aquele clássico argumento de Marcuschi (2008, p. 152) a respeito da proliferação de trabalhos sobre gêneros e ensino. O autor brasileiro partiu de uma suposta tese de que Bakhtin forneceria “apenas” “subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas”, podendo ser assimilado com proveito pelas diferentes correntes de estudo de gênero. Complementa: “Bakhtin representa [sic] uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem” (Marcuschi, 2008, p. 152). Para pensar nessa questão, por um lado, se supor que há uma concepção de linguagem que, em alguma medida, se refira à perspectiva bakhtiniana, isso não significa que os conceitos de Bakhtin serviriam apenas para uma análise *macro*, nem mesmo por serem suas categorias mais amplas, basta contra-argumentar com o exemplo da BNCC a esse caso.

Quando a BNCC, ao apresentar o componente curricular de Língua Portuguesa, lança mão da memória de documentos oficiais anteriores, como o PCN do ensino fundamental, citado acima, para colocar-se como um seguimento, supõe-se que a ideia de gênero em um documento estaria também no outro. Não é bem assim. Se houve um trabalho um pouco mais amplo com os gêneros no PCN, em 1998, ainda que a segunda parte daquele documento colocasse mais detidamente formas de progressão de conteúdos na escola à luz dos gêneros, o que se observa na BNCC é outro assunto.

Nesse último caso, o que fica patente é uma virada em direção à estrutura do texto que é representada pelos gêneros, que na BNCC são nomeados de maneira indistinta, em muitas ocasiões, como “gêneros textuais”, “gêneros discursivos”, “gêneros textuais/discursivos” ou apenas “gêneros”. Apesar da nomenclatura, no tratamento que as habilidades dispensam ao conceito de gênero e nos usos que propõem em sala de aula desse conceito, o que se visualiza é uma aproximação com a perspectiva de gêneros textuais calcada nos estudos do texto, cuja principal tarefa seria descrever a materialidade dos textos a despeito de seu acontecimento enunciativo de caráter histórico e social. Esse raciocínio foi aprofundado com base em análises do PCN do Ensino Fundamental e da BNCC do mesmo nível em Souza (2025).

Essa circulação da teoria bakhtiniana em um campo que não é propriamente o seu de emergência - aquele representado, grosso modo, pelo entrecruzamento da *ética*, da *estética* e do *epistemológico* no caso da teoria bakhtiniana – reforça o argumento central de Cusset (2008) para quem o *campo de chegada* de uma teoria faz com que essa teoria seja obrigada a dar conta

de outras questões. É o que o autor chamou de “virtudes da descontextualização”, que seria a etapa que precede uma nova contextualização.

Essa circulação dos estudos bakhtinianos em atividades relacionadas ao ensino de língua diz respeito à importância que outros teóricos, também estrangeiros, deram à concepção de linguagem de Bakhtin. Em outros termos, o fato de se conjugarem, ao menos em solo brasileiro, distintas percepções sobre gêneros que pensaram esse objeto do ponto de vista teórico ou aplicado, faz com que as releituras de Bakhtin como “bom-senso” teórico, para usar a expressão de Marcuschi (2008), sejam diferentes daqueles lugares nos quais, em termos institucionais, essa discussão e o interesse que suscita inexistem.

É o caso, por exemplo, do grupo de Genebra, sob a liderança de Dolz e Schneuwly, cuja influência na Linguística Aplicada brasileira é ampla. Ainda que os autores de Genebra tomem o gênero como categoria, seu trabalho se caracteriza pela ideia de “gênero de texto”, apanhada e definida no contexto das regularidades: “Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 83).

Os autores afirmam que o fato de os “gêneros de textos” serem “conhecidos por todos” e “reconhecidos por todos” é que facilita a comunicação. Esses fragmentos também poderiam ser interpretados como uma releitura do ensaio clássico de Bakhtin (2016), pois, o que se vê aqui é a definição de gênero do discurso apresentada sob outra roupagem, com destaque para as regularidades, para atender a outras finalidades. Esses autores direcionam o conceito para o ensino na escola – veja-se que a reflexão desse grupo se destinava ao contexto francófono de ensino de língua materna – que deveria, segundo entendem, focar tarefas como aprender gêneros por meio das regularidades. Assim, o ensino sistemático de gêneros por meio das sequências didáticas seria todo alicerçado pelo trabalho com as regularidades dos gêneros, os quais estão inseridos em práticas de ensino a despeito de sua existência social anterior.

Esse, quem sabe, seja um dos grandes diferenciais da teoria do grupo de Dolz e Schneuwly em relação às formulações de Bakhtin (2016): os gêneros discursivos remeteriam, para o autor russo, às condições sociais e históricas sempre novas em que um enunciado é produzido; seria improdutivo ou irreal pensar, então, em reproduzir de maneira falseada na escola a situação de produção real dos gêneros. Os autores francófonos entendem que os gêneros uma vez “escolarizados” servem a outras finalidades e, portanto, já não se poderia tratar da situação de produção dos gêneros “na escola” como se fossem gêneros que circulam “fora da escola”. Ali devem ser compreendidos pelas finalidades escolares.

Pode-se outra vez observar o fenômeno da *migração teórica* em duas dimensões com o trabalho de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Primeiro, se há uma concepção eminentemente social como pano de fundo de suas percepções e algum tipo de leitura ou releitura do conceito de gêneros discursivos, há uma *migração* para o campo de ensino de língua francesa como língua materna. Nesse trajeto, o conceito de gênero recebe nova nomenclatura e é manuseado a fim de elaborações de caráter didático-pedagógico. Segundo, essa proposta teórico-metodológica pensada nesse contexto aponta que, transladada ao Brasil e aqui ganhando ampla notoriedade e sobrevida, tem-se o procedimento das sequências didáticas basicamente como a principal maneira de ensinar gêneros hoje. Isso não acontece de maneira incólume: nessa recontextualização para ensino de português como língua materna de uma proposta pensada alhures, algumas fontes da reflexão do grupo de Genebra foram esquecidas, dentre as quais o próprio conceitual sobre gêneros.

### **Considerações finais**

O objetivo deste capítulo foi refletir sobre a circulação dos escritos derivados da obra do círculo russo formado por Mikhail Bakhtin, Valentín Volóchinov e Pavel Medviédev no Brasil. Nesse sentido, esta reflexão foi organizada em três seções que se complementam na medida em que apresentam nuances de uma mesma linha-guia: as contribuições dos estudos bakhtinianos para pesquisas em estudos da linguagem.

Na primeira seção do capítulo reflete-se sobre a ideia de obra aberta e de transbordamento teórico, com fins de observar como, apesar dos quase cinquenta anos de circulação brasileira e das distintas formas de ler essa obra, os estudos bakhtinianos são atuais em termos de concepção de linguagem. A seção responde, em alguma medida, à pergunta sobre a vitalidade dessa abordagem teórica apesar do tempo.

A segunda seção do capítulo trata do conceito de enunciado que é flagrado em diferentes textos do Círculo de Bakhtin, revisa, assim, um amplo material para dali extrair uma proposta que é rica do ponto de vista conceitual, amplamente divulgado e até hoje, sob certas circunstâncias, lida como se fosse somente encontrada em poucos textos. A seção visa, então, mostrar a amplitude do material do acervo bakhtiniano que trata de enunciado como uma unidade potencial para análises discursivas.

Na terceira seção do capítulo, por fim, a produtividade do conceitual bakhtiniano é colocada à prova e discute-se ali uma ideia de migração teórica. A proposta dessa porção do texto é perscrutar os caminhos que a teoria bakhtiniana percorreu em sua circulação no Brasil,

por um lado, filtrada pelas referências internacionais, seja no campo do discurso, seja no campo aplicado; por outro lado, alojada na discussão dos documentos oficiais sobre o ensino de língua materna, parte mais extensa da seção, em que o conceitual de gêneros vem ganhando espaço, *apesar de Bakhtin*. Como já discutido, os documentos relativos ao ensino que, desde o final dos anos 1990, vêm colocando ênfase em “ensinar por meio de gêneros” deslocaram a reflexão bakhtiniana para outros espaços de circulação, contrapondo-lhe suas contrapalavras: aproveita-se o que lhes serve enquanto política de estado dessa reflexão e substitui-se o que não ser, ou o que não pode ser reproduzido por outras ideias.

Por fim, é possível dizer que as contribuições dos estudos bakhtinianos permitem, inclusive, problematizar como suas ideias circulam em lugares institucionais que não foram aqueles para os quais o Círculo de Bakhtin trabalhou. Olhar para essas defasagens entre o campo de produção dos discursos teóricos e o campo de circulação enriquece a visão crítica que se pode elaborar sobre as teorias enquanto proporciona uma visão dialógica da formulação dos discursos científicos, sempre atrelados a outros discursos científicos, aos quais responde, ininterruptamente.

## Referências

- ARÁN, P. *A herança de Bakhtin*. Reflexões e migrações. Seleção de textos. Tradução do espanhol de Nathan Bastos de Souza. Campinas: Mercado de Letras, 2024.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.
- BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015b.

- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da obra de Dostoiévski* (Versão de 1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório e posfácio de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 107p, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Língua Portuguesa. Brasília, 2017.
- CUSSET, F. *Filosofia francesa*. A influência de Foucault, Derrida, Deleuze & Cia. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheilla Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019.
- SOUZA, N. B. A (in)distinção nos conceitos de gêneros (discursivos ou textuais) em documentos oficiais de ensino de Língua Portuguesa. In. CAMARGO, G. C. V.; OLIVEIRA, S. A. *Estudos Bakhtinianos: linguagem, ensino e arte*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025, p.61-85. DOI: <https://doi.org/10.51795/97865265184036183> Acesso em: 09 jun. 2025.
- VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

## **“Ninguém jantou”: o corpo negro como categoria de abjeção e as interfaces racismo, violência e horror no conto “Os dentes”, de Janaína Azevedo**

Maria da Glória de Castro Azevedo  
Luciana Borges

*“Para este país  
eu trouxe*

*a cor da minha pele  
meu cabelo crespo  
meu idioma materno  
minhas comidas preferidas  
na memória da minha língua”  
(Lubi Prates)*

### **Um breve horror: o conto como estratégia de impacto**

Contos, não obstante sua estrutura breve, são capazes de acionar um sem-número de meios de impactar leitores e leitoras. A exata lição de Júlio Cortázar (1993) é que, na analogia com as lutas de boxe, o conto sempre ganha o leitor por nocaute, enquanto o romance usualmente ganha por pontos. Esse soco verbal que o conto é capaz de executar como golpe de mestre, relaciona-se diretamente à sua estrutura enxuta, suas poucas páginas que levam a concentrar as ações, sequestrando leitores momentaneamente e causando diversas sensações, entre elas, o horror. Especialmente acionadas nos desfechos, as cenas de horror em contos produzem repulsa, mas a um só tempo, também podem nutrir profundas reflexões, reenviar para o questionamento de estruturas sociais e relações interpessoais mais amplas. Ainda que suas poucas páginas impeçam aprofundamento de fatos, o poder explosivo que o conto apresenta faz com que seus sentidos se expandam, extrapolando o limite do que é dito explícita ou implicitamente em número reduzido de laudas.

“Os dentes” (2020), de Janaína Azevedo, que este artigo analisa com o objetivo de refletir sobre o corpo, o racismo e a escravidão, focando na representação do corpo negro como categoria de abjeção, executa com maestria as lições do conto como gênero, ao trazer, em um conto contemporâneo, o ambiente colonial e as relações assimétricas providas pelo regime escravocrata. Inspirado nas ideias de Zygmunt Bauman e Mauro Mazzeo (2020) sobre o papel da literatura em captar nuances sociais, o presente estudo aborda a função social e cultural do conto ao narrar violências físicas e o necrobiopoder exercido sobre corpos femininos negros.

Portanto, serão abordadas tanto as estratégias de construção do conto, como seus temas e o acionamento do horror como solução narrativa.

Janaína Azevedo é uma escritora (contista e poeta) contemporânea do estado da Paraíba. Dentre seus quatro livros publicados, quais sejam *As Marias* (1999), *Orquídea de cicuta*, (2002) *Canção para dois amores* (2005) e *Narrativas de Areia* (2020), sendo este último onde está publicado o conto aqui analisado, a produção ficcional mostra que as narrativas da autora se situam em torno de histórias de mulheres envoltas em existências fragmentadas, e mundos quebrados, no sentido de que, em nas suas narrativas, as personagens estão no limiar entre sombras e luzes, morte ou abandonos, sagrado e profano, solidão e resistência. São personagens arruinadas, seja emocionalmente, devido às relações amorosas precárias, seja socialmente, devido à perversidade de uma sociedade decadente e patriarcalista. O conjunto da obra de Janaína Azevedo leva leitores e leitoras para o universo sombrio do fantástico com incursões para narrativas do que chamamos de “suave terror”, uma vez que as sombras que acompanham o destino de suas personagens as arrastam para situações limites da existência.

Considerando-se a estética da escrita contemporânea, percebe-se que a autora não busca os experimentalismos de uma narrativa mais fluida e rupturas formais, preferindo o modelo tradicional, semelhante ao universo ficcional de Lygia Fagundes Telles, escritora que exerce boa influência em sua prosa. Azevedo, em sua narrativa, aborda temas existenciais, conflitos internos, e a relação entre o indivíduo e a sociedade utilizando uma linguagem concisa e sofisticada, primando por uma narrativa em que há a exploração da psicologia humana, do fantástico e do realismo mágico, embora suas histórias não estejam ambientadas nos espaços urbanos de grandes cidades. A autora demonstra em suas obras duas qualidades: é uma pesquisadora de seu lugar, fundindo fatos históricos à ficção; é uma boa contadora de histórias, da categoria dos escritores que ouvem as narrativas orais e as transformam em literatura, fato percebido no conto “Os dentes” em que, de acordo com o estudioso Raimundo Melo Segundo:

Há, assim, em *Narrativas de Areia*, além de um compromisso social, relatos de histórias que impactam seus leitores, a exemplo de “Os dentes”, cuja narrativa registra um fato cruel que ocorreu na Casa Rural Portuguesa – Casarão José Rufino, espaço central da cidade de Areia, conhecido como um dos poucos exemplos de senzala urbana no Brasil. (Segundo, 2025, p. 93).

Portanto, a autora, ao recorrer à fantasmagoria que enreda as mulheres de séculos passados, ao privilegiar referências do passado para falar da existência sufocada das mulheres vivendo em cidades pequenas e espaços rurais, está expondo a tradição patriarcalista e a divisão de classes em que um gênero, o feminino, vive em camadas ou categorias de opressão.

Em *Narrativas de Areia*, essas camadas se sobressaem e, mesmo quando algumas personagens logram vingar-se ou se libertar, seus atos estão relacionados a elementos fantasmagóricos, às sombras, à loucura. Embora sendo uma autora contemporânea, a escolha pela ambientação de suas narrativas em décadas de até meados do século XX levam o leitor a pensar em mulheres e homens que povoaram esse Brasil profundo e seus meandros colonialistas e republicanos violentos, classistas e incômodos, em que a mulher é vítima e por vezes é algoz. É olhando para o passado que se entende o presente e se denuncia os espaços de dor e de superação dos subalternos. Portanto, é nesse espaço de consciência social e estética literária contemporânea, na literatura de “suave terror” e historicismo, que se encontra a contista de Janaína Azevedo, alinhando-se à nova narrativa fantástica e de terror das escritoras contemporâneas do cone sul.

Para analisar forma e tema do conto “Os dentes”, a primeira parte do presente texto examina a figura do narrador, discutindo sua técnica literária e as escolhas semânticas que podem gerar desconforto no leitor, explorando a relação entre a objetividade cortazariana e a possível perpetuação de um “racismo literário”. A segunda parte aprofunda-se nos atos de violência contra o corpo negro na sociedade escravocrata, contextualizando-os com os conceitos de “paisagens do medo”, de Yi-Fu Tuan (2005), “abjeção” e “necropolítica”, sob a perspectiva de Berenice Bento (2024).

A análise demonstra como o corpo negro, destituído de sua humanidade, é submetido a um regime de despersonalização e tortura, e como a beleza negra, paradoxalmente, torna-se motivo de punição. Nesse aspecto, vemos também interseccionadas as questões de gênero e raça, uma vez que a violência de gênero é perpassada por uma dinâmica patriarcal de submissão das mulheres. O desfecho do conto, que revela a brutalidade imposta à mulher escravizada por meio de seus dentes, simboliza a completa abjeção e a normalização da crueldade, incitando o leitor a refletir sobre as marcas históricas da violência racial.

### **O incômodo narrador de “Os dentes”, de Janaína Azevedo**

De acordo com Bauman e Mazzeo (2020, p. 14), foram os romancistas os primeiros a se debruçarem sobre as mudanças e as tendências iniciais que se desenhavam na sociedade, captando alterações muitas vezes negligenciadas ou despercebidas pela sociologia por se tratar de sujeitos da marginalidade ou das minorias. O grupo minoritário e marginalizado em nossa sociedade é formado maciçamente por pessoas negras, subvalorizado durante muito tempo tanto pela literatura quanto pela sociologia. É necessário, entretanto, observar que, minoritário

não se refere a um marcador numérico, uma vez que se trata de uma “maioria minorizada” pela desigualdade socioeconômica, racial e geopolítica do Brasil. Tal organização é produto de uma estruturação racista da sociedade, originada no período colonial com a desumanização dos escravizados/as e perpetuada posteriormente pela manutenção da população negra dos extratos econômicos mais baixos, por falta de acesso à escolaridade, à propriedade e à profissionalização. Entende-se, portanto, que o conto aqui analisado desempenha uma função social e cultural, ao narrar histórias de violência física ou necrobiopoder sobre os corpos negros femininos, e o principal elemento estruturante responsável por mostrar os fatos de forma impactante é o narrador. Essa instância ficcional é responsável por estabelecer o tom dos fatos narrados e as escolhas lexicais e enunciativas levam leitores e leitoras ao incômodo.

Walter Benjamin, em *Obras escolhidas* (1977) considera que o narrador é alguém que transmite experiências vividas ou ouvidas, articulando-as em narrativas significativas. Outro elemento essencial no pensamento de Benjamin é a conexão entre narrativa e memória. O narrador é alguém que resgata o passado, sendo a memória coletiva, preservada por meio da narrativa, de grande relevância para a construção de identidades culturais e históricas. Ao iniciar a leitura do conto “Os dentes” ou dos demais contos que compõem o livro *Narrativas de areia* (2020), de Janáina Azevedo, o leitor se depara com um narrador cuja técnica é a de um contador de histórias escritas que parecem marcadas por narrativas orais. Nesse sentido, aproxima-se do pensamento de Benjamin (1977, p. 180) para quem a experiência passada ao longo do tempo, entre as pessoas, serve de fonte a que recorre o narrador, que é visto e respeitado como uma voz experiente, aquele viajou, viu mundos e histórias diferentes, ao mesmo tempo, é capaz de narrar as suas memórias e acontecimentos corriqueiros, prendendo seus ouvintes.

O conto “Os dentes” dá mostras de ser uma narrativa incômoda desde o título, o que se comprova pelo início da narração: “As seis irmãs haviam sido vendidas no mesmo lote, no Porto de Recife. Ao senhor Jorge Torres, custara uma pechincha. O preço das negras tinha caído muito” (Azevedo, 2020, p. 44). Este narrador, que usa frases curtas e palavras duras, inicia de formas seca uma história sobre escravização e desumanização dos corpos negros femininos. O que leva o leitor a voltar ao título: as seis irmãs já são desumanizadas a partir do momento que o que as define são os dentes. Os termos “mesmo lote”, “pechincha” e “preço caído” demonstram que esses corpos perderam a subjetividade de corpo de mulher, são “negras” apenas, animais. Não são pessoas, são “peças”, negociadas a baixo preço para servir de mimo à esposa do senhor Jorge Torres, o marinheiro. A referência ao fato de que deveriam servir “aos caprichos de Maria”, já mostra também que as escravizadas estariam expostas a

violações e abusos, uma vez que a palavra “capricho” em português brasileiro, remete a algo que extrapola os limites do desejo razoável.

Usar e abusar de corpos negros constitui uma constante no ambiente colonial racista. Para entender esses perversos desejos, podemos acionar as proposições de Grada Kilomba que, em seu livro *Memórias da plantação* (2019), mapeia as origens dos principais mecanismos de negação da humanidade aos indivíduos negros na colonialidade, no intuito de explicitar como esses processos permanecem ativos nas sociedades contemporâneas racializadas. A autora aponta a *Infantilização*, que determina a dependência do senhor; a *Primitivização*, a associação à natureza; a *Incivilização*: a associação à violência nata; a *Animalização*: similaridade aos animais; e a *Erotização*: sujeição ao apetite sexual incontrolável e violento (Kilomba, 2019, p. 79 *et passim*) como estruturas mentais e enunciativas que sustentam o racismo. Como *formulae mentis*, afetam toda a percepção dos negros a partir da diáspora africana, constituindo as bases das hierarquias raciais em todo o mundo ocidentalizado. Ao demarcar o lugar objetificado e animalizado das negras compradas, o narrador aciona esses enunciados e toda uma imagética sobre corpos que são, portanto, desumanizados. Mais adiante, a sexualização tomará lugar também na narrativa, no momento em que a senhora Torres tomar percepção do desejo do marido por uma das escravizadas.

Feita essa introdução pelo narrador, o leitor irá percorrer um caminho duplo: o primeiro, é ouvir/ler a história de seis jovens mulheres que foram compradas em um só lote, por um preço baixo e que serão levadas para uma fazenda no interior da Paraíba, escravizadas e à disposição da senhora de engenho, uma portuguesa impiedosa e racista. O segundo caminho, é o incômodo que o narrador provoca, porque ele, a despeito de denunciar a violência e a desumanização sofridas pelas seis irmãs, também as desumaniza na sua performance narrativa.

A perspectiva do narrador, nesse sentido, intensifica os efeitos do conto, uma vez que, segundo Cortázar:

A eficácia de um conto depende de sua *intensidade como acontecimento puro*, isto é, que todo comentário ao acontecido em si (e que em forma de descrições preparatórias, diálogos marginais, considerações *a posteriori* alimentam o corpo de um romance e de um conto ruim) deve ser radicalmente suprimido. Cada palavra deve confluír, concorrer para o acontecimento, para *a coisa que ocorre* e esta coisa que corre deve ser só acontecimento e não alegoria (como em muitos contos de arte Hawthorne, por exemplo) ou pretexto para generalizações psicológicas, éticas ou didáticas. Um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse. É absolutamente literário, e se deixa de o ser, como por exemplo, na literatura de tese, se converte em um veículo literário de um efeito extraliterário, isto é, deixa de ser um conto no antiquíssimo sentido da palavra (Cortázar, 1993. p. 122-123).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Grifos do autor.

Portanto, pode-se afirmar que o narrador de “Os dentes” conflui os acontecimentos para os fatos, sem generalizações, sendo objetivo e focado em contar uma história sem digressões. Esse narrador, preciso na descrição dos fatos narrados, no entanto, é uma cilada para o leitor. Ao se analisar o conto, percebe-se que, por mais que se esteja imerso nas visões da senhora Maria Torres, ainda que isso revele a técnica precisa, sem alegoria ou pretextos éticos, as escolhas semânticas desse narrador não deixam de revelar uma abjeção em torno dos corpos das “negras” como assim ele se refere ao longo da narrativa. Portanto, a pergunta inicial sobre esse narrador é se as escolhas semânticas são propositais, constituindo o conto em estudo como “uma verdadeira máquina literária de criar interesse” como requer Cortázar na citação feita anteriormente, ou se esse narrador não resvala também em uma espécie de racismo literário.

É importante lembrar que esse narrador relata em terceira pessoa e que a narrativa é toda construída com o discurso indireto. Em nenhum momento há a fala da senhora Maria Torres, do seu esposo José Torres nem das seis irmãs, portanto, esse narrador também pode se revelar cruel, aos olhos do leitor, como se pode ver nos trechos:

Ele andava lucrando muito com o comércio dos *negrinhos*. (...) Mandara o empregado examinar uma a uma, as *peças* e as embarcadas para a Vila de Areia (...). Em cada golpe, ela amaldiçoava as *carnes escuras e rijas*, o *sangue grosso e quente* que via escorrer pelas pedras do Sobrado (...) Na casa, as *negras* cuidavam do Sobrado (...) *escravas paridas* (...) O marinheiro *Jorge Torres nunca usara uma escrava, tinha nojo delas, do cabelo pixaim, da pele preta, do suor espesso, a carne grossa.* (Azevedo, 2022, p. 44-47)<sup>2</sup>

As escolhas semânticas desse narrador revelam uma intensidade que estão no palpitar da substância do conto, como se refere Cortázar (1993, p. 123), constituindo-se como intenso porque se apresenta com circunstâncias em sentidos trágicos: as violências pelas quais passam as mulheres negras na fazenda Tanques. No entanto, ainda que esse palpitar da substância do conto alcance o leitor, cabe ainda uma reflexão proposta por Toni Morrison no ensaio “ser ou tornar-se o estrangeiro”, publicado em *A origem dos outros* (2019). Morrison defende que, “portanto, quando falamos ou escrevemos sobre o estrangeiro, o forasteiro, o Outro, devemos ter em mente o que significa essa relação” (2019, p.48). Sendo assim, qual a relação desse narrador com esse Outro, essas outras? Ele se vê como parte ou as vê como as estrangeiras, aquilo que ele, não é?

Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação* (1996), no capítulo destinado ao grifo defende que o grifo representa uma parte da leitura e o olhar do leitor sobre o texto. Para Compagnon:

---

<sup>2</sup> Grifos nossos.

Ler, com um lápis na mão, como recomendava Erasmo, em *De Duplici Copia*, assim como todo ensinamento da Renascença, contornar algo do texto com um forte traço vermelho ou negro é traçar o modelo do recorte. O grifo assinala uma etapa na leitura, é um gesto recorrente que marca, que sobrecarrega o texto com o meu próprio traço. Introduzo-me entre as linhas munido de uma cunha, de um pé de cabra ou de um estilete que produz rachaduras na página; dilacero as fibras do papel, mancho e degrado um objeto: faço-o meu. (...) O grifo na leitura é a prova preliminar da citação (e da escrita), uma localização visual, material, que institui o direito do meu olhar sobre o texto. Tal como um reconhecimento militar, o grifo coloca marcas, localizadores sobrecarregados de sentido, ou de valor; ele superpõe ao texto uma nova pontuação, feita ao ritmo da minha leitura: são os pontilhados sobre os quais mais tarde farei recortes. Toda citação é primeiro uma leitura - assim como toda leitura, enquanto grifo, é citação -, mesmo quando a considero no sentido mais trivial: já li outrora a citação que faço, antes (seria exato?) de ela ser citação (Compagnon, 1996, p. 17-19).

Como aponta Compagnon, o ato de leitura e a interpretação do texto, marcados por grifos e destacamentos, configuram um processo ativo de apropriação, no qual o leitor não apenas absorve, mas também transforma o texto. Assim, a narrativa de “Os dentes” se torna, ao mesmo tempo, uma obra que provoca interesse literário e um espelho que reflete as camadas de complexidade e desconforto que habitam a relação entre o narrador e o “Outro” descrito. Dessa forma, no conto “Os dentes”, o narrador desempenha um papel que transcende a mera descrição dos fatos, sendo simultaneamente um catalisador para a reflexão do leitor e uma figura que carrega significados ambíguos. Ele opera como uma “máquina literária”, nos moldes de Cortázar, ao concentrar a narrativa em acontecimentos intensos e trágicos, mas não escapa à problemática das escolhas semânticas que perpetuam estereótipos e evidenciam preconceitos literários, conforme o leitor pode inferir durante o processo da leitura e dos grifos que por acaso venha a fazer.

Ao falar sobre as narrativas das pessoas escravizadas, Toni Morrison (2019, p. 53) argumenta que embora descrevam incidentes de violência extremamente repulsivos, a questão mais reveladora do que a punição e os tipos de castigos é fazer pensar em quem são essas pessoas que punem o escravizado, chamando-os de desumanos e selvagens, quando na verdade, eles é quem o são, considerando-se que a punição revela a perversidade e o sadismo de quem pratica o ato violento. Por isso, no ato da escrita e da leitura pode ser um encontro de vozes que revelem empatia, maneiras como se vê e se entende o mundo. Ainda, segundo Morrison:

A linguagem (dizer, escutar, ler) pode incentivar, ou mesmo exigir a entrega, a eliminação das distâncias que nos separam, sejam elas continentais ou apenas um mesmo travesseiro, sejam distâncias de cultura ou as distinções e indistinções de idade ou gênero, sejam elas consequências da invenção social ou da biologia. A imagem rege cada vez mais o reino da fabricação, às vezes se transformando em conhecimento, outras vezes contaminando-o. Ao provocar a linguagem ou eclipsá-la, uma imagem pode determinar não apenas o que sabemos e sentimos, mas também o que acreditamos que vale a pena saber sobre o que sentimos. Esses dois deuses

menores, linguagem e imagem, alimentam e formam a experiência (Morrison, 2019. p. 61)

Revela-se então a cilada armada por esse narrador do conto em análise, porque, se a princípio ele narra a dor das outras por meio de uma linguagem e imagem consideradas sem empatia pelo leitor desavisado, ao mesmo tempo ele revela a crueldade, a hipocrisia e a selvageria das pessoas brancas e ricas, e, por extensão, do estado brasileiro da época, portanto, provocando o leitor à reflexão acerca do que sabe e sente sobre a violência patriarcal e branca sobre os corpos negros escravizados e desumanizados. Segundo Han:

A topologia da violência volta-se de imediato àquelas manifestações macrofísicas da violência que aparecem na forma de negatividade, i. e., que se desdobram em relações de tensão bipolares: ego e alter, dentro e fora, amigo e inimigo. Em geral essas manifestações se apresentam de forma expressiva, explosiva, massiva e marcial. Pertencem à topologia da violência o poder arcaico da violência (Gewalt), do sacrifício e do sangue, o poder mítico dos deuses ciumentos e vingativos, o poder de impingir a morte por parte do soberano, a violência de tortura, a violência sem sangue das câmaras de gás ou a violência viral do terrorismo. A violência macrofísica pode adotar ainda uma forma mais sutil e vir expressa, por exemplo, como violência da linguagem. À maneira da violência física, a violência da linguagem reside amplamente na negatividade, pois ela é difamante, des-credenciadora, de-gradante ou des-abonante. (Han, 2017, p. 7-8)

A linguagem adotada pelo narrador, ao aderir ao pensamento das personagens, tornando-se uma só com a percepção deles, reiterando a microfísica o poder da violência da tortura pelos senhores e a violência da linguagem no ato da narrativa. A topologia da violência das ações é também violência da linguagem que as materializa verbalmente no conto. Encontramos, portanto, a maior virtude do horror crítico que Janaína Azevedo consegue construir ao longo de sua tessitura ficcional, pois este se fundamenta especialmente na linguagem violenta e despudorada do narrador, a qual continuaremos analisando a seguir, juntamente com a abordagem dos atos de violência narrados no conto. Tal estratégia resulta em um uma espécie de transporte do leitor/a ao ambiente do conto, de modo que este pode se identificar, ou com quem narra as crueldades com sua linguagem desumanizante ou com a escravizadas que sofrem a desumanização. Ao final do conto, poderíamos nos perguntar: após a leitura, quem leu também conseguiria jantar?

### **Os atos de violência contra o corpo negro na sociedade escravocrata**

O corpo negro escravizado é destituído de sua humanidade para que possa ser violado, explorado, despersonalizado pelo patriarcalismo colonialista exploratório. Ao bestializar o corpo escravizado, o proprietário retira-lhe a sua humanidade, e esse passa a ser o Outro, o

inumano e, portanto, passível de violência. Para que as estratégias de desumanização sejam eficientes, várias manobras podem ser utilizadas, como por exemplo, certa pedagogia de intimidação, utilizada para produzir o medo. Yi-Fu-Tuan (2005), em suas considerações, aborda o modo como a sociedade branca e escravocrata, ao longo do tempo, estabelece as *paisagens do medo*, expondo os objetos do castigo como forcas, pelourinhos, por exemplo, em lugares públicos para que possam provocar medo em possíveis rebeldes. De acordo com Tuan:

Os governantes, de medo que o seu mundo possa se desintegrar, usam a força para impor a ordem. Para que a força fosse um impedimento efetivo as autoridades outrora constituídas acreditavam que ela tinha que ser, ao mesmo tempo, severa e visível. O resultado foi a criação de uma paisagem de castigo, que na Europa foi especialmente notável e horrível no final da Idade Média até o fim do Século XVIII (Tuan, 2005, p. 279).

Essas paisagens do medo são trazidas pelo colonizador e incorporadas à paisagem da casa grande, das fazendas e das cidades brasileiras. A paisagem de castigo representava o poder do proprietário, o colonizador branco e, posteriormente, o cidadão do Brasil império, sobre os corpos escravizados. A essa paisagem do medo eram ainda acrescentados os objetos de tortura. Além desses objetos, a exposição do corpo negro supliciado era uma constante, como indicam a obra plástica de Jean Baptiste Debret e o estudo sobre fotografias e anúncios do período colonial, empreendido por Amanda Braga (2015). A proposição de Braga é que, nesse período, privilegiou-se imagens de um corpo supliciado, no qual cicatrizes de tortura, escarificações étnicas, formas corporais próprias do fenótipo africano contribuíram para a consolidação de um imaginário específico sobre o corpo negro como feio, sujo e animalizado.

Nas imagens em que são reproduzidas pessoas escravizadas a partir de um padrão branco, como as fotos de amas de leite, por exemplo, há a tentativa de apagamento das origens, ao se impor uma retratação europeizada da população africana escravizada que, nem de longe, correspondia à realidade material. No entanto, mesmo nessas fotos, a marca da condição escrava era a ausência de sapatos (Koutsoukos, 2010), ou seja, não se abria mão de mostrar, visualmente, na fotografia, que aquelas pessoas não eram livres, mas propriedade de alguém.

Para Amanda Braga (2015), grande parte das incongruências de representação e da ênfase em aspectos desumanizantes na descrição verbal ou fotografia de pessoas negras advém do paradoxo da condição escrava, especialmente, dos escravizados domésticos, que viviam em contato direto com as famílias brancas da casa grande. Nesse aspecto, as questões da vida sexual na colônia saltam aos olhos em suas contradições:

A devassidão atribuída à negra, cujo fruto seria não apenas a corrupção, mas também a precoce iniciação na vida sexual do menino branco, decorre, antes, do sistema

escravocrata, do que de seu apetite sexual, supostamente mais elevado. [...] Assim, para brancos e negros, a escravidão teria criado papéis sexuais a serem exercidos em nome de um bom funcionamento do sistema. No branco, havia um interesse que perpassava não apenas a esfera sexual, mas também um interesse econômico: era o ventre negro que assegurava o crescimento de sua posse. Do mesmo modo, o *sinhô-moço* foi criado, desde sempre, para ganhão: acompanhado de negras e mulatas desde pequeno, não tardava em jogar-se nos braços de uma delas. Como depositar na negra ou na mulata, então, a responsabilidade pela *intoxicação sexual* que se estendeu para um Brasil escravocrata? (Braga, 2025, p. 70)<sup>3</sup>.

A motivação para algumas torturas e açoites, em várias ocasiões era a beleza do corpo negro, especialmente no caso das mulheres, tidas como ameaça sexual pelas senhoras da casa grande. Interessante é que, estudos como de Braga (2015) mostram que traficantes de escravos e fazendeiros tinham preferência por certas etnias, para compor seus quadros de mucamas e escravas domésticas, por exemplo as etnias Fula e Mina, consideradas mais “adequadas” para esse posto, pelos seus dotes físicos e habilidades no cuidado da casa. Esses critérios de seleção, não raras vezes, ocasionavam “rancor sexual” por parte das senhoras, traduzidos em castigos severos. No conto, é justamente o encantamento de Torres com o sorriso da escrava que motiva a violência final. A advertência dada ao marido pela senhora branca se faz às custas da mutilação da mulher negra, reduzida, nesse caso, à extrema abjeção, e definitivamente colocada sem condições de “seduzir” o homem supostamente vulnerável. Portanto, a paisagem do medo que se instala a partir da ação da senhora é física e psicológica, porque se introjeta na mente das outras personagens do conto (a ponto de ninguém querer jantar) assim como as imagens públicas dos castigos se introjetam na mente das pessoas escravizadas, funcionando como item e domesticação e obediência.

Lélia González, no ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (2020)<sup>4</sup>, sendo pioneira nos estudos que posteriormente seriam chamados de interseccionais, aponta o entrecruzamento entre raça e condição feminina negra ao alertar para a sexualização contínua das mulheres negras, tendo como origem o ambiente escravista colonial. Para a autora, o racismo é a base do sexismo aplicado às mulheres negras a partir dos papéis sociais da mucama e da ama de leite. Recuperando o significado etimológico da palavra mucama no Dicionário Aurélio: “Mucama. (Do quimbundo mu’kama “amásia escrava”). S. f. Bras. A escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes, era ama de leite” (Aurélio, citado por Gonzalez, 2020, p. 81), a autora indica como, a partir da própria denominação dessa escrava doméstica, o uso

---

<sup>3</sup> Grifos da autora.

<sup>4</sup> O ensaio de Lélia González foi originalmente publicado em 1984, sendo originário de uma fala da autora em um congresso da Anpocs: GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

sexual já estava previsto. Podemos acrescentar que os adjetivos “moça” e “de estimação” indicam também a higienização do ambiente senhorial (a juventude, a beleza, o fato de que a maioria das mucamas era mulata ou pretas claras e não retintas), a contaminação afetiva na relação senhora-escrava, e a pressuposição do trabalho sexual embutido na função doméstica.

“Os dentes”, conforme mencionado no início desse texto, inicia-se com a menção às seis irmãs, seis mulheres que foram escolhidas e compradas em um só lote por um senhor de engenho, para presentear sua esposa, uma portuguesa que tinha vindo ao Brasil para se casar e destilar ódio e racismo contra pessoas negras escravizadas. São os corpos abjetos, as vidas matáveis que impulsionam o necrobiopoder sobre a mulher escravizada. O necrobiopoder é um conjunto de políticas que se voltam tanto para a vida quanto para a morte, operando como noções de ontologias sociais: “Nessas ontologias, a cor da pele, o gênero, a classe, a etnia, a região (território) são marcadores apriorísticos” (Bento, 2024, p.104).

Portanto, o necrobiopoder, conceito derivado das teorias de biopolítica e necropolítica, coloca-se como política de violência e morte para o corpo negro escravizado, conforme vemos em:

Maria Torres, apesar de precisar de mais criadas, não a comprovar a compra das seis. Afinal, seriam mais seis bocas para dar de comer. Logo que chegaram, as irmãs tiveram seus cabelos raspados, que aquelas tranças pregadas no couro dava um ar pagão ao resto das carnes das moças, argumentou a portuguesa, enquanto assistia à poda, como dizia. Ela que não atravessava aquele oceano cheio das criaturas mais perigosas, para ter dó dessas negrinhas não se importara com as cabeças sangrando em feios nós de carne, das escravas, nem de suas caretas de agonia.

Para as seis irmãs mandou costurar enormes gibões de baetão, um tecido escuro e pobre, distribuídos em grandes saias rodadas e blusas cobertas por um capotão. As negras, porém, acharam um jeito de amarrar uma embira na cintura que fez a senhora, em estado de possessão, mandar arrancar e as vestes e surrá-las, até que, nela, o ódio ancestral se tivesse arrefecido um pouco. Em cada golpe, ela amaldiçoava as carnes escuras e rijas, o sangue grosso e quente que via escorrer pelas pedras do chão do Sobrado do marinheiro Jorge, honraria conferida ao marido depois de tantas viagens de ida e vinda atravessando sem temor, os temores do oceano. Dos fundos do Sobrado, avistava-se uma das propriedades do português o engenho do Bonito, onde tudo era movimento e açoite e, nem uma gota de suor era desperdiçada (Azevedo, 2020. p.44-45)

No contexto escravocrata, o necrobiopoder é agenciado para justificar a instrumentalização completa dos corpos negros. No caso das mulheres negras escravizadas, isso assume uma faceta ainda mais brutal, pois tais corpos não eram apenas explorados econômica e sexualmente, mas também submetidos a um regime constante de vigilância moral e disciplinar. Nesse contexto, a violência de gênero emerge como mecanismo de controle patriarcal, mesmo quando aplicada por uma outra mulher, no caso, a senhora branca. A prática de raspar os cabelos das seis irmãs, exemplifica essa tentativa de apagar traços identitários e culturais que poderiam oferecer uma forma de resistência simbólica. O cabelo, carregado de

significados ancestrais e espirituais, é reduzido a “tranças pregadas no couro”, algo que deveria ser eliminado para satisfazer a visão colonizadora de pureza e conformidade.

Outro aspecto relevante no conto é o uso da vestimenta como mecanismo de controle e submissão. A costura dos gibões de baetão e a imposição de um vestuário que ocultava completamente o corpo das mulheres negras refletem a ideia de que seus corpos deveriam ser invisibilizados e neutralizados. Porém, a tentativa das escravas de ajustar as vestes para criar algum nível de conforto ou expressão de identidade — ao amarrar uma embira na cintura — revela a persistência de uma agência silenciosa, mesmo diante de condições extremas de opressão. Esse ato de resistência, por pequeno que pareça, desencadeia uma reação violenta da senhora Maria Torres que recorre à surra como forma de reafirmar seu domínio e reforçar as paisagens do medo.

A violência física é seguida de uma violência simbólica, pois cada golpe é acompanhado de maldições dirigidas às “carnes escuras e rijas”. Aqui, o ódio ancestral mencionado na citação não é apenas dirigido ao corpo negro, mas à própria existência de uma subjetividade que se recusa a ser completamente apagada. Os acontecimentos narrados no conto constelam com as pontuações de bell hooks sobre as relações entre mulheres brancas e negras:

Na maioria das casas onde havia escravizados, mulheres brancas eram tão ativas no papel de agressora físicas de mulheres negras quanto os homens brancos. Enquanto as mulheres brancas raramente agrediam fisicamente homens negros escravizados, elas torturavam e atormentavam mulheres negras. Sua aliança com homens brancos no interesse comum, o racismo, fez com que ignorassem o impulso antimulher que também motivava ataques às mulheres negras. (hooks, 2023. p. 73).

É o que se evidencia nos atos da proprietária Maria Torres para com as mulheres escravizadas, para quem não bastava colocá-las para trabalhar até a exaustão, enfeiar seus corpos, raspar seus cabelos, castigar seus corpos, vender seus filhos. Para aquelas cujos filhos ainda estivessem com elas, era preciso machucá-los como forma de demonstrar poder e controle dos corpos:

Muitas vezes, para castigar as escravas da casa, dona Maria Franca Torres dava pancadas fortes nas bocas dos filhos delas, até jorrar sangue e as impediam de cuidar dos pequenos. Outras vezes, mandava-as juntar todas as escravas da casa, eram dezenas delas, e ordenava uma delas que escolhesse a que iria para o tronco àquele dia. Era preciso aliviar o tédio naquele fim de mundo para onde viera, fugindo do caritó (Azevedo, 2020. p. 46-47).

A citação extraída da obra de Azevedo (2020) em análise revela como a escravidão no Brasil colonial era um espaço onde o poder necropolítico se manifestava de forma brutal. A imagem das crianças sendo agredidas por Dona Maria Franca Torres exemplifica como a

violência física era um instrumento de controle, não apenas sobre os corpos das mulheres escravizadas, mas também sobre suas comunidades e descendentes. Aqui, a vida é reduzida a um estado de precariedade, no qual o sofrimento e a degradação servem como entretenimento e reafirmação do poder absoluto de quem domina. A escolha forçada das escravizadas sobre quem seria submetida ao tronco revela uma outra camada desse poder, ao transformar a vítima em cúmplice do mecanismo opressor, amplificando os traumas e diluindo a solidariedade entre os subjugados.

A necropolítica não se limita ao ato de matar; ela também envolve formas de “fazer morrer” e “deixar viver” que reduzem corpos à mera sobrevivência. Sob esse prisma, os corpos das pessoas escravizadas eram espaços de experimentação para a crueldade e a desumanização, reforçando a lógica de que certos indivíduos estão fora da esfera de proteção social e cidadania. No cenário descrito por Azevedo, o “alívio do tédio” de Dona Maria é construído sobre a dor de outrem, evidenciando a normalização da violência como parte da estrutura social.

Assim, se dos corpos negros eram retirados a sua humanidade, também não lhe era permitido, pelo necrobiopoder que esses corpos abjetos tivessem atributos de beleza. A beleza, no corpo da mulher negra escravizada era motivo de tortura por parte das mulheres brancas, por isso, esses corpos deveriam estar em uma condição degradada, excluída de quaisquer sociabilidades. Berenice Bento (2024) argumenta que pouco se fala da abjeção imposta aos corpos negros, visto que os corpos merecedores de cuidados e de pertencimento social e político eram os corpos brancos, da sociedade patriarcal, livres das impurezas dos corpos negros.

É no final do conto que o leitor entende a razão do título “Os dentes”, culminando com a ideia do necrobiopoder e da abjeção aos corpos negros escravizados na sociedade brasileira oitocentista:

O marinheiro Jorge Torres nunca usara uma escrava, tinha nojo delas, do cabelo pixaim, da pele preta, do suor espesso, a carne[...]. Um dia, o marinheiro entrara na cozinha, sem avisar, e dera com uma das irmãs, rindo e exibindo os dentes brancos como leite quente que saía do ubre da sua melhor vaca. Perdera-se na contemplação, até que fora trazido de volta pelos chinelos pesados de Dona Maria, que lhe perguntava por que ele não desgrudava os olhos da negrinha.

Dois dias depois daquele episódio, quando voltar da capital da província, onde fora tratar de dotações para sufocar o movimento revolucionário que se deflagrava na Paraíba, Dona Maria oferecera a ele e aos seus convidados, um fino jantar: cobertos por uma cúpula, ainda com um naco de sangue, os trinta e dois dentes da negrinha, brancos como leite quente que saía do ubre de sua melhor vaca, eram-lhe servidos. Perdera-se no horror da contemplação, até que fora trazido de volta pela voz pesada de Dona Maria.

Ninguém jantou. (Azevedo, 2020. p. 47).

O conto “Os dentes” simboliza, em seu desfecho chocante, a brutalidade do necrobiopoder exercido sobre corpos negros, transformando o que é belo e humano em objeto de humilhação e destruição. A contemplação do marinheiro, diante dos dentes brancos da escrava, transcende o desejo e expõe uma profunda contradição: a atração pela beleza pura que os corpos negros podiam oferecer, simultaneamente negada e punida pela violência extrema. Como leitores, não temos a imagem da escrava mutilada, mas intuimos seu corpo violado, a dor, a desconfiguração da face anteriormente bela, e essa “paisagem de medo” nos toma, assim como toma a todos os presentes sentados à mesa.

Azevedo tece uma crítica incisiva à desumanização e à abjeção impostas aos escravizados, enquanto Bento (2024) argumenta que a sociedade patriarcal e racista privilegia corpos brancos como merecedores de cuidado e pertencimento, marginalizando os corpos negros na esfera social e política. O conto culmina em um ato grotesco que ilustra o abandono completo da humanidade, reforçando o papel do necrobiopoder na perpetuação da exclusão e do horror. Assim, “Os dentes” não apenas mergulha o leitor na barbárie do período, mas também incita reflexões sobre as marcas indeléveis da violência racial, ainda visíveis nas estruturas contemporâneas da sociedade.

### **Considerações finais**

Este artigo propôs uma imersão no conto “Os Dentes”, de Janaína Azevedo, revelando como o conto articula a violência da escravidão, a violência de gênero e o racismo, notadamente por meio da abjeção do corpo negro feminino. Ao analisar o narrador e os atos de violência perpetrados na sociedade escravocrata, foi possível evidenciar as complexidades éticas e semânticas presentes na representação da dor e da desumanização dos corpos das mulheres negras escravizadas.

A abordagem do narrador, concisa e focada nos acontecimentos, demonstrou a habilidade da autora em construir uma “máquina literária” que prende o interesse, conforme as diretrizes de Cortázar. Contudo, essa objetividade, por vezes, resvalou em uma ambiguidade que permitiu ao leitor questionar se as escolhas semânticas do narrador não replicavam, em certo nível, o próprio racismo que a obra buscava denunciar. Essa tensão entre a forma e o conteúdo, entre a denúncia da violência e a linguagem que a descreve, é um dos pontos mais instigantes do conto, convidando à reflexão sobre a posição do narrador e a recepção do leitor, em diálogo com as ideias de Compagnon (1996) sobre o “trabalho da citação” e a apropriação ativa do texto.

A análise aprofundada dos atos de violência, como a raspagem dos cabelos e a imposição de vestimentas, revelou a brutalidade do necrobiopoder operando sobre os corpos negros. Conforme discutido por Bento e hooks, a mulher negra, em particular, era alvo de uma violência física e psicológica que visava aniquilar sua humanidade e subjetividade. A cena final do conto, com a macabra exposição dos dentes da escrava, condensa a essência da abjeção e da desumanização. Essa imagem chocante não apenas ilustra a barbárie do período, mas também provoca uma reflexão sobre as “paisagens do medo” de Yi-Fu-Tuan, que moldaram o imaginário e a estrutura social da época, e cujos ecos ainda ressoam nas dinâmicas raciais contemporâneas, como a contínua exposição midiática de corpos negros violentados e assassinados diuturnamente pela polícia e pelo poder público, maltratados, supliciados, encarcerados por um sistema cujas bases se ressentem da ampla colonialidade que o formou. Corpos matáveis e mutiláveis, objetificados, sexualizados e precarizados nas periferias econômicas e na economia dos afetos.

“Os dentes”, portanto, transcende a mera representação histórica. Ele serve como um convite à reflexão sobre a persistência de ideologias racistas e patriarcais que operam na desumanização do Outro, em consonância com as indagações de Toni Morrison sobre a relação com o estrangeiro. O conto de Janaína Azevedo, ao confrontar o leitor com a crueza da violência escravocrata, instalando o horror corporal em suas imagens finais, reitera a urgência de uma leitura crítica e empática que reconheça as complexas camadas de representação e os impactos duradouros do racismo na sociedade brasileira.

## Referências

- AZEVEDO, Janaína. *Narrativas de areia*. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Mauro. *A arte da vida: conversas sobre o presente e o futuro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- BENTO, Berenice. *Abjeção: a construção histórica do racismo*. São Paulo: Editora Bregantini, 2024.
- BRAGA, Amanda. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Carlos: EdUfscar, 2015.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (Organização Flávia Rios, Márcia Lima). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAN, Byung-Chul *Topologia da violência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. Rio e Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEGUNDO, Raimundo Melo Neto. À sombra da cerração: uma escrita sob o casario da tradição. In: Empresa Paraibana de Comunicação (Org.). *Paraíba na literatura VI*. João Pessoa: Editora A União, 2025.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

# SINCRONIA E DIACRONIA: OS NOMES PRÓPRIOS E GEOGRÁFICOS NA TEORIA DE FERDINAND DE SAUSSURE

Eliane Silveira  
Stefania Montes Henriques

## Introdução

Sabe-se que o Curso de Linguística Geral<sup>5</sup> é o resultado de uma edição, realizada por C. Bally e A. Sechehaye, das anotações dos alunos que participaram dos três cursos de linguística geral ministrados por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, além de algumas notas autógrafas do linguista. Publicado em 1916, o CLG é considerado a obra responsável pela fundação da Linguística Moderna, tendo em vista a delimitação da língua como objeto de estudo e o estabelecimento dos pressupostos teóricos a partir dos quais se deve considerar o seu funcionamento.

A partir de 1955, no entanto, vem à tona um conjunto de manuscritos doados pela família de Saussure à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra<sup>6</sup>. O conhecimento desses documentos possibilitou que a teorização de Ferdinand de Saussure, antes conhecidas somente por meio do CLG e de poucos trabalhos publicados, fossem agora acessíveis por meio de suas notas autógrafas, nas quais se encontra não só o movimento<sup>7</sup> de elaboração de conceitos presentes no CLG como também outros temas, tais como estudos toponímicos, os anagramas e as lendas germânicas.

A descoberta desses documentos provocou um processo de retomada e releitura da teoria saussuriana, em que não necessariamente se coloca em questão a edição realizada por Bally e Sechehaye<sup>8</sup>, mas principalmente se passa a olhar para esses documentos de modo que sua investigação possibilite a complementação ou elucidação de conceitos que possam ter ficado obscuros no CLG.

É com essa perspectiva que pretendemos, neste texto, investigar de que modo os conceitos de diacronia e sincronia incidem nas elaborações saussurianas sobre os nomes próprios (NP) e geográficos (NG). Aqui, cabe fazer um adendo do motivo pelo qual escolhemos

---

<sup>5</sup> Doravante CLG.

<sup>6</sup> De acordo com Marchese (2003), a chegada desses documentos pode ser dividida em quatro momentos: em janeiro de 1955, a família de Saussure doa vários manuscritos para a Biblioteca de Genebra; em novembro do mesmo ano, Mme. Bally doa os manuscritos que estavam em posse de Charles Bally; em 1968, os filhos de Ferdinand de Saussure vendem alguns manuscritos, por intermédio de Roman Jakobson, para Harvard; e, por fim, em 1996 novos manuscritos são encontrados na casa de campo de Saussure.

<sup>7</sup> Tomamos a noção de movimento aqui do trabalho de Silveira (2007).

<sup>8</sup> Bouquet (2006) parte do pressuposto de que os editores teriam falseado as elaborações de Ferdinand de Saussure na edição dos cursos de linguística geral, perspectiva esta que não colaboramos.

tratar dessa categoria linguística em específico. Desde a Antiguidade Clássica, por exemplo, se discute a relação entre os nomes e os objetos aos quais eles se referem. Essa discussão se estende durante todo o desenvolvimento dos estudos da linguagem, mas toma novas proporções a partir do momento em que se diferencia nome próprio, sentido e referência (Frege, 1892). Não nos alongaremos nessa discussão, porém é importante que seja reconhecido que os nomes próprios ocuparam um lugar de destaque na filosofia da linguagem a partir das elaborações de Gottlob Frege.

Poder-se-ia pensar, desse modo, que tal como na filosofia, o NP também teria recebido na linguística um tratamento especial. Entretanto, não foi isso que aconteceu. Essa categoria linguística ocupa, na verdade, um lugar marginal, recebendo, inclusive, a denominação de “parente pobre” da Linguística (Molino, 1982, p. 5). No que concerne às elaborações de Saussure, deve-se ressaltar que os NPs e NGs aparecem de forma explícita somente uma vez no CLG, na parte dedicada à Linguística Diacrônica, especificamente no capítulo sobre o fenômeno da analogia.

A ausência de considerações mais aprofundadas sobre os NPs e NGs na Edição fez com que vários estudiosos considerassem que Saussure teria ignorado essa categoria linguística em seus estudos. Dentre esses autores, podemos citar Gary-Prieur (1991) e Seiler (2007). A primeira afirma que Saussure pode ser considerado como um exemplo de uma perspectiva de “marginalização do nome próprio”. De acordo com ela, “uma reflexão sobre o signo linguístico deveria encontrar o nome próprio. Ora, o Curso de Linguística Geral é estranhamente mudo sobre esse ponto.” (Gary-Prieur 1991:12)<sup>9</sup>. Seiler (2007), por sua vez, afirma que “Saussure estava prestes a perceber que os nomes próprios (no sentido amplo do termo) se encaixavam mal em sua teoria da natureza do signo linguístico.” (Seiler 2007:99)<sup>10</sup>

Por outro lado, o que parece ter escapado a esses autores é que, em pelo menos três momentos do CLG, a negação da concepção de língua enquanto nomenclatura é asseverada pelo linguista suíço, o que de certo modo nos ajuda a entender o tratamento que os NPs e NGs teriam recebido e qual o seu lugar no arcabouço teórico saussuriano. Ademais, como bem afirma Chiesa (2008, p. 11):

---

<sup>9</sup> “ [...] une réflexion sur le signe linguistique devrait rencontrer le Nom Propre. Or le Cours de Linguistique Générale est étrangement muet sur ce point.”

<sup>10</sup> “Saussure était sur le point de se rendre compte que les noms propres (au sens large du terme) s’accordaient mal à sa théorie de la nature du signe linguistique.”

Mas rejeitar a concepção de linguagem como uma nomenclatura não implica em rejeitar a nomenclatura enquanto caso particular da linguagem e, por consequência, de uma série de palavras, a saber os nomes, que comportam uma referência aos objetos dos quais os locutores têm consciência. Trata-se, então, de reexaminar a questão da nomenclatura nos escritos de Saussure.<sup>11</sup>

Concordamos com o autor no sentido de que a negação à nomenclatura, no CLG, não implica na negação de existência da categoria linguística que lhe é correlata. Assim, considerando o que já foi exposto a respeito dos manuscritos saussurianos, somos instigados a procurar em outros documentos, para além da Edição, um desenvolvimento teórico do funcionamento dos NPs e NGs.

Há, por exemplo, registros de três comunicações proferidas à Société d'Histoire et Archéologie de Genève, que tiveram como foco principal o estudo dos topônimos da região genebrina, intituladas “Le nom de la ville d’Oron à l’époque romaine”(28 de março de 1901) e “Origine de quelques noms de lieux de la région genevoise”(29 de janeiro de 1903)<sup>12</sup> e "Les burgondes et la langue burgonde en pays romance" (15 de dezembro de 1904). Os resumos destas comunicações encontram-se na obra *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure*, organizada por Léopold Gautier e Charles Bally, e que compreende todas as publicações em vida do linguista. Além disso, acredita-se que o manuscrito Notes Item. Sème et Sôme<sup>13</sup> tenha sido escrito no mesmo período, devido ao fato de que contém uma menção à obra “Essai de Sémantique” de Michel Bréal, publicada em 1897, além de conter uma elaboração sobre os NPs e NGs.

Assim, é partindo do pressuposto de que essa categoria estabelece uma relação com os objetos presentes no mundo e, desse modo, possuiria peculiaridades em seu funcionamento que pretendemos analisar as considerações saussurianas acerca destas categorias linguísticas à luz da distinção entre sincronia e diacronia. Isto se justifica na medida em que, se estas categorias linguísticas são distintas dos signos saussurianos por apresentarem uma característica de fixidez com os objetos aos quais se referem, então podemos nos questionar se elas escapariam

---

<sup>11</sup> "Mais le rejet de la conception du langage comme une nomenclature n’implique pas le rejet de la nomenclature en tant que cas particulier du langage et par conséquent d’une série de mots, à savoir les noms, qui comportent une référence à des objets dont les locuteurs sont conscients. Il s’agit des lors de réexaminer la question de la nomenclature dans les écrits de Saussure".

<sup>12</sup> A comunicação proferida no dia 29 de janeiro de 1903 é a única da qual temos conhecimento do manuscrito, publicado em 1998, no Cahiers Ferdinand de Saussure 51.

<sup>13</sup> Os manuscritos utilizados neste trabalho foram selecionados e reproduzidos pela Profª Drª Eliane Mara Silveira, durante sua estada em Genebra, no período de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).

a uma análise sincrônica da língua em virtude de possuírem características distintas dos outros signos.

Para responder a essa questão, este texto está dividido em três partes, a saber, i. um percurso teórico pelos conceitos de sincronia e diacronia e, ainda, a apreensão da relação estabelecida entre essas duas ordens no sistema linguístico saussuriano; ii. Com base no que foi exposto no item anterior, desenvolveremos uma argumentação que abarca a questão do nome próprio e dos topônimos no CLG, no *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure* e no manuscrito saussuriano *Notes Item. Sôme et Sème* e, por fim, iii. Faremos breves considerações sobre a relação entre a diacronia e os NP e NG e a possibilidade de uma teoria saussuriana que abarque estas categorias linguísticas.

### **Sincronia e diacronia: o tempo e o sistema na teoria saussuriana**

Falar de sincronia e diacronia implica em falar da noção de tempo em Saussure. Isto por que é este conceito que permite a separação de duas ordens distintas no estudo da língua. De acordo com Saussure (1979), a partir do momento em que se considera a língua enquanto um sistema de valores, deve-se atentar para o fato de que o “fator tempo” influencia na Linguística de maneira que há a necessidade de separá-la em duas ciências distintas. Isso porque não há a possibilidade de se estudar a variação dos valores no tempo ao mesmo tempo em que se estuda a dependência que eles mantêm entre si no interior do sistema. (cf. Normand, 2009, 142). Dessa forma, o tempo age de tal forma na Linguística que os elementos que compõem a língua estarão situados em dois eixos: o eixo das simultaneidades e o eixo das sucessões. O primeiro caracteriza-se por não ter nenhuma intervenção do tempo de maneira que os elementos coexistem e se relacionam no interior do sistema. Em contrapartida, no segundo não há elementos coexistentes: um elemento é considerado por vez, ou seja, sucessivamente. A existência desses dois eixos implica, então, em uma diferença na maneira de se analisar os fatos linguísticos. Para Saussure (2012 [1916], p. 145), temos, assim, uma distinção entre Linguística estática e histórica:

De modo geral, é muito mais difícil fazer a Linguística estática que a histórica. Os fatos de evolução são mais concretos; falam mais à imaginação; as relações que neles se observam se estabelecem entre termos sucessivos que são percebidos sem dificuldade; é cômodo e, com frequência, até divertido acompanhar uma série de transformações. Mas a linguística que se ocupa de valores e relações coexistentes apresenta dificuldades bem maiores.

Segundo Normand (2009), a insistência com que Saussure se empenha em separar radicalmente sincronia e diacronia decorre da tentativa de afastar as condições exteriores de sua teoria do signo (Normand, 2009, p. 53). O objetivo do genebrino era, em primeiro lugar, estabelecer a linguística enquanto ciência, delimitando-lhe um objeto específico que não tivesse nenhuma interferência exterior em seu funcionamento. Partindo desse ponto de vista, o linguista deve se deter no estudo do eixo das simultaneidades, analisando um estado de língua. Mas o que seria um estado de língua e como se pode analisá-lo?

Para Saussure (2012 [1916], p. 146), um estado de língua é “[...] um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima”. Nesse sentido, estudar um determinado estado de língua implica desconsiderar transformações que não são muito relevantes para o funcionamento do sistema. Além disso, o estudo sincrônico da língua justifica-se na medida em que o falante só tem conhecimento do estado de língua no qual está inserido. Ele não precisa conhecer a história da língua que utiliza para lhe aprender o funcionamento. (cf. Normand, 2009, p. 53)

Mas e a diacronia? Qual sua importância para a teorização saussuriana na medida em que esta prioriza o estudo sincrônico da língua? Normand (2009, p. 53) explicita que a diacronia é

(...) a evolução de uma língua no tempo, a sucessão das modificações que a transformaram e que podem, graças à comparação, ser deduzidas dos estados precedentes. Essas modificações que tornam uma língua irreconhecível em relação às formas de partida atestadas (o latim para o francês, por exemplo), atingem uma diferenciação tal que produzem sistemas diferentes (como as línguas romanas em relação ao latim).

É na fala dos indivíduos de uma comunidade, sem que eles estejam conscientes, que se dá “o germe das modificações” da língua. Essas modificações só serão consolidadas quando se tornarem um fato de língua aceito por toda a comunidade linguística. Dessa forma, pode-se afirmar que, apesar dos fatos diacrônicos não constituírem por si mesmos o sistema linguístico, eles condicionam de maneira indireta o seu funcionamento. Como bem afirma Saussure (2012 [1916], p. 128-129):

Como as alterações jamais são feitas no bloco do sistema, e sim num ou outro de seus elementos, só podem ser estudadas fora do sistema. Sem dúvida, cada alteração tem sua repercussão no sistema; o fato inicial, porém, afetou um ponto apenas; não há nenhuma relação interna com as consequências que se podem derivar para o conjunto.

Considerando, então, a diferença entre os termos sucessivos e os termos coexistentes, não é possível que essas duas ordens de fatores sejam analisadas por uma mesma ciência. Faz-se necessário, segundo o linguista suíço, tomar a língua ou pela sincronia ou pela diacronia. Não obstante, falar nessas duas ordens implica em falar de um ponto importante – e paradoxal – que é a propriedade de imutabilidade e mutabilidade do signo. Segundo Saussure (2012 [1916]), o signo é imutável devido ao fato de ser arbitrário e não obedecer à vontade do falante. A massa social sempre conhece a língua como uma herança da época anterior e, mesmo que os falantes de uma determinada comunidade linguística fossem mais conscientes do funcionamento da língua, não teriam a capacidade de discuti-la na medida em que sempre estão satisfeitos com o sistema linguístico que utilizam. Assim,

Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. (Saussure, 2012 [1916], p. 114)

O Tempo, da mesma forma que assegura a imutabilidade da língua, também lhe proporciona a possibilidade de mudança. Assim, Saussure (2012 [1916]) explicita que é justamente por ser contínua que a língua pode se modificar. Entretanto, esta modificação não é resultante somente da ação da massa falante. Faz-se necessário que uma língua esteja, ao mesmo tempo, inserida no tempo e sendo utilizada por uma comunidade linguística. Dessa forma,

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente na alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações. (Saussure, 2012 [1916], p. 93).

As modificações pelas quais a língua se submete são, em sua maior parte de natureza fonética. Entretanto, estas alterações não possuem um caráter significativo – já que só acontecem no nível fonético – e não proporcionam mudanças consideráveis no sistema. Por outro lado, as formas analógicas proporcionam modificações que não se restringem ao nível dos sons, tendo em vista que há a intervenção das ideias. No próximo tópico, pretendemos explicitar a natureza dos fenômenos da analogia e da mudança fonética e relacioná-los com a questão dos nomes próprios e geográficos.

## A analogia e os nomes próprios/geográficos

Como dissemos anteriormente, as mudanças fonéticas são distintas das formas analógicas. Isto porque, enquanto as primeiras limitam-se ao domínio dos sons e consistem em um fator de perturbação na medida em que, ao alterar um determinado fonema, ele será alterado em todas as palavras que o possuam. Em contrapartida, as formas analógicas consistem em “modificações normais do aspecto exterior das palavras que não sejam de natureza fonética”. (Saussure, 2012 [1916], p. 215).

Para Saussure (2012 [1916]), a analogia consiste em um dos principais fatores de evolução da língua, tendo em vista que, em consonância com as mudanças fonéticas, proporciona a passagem de um estado de língua para outro. Um aspecto importante a ser colocado sobre a analogia é que ela trabalha com as formas já existentes na língua. Assim,

[...] a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que é inteiramente gramatical e sincrônica. (Saussure, 2012 [1916], p. 223).

Neste sentido, antes que a analogia crie uma forma nova, há que haver uma distinção entre as formas já existentes e, conseqüentemente, uma comparação inconsciente dos signos que constituem o sistema linguístico. A partir do momento que isso ocorre, esta nova forma coexistirá com a forma antiga, até que esta última caia em desuso.

É conveniente que nos detenhamos por um instante na relação que a analogia possui com o conceito saussuriano de fala. É, ocasionalmente, na fala de um indivíduo isolado, que se inicia criação analógica. A partir do momento que o indivíduo compara inconscientemente as formas já existentes na língua, ele tem a possibilidade de criar uma nova forma por intermédio da analogia. Entretanto, essa criação só será consolidada a partir do momento em que coexistir com a forma antiga em uma determinada comunidade linguística. Assim, “nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo.” (Saussure, 2012 [1916], p. 226).

Mas em que sentido os NP e NG se relacionam com a questão da analogia e da diacronia? É, ao tratar da analogia e sua relação com a evolução da língua, que Saussure explicita uma “limitação” deste fenômeno:

As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. *Paris, Genève, Agen* etc.), que não

permitem nenhuma análise e, por conseguinte, nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles. (Saussure, 2012 [1916], p. 231)

Ora, a analogia, como já dissemos, é um fenômeno gramatical e sincrônico, tendo em vista que se dá a partir da comparação das formas já existentes pelo falante, ou seja, ela é um fenômeno que implica a análise dos signos linguísticos no eixo das simultaneidades e não das sucessões. Se os NPs e NGs são considerados, na sincronia, como palavras isoladas e que não permitiriam nenhuma análise, como se pode considerar seu funcionamento no sistema e o fato de que são transmitidos de geração em geração? Essa categoria linguística se submeteria a outro processo de mudança? Talvez seja possível responder essas questões pensando nas análises desenvolvidas por Saussure em seus estudos sobre a toponímia suíça e no manuscrito *Notes Item. Sôme et sème*.

Em *Le nom de la ville d'Oron à l'époque romaine*, comunicação proferida por Saussure em 28 de março de 1901<sup>14</sup>, Saussure utiliza-se de seu conhecimento linguístico para analisar os nomes de lugares que estariam no “L’itinéraire d’Antonin”<sup>15</sup>. De acordo com ele, o sufixo *-magus*, presente em nomes como *Oronmagus* e *Novionmagus*, desapareceu em quase todos os nomes daquela região: *Oronmagus* = *Oron* e *Novionmagus* = *Noyon*. Segundo Gauchat (1901), Saussure chega à conclusão, por intermédio de um método rigoroso e de deduções morfológicas convincentes, de que determinados nomes de cidades presentes Itinerário de Antonin são, na verdade, outros nomes. É válido afirmar que, mesmo que tenha se utilizado de métodos e deduções morfológicas, Saussure não faz nenhuma consideração mais profunda sobre a natureza destes nomes. Além disso, nos parece óbvio que as constatações do linguista são o resultado de uma reflexão diacrônica, tendo em vista que são comparados dois estados de língua distintos, nos quais houve, em alguns topônimos, a queda do sufixo *-magus*.

A segunda comunicação, intitulada *L’origine de quelques noms de lieux de la région genevoise*, foi proferida em 29 de janeiro de 1903 e publicada no *Bulletin de la Société d’Histoire et d’Archéologie de Genève*. Nesta comunicação, Saussure explicita que os nomes *Joux* e *Jura* sempre estiveram em concorrência e que não são sinônimos. A palavra *Joux* é considerada como uma palavra comum e se aplica a quaisquer florestas de pinheiros – em alguns dialetos suíços. Apesar de não explicitar qual o significado da palavra *Jura*, Saussure nos leva a acreditar que *Jura* é um nome geográfico. No mais, também não há considerações

---

<sup>14</sup> O resumo que utilizaremos como objeto de nossa análise foi redigido por Louis Gauchat e publicado no *Journal de Genève*, em 7 de abril do mesmo ano.

<sup>15</sup> L’itinéraire d’Antonin é um itinerário feito com o intuito de traçar um percurso do Império Romano.

mais profundas sobre a relação entre estes dois nomes. Segundo o resumo<sup>16</sup> publicado no *Bulletin de la Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève*:

Existe, portanto, um emaranhado muito grande de fatos linguísticos em torno dos dois nomes de Joux e Jura, dos quais o Sr. de Saussure apenas indica enumerativamente as fases principais, reservando-se o direito de retornar à questão com mais detalhes. (Bulletin..., *apud* Gautier; Bally, 1969, p. 610)<sup>17</sup>.

Como já mencionado anteriormente, ao contrário das outras duas comunicações, esta possui um manuscrito preparatório. Nele, percebe-se que as análises dos topônimos Creux de Genthod, Ecogia, Carouge e Jura são de natureza etimológica e diacrônica, no sentido que consideram a origem desses nomes e a forma com que as mudanças fonéticas ocorreram com o passar dos anos. Saussure igualmente aplica o mesmo método utilizado na comunicação de 1901: por de deduções morfológicas, baseadas em documentos de diferentes épocas, busca-se apreender o processo de mudança dos topônimos.

Por fim, em 15 de dezembro de 1904, Saussure profere a comunicação intitulada *Les Burgondes et la langue burgonde em pays romance*, na qual trata do povo burgúndio e de sua língua. Ainda que o foco de sua análise sejam os topônimos, nessa comunicação Saussure faz menção aos Nibelungen, uma das lendas germânicas que foram objeto de seus estudos entre 1903 e 1910<sup>18</sup>. Ainda sobre essa comunicação, o genebrino ressalta que da língua burgúndia sobraram apenas alguns nomes próprios e termos jurídicos e, dessa forma, seria difícil afirmar se essa língua pertencia ao grupo ocidental das línguas germânicas ou ao grupo do gótico. (cf. Saussure *apud* Gautier; Bally 1922, p. 606).

Percebe-se que, apesar de se dedicar aos estudos dos topônimos nessas comunicações, o interesse principal de Saussure relaciona-se com uma perspectiva histórica que, ao que nos parece, não diz respeito somente à diacronia – à história da língua – mas sim à história dos povos. Se, em suas publicações em vida, Saussure não se deteve de maneira aprofundada nos NP e NG, nos manuscritos, por sua vez, é possível encontrar uma reflexão sobre este tema. Como dissemos, o manuscrito *Notes Item. Sème et Sôme*, faz menção à obra *Essai de Sémantique* de M. Bréal, publicada em 1987. Tendo em vista que Bréal (1987) trata

---

<sup>16</sup> Não há menção ao autor do resumo desta comunicação.

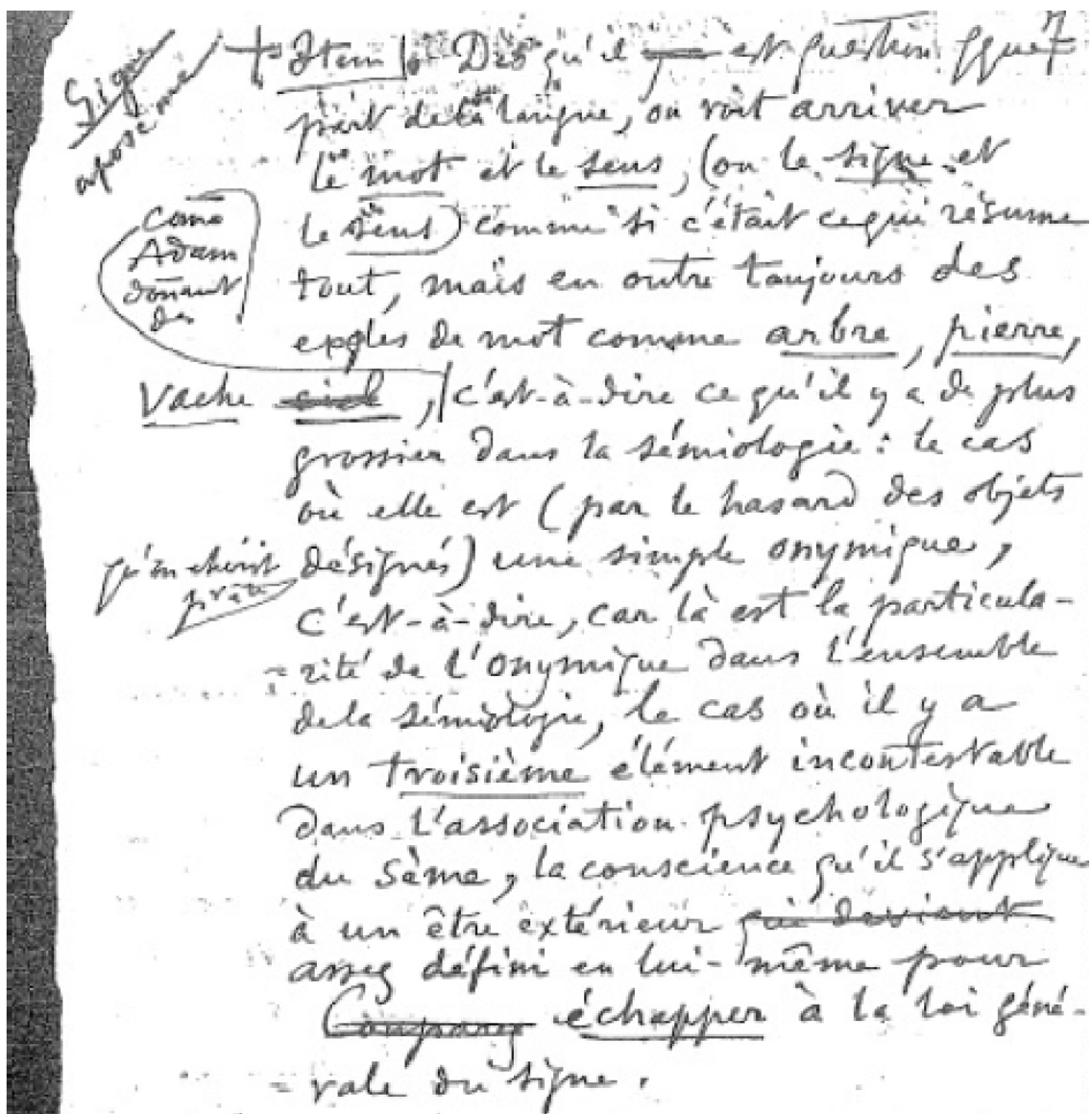
<sup>17</sup> “Un très grand enchevêtrement de faits linguistiques existe ainsi autour des deux noms de Joux et de Jura, dont M. de Saussure n'indique qu'énumérativement les phases principales, en se réservant de revenir sur la question plus en détail”.

<sup>18</sup> Em virtude do espaço limitado, não trataremos considerações sobre os NPs e NGs neste texto. Entretanto, Henriques (2019) investiga não só essa categoria linguística como também os conceitos de fala e história nos manuscritos sobre as lendas germânicas em sua tese de doutoramento.

detidamente sobre a questão dos NP e NG, somos levados a levantar a hipótese de que o manuscrito saussuriano foi escrito no início do século XX. Mas, quais são as reflexões que Saussure faz sobre estas categorias linguísticas?

De acordo com Chiesa (2008), Saussure indicaria, implicitamente, dois tipos de relações estabelecidas pelo signo linguístico. Uma delas seria de natureza horizontal e aconteceria dentro do sistema linguístico, estabelecida entre um signo e outros signos que o antecedem e o precedem. Podemos afirmar que, essa relação é aquela explicitada na teoria do valor. O outro tipo de relação seria de natureza vertical e abarcaria a relação entre os nomes próprios/topônimos e os objetos aos quais esses nomes se referem.

Tendo em vista que é a relação vertical estabelecida entre um signo e um objeto que nos interessa nesse artigo, passaremos à análise dos excertos selecionados do manuscrito “Notes Item”, que tratam das noções de NP e NG, na perspectiva saussuriana.



Item. Des qu'il ---- est question quelque part de la langue, on voit arriver le mot et le sens (ou le signe et le sens) comme si c'était ce que resume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme arbre, Pierre, ciel, vache, *comme Adam donnent des [ ]* c'est-a-dire qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie : le cas où elle est (par hasard des objets *qu'on choisit pour être désignés*) une simple onymique, c'est-a-dire, car là est la particularité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un troisième élément incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur ~~qui deviant~~ assez défini en lui-même pour ~~comparer~~ échapper à loi générale du signe.<sup>19</sup>

No excerto 1., Saussure explicita que alguns elementos possuem relação com aquilo que designam. Este fenômeno é chamado de onímica e consiste no caso mais grosseiro da semiologia na medida em que os signos possuem, além de um significante e um significado, uma relação externa com um terceiro elemento, a saber, o referente. É interessante notar que o linguista se utiliza de exemplos de nomes comuns, como vaca, pedra, céu, etc. Exemplos similares serão utilizados posteriormente para corroborar a tese saussuriana do arbitrário do signo. (cf. Saussure, 2012 [1916]).

Mas, o que nos interessa neste excerto são dois pontos teóricos. O primeiro diz respeito à própria afirmação de que determinados signos estabelecem uma relação com um terceiro elemento e o segundo, por sua vez, consiste na consequência do estabelecimento desta relação exterior: “[...] a consciência de que ele se aplica a um ser exterior bastante definido em si mesmo para **escapar à lei geral do signo.**” Qual seria essa lei geral do signo? A resposta para essa pergunta está longe e um consenso. Para Fehr (2000, p. 128), ela consistiria no fato de que ele pode ser transmitido através do tempo. De acordo com ele, as críticas saussurianas direcionadas aos filósofos baseiam-se principalmente no fato de que eles, “[...] não consideram o papel desempenhado pelo processo de transmissão das línguas na constituição do signo. Ora, para Saussure, é precisamente a ‘transmissão que nos ensina, experimentalmente, isso que vale o signo’”<sup>20</sup>. Em contrapartida, Engler (1962, p. 58) afirma que a lei geral do signo seria o

---

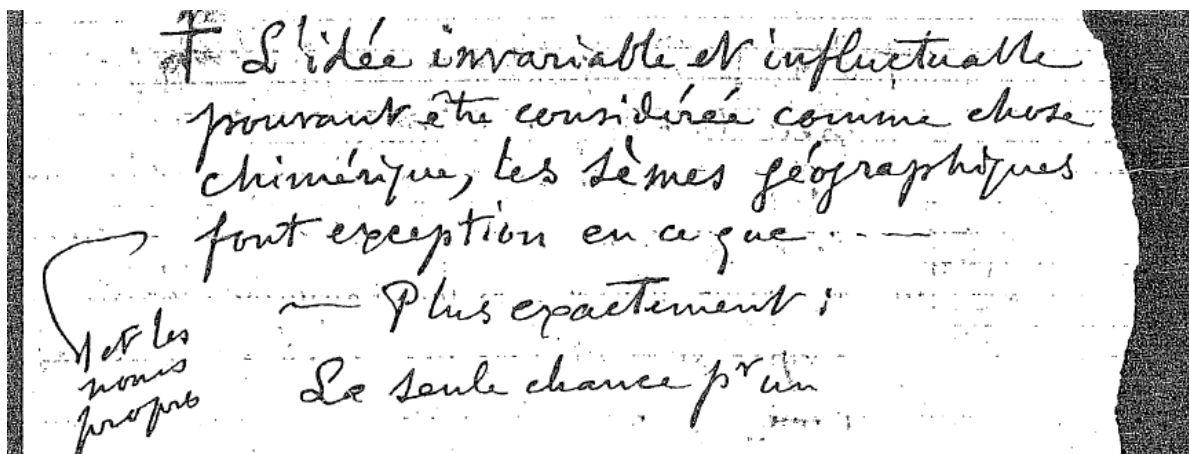
<sup>19</sup> Quando está em questão alguma parte da língua sobrevém a *palavra* e o *sentido* (ou o signo e o sentido) como se isso resumisse tudo mas, além disso, exemplos de palavras como *árvore*, *pedra*, *vaca*, como Adão que dá [ ], ou seja, o que há de mais grosseiro na semiologia: o caso em que ela é (pelo acaso dos objetos que se escolhe para serem designados), uma simples onímica, ou seja, pois essa é a particularidade da onímica no conjunto da semiologia, o caso em que há um *terceiro* elemento incontestável na associação psicológica do sème, a consciência de que ele se aplica a um ser exterior bastante definido em si mesmo para *escapar à lei geral do signo.* (tradução nossa)

<sup>20</sup> “[...] ne prennent pas en compte le rôle joué par le processus de transmission des langues dans la constitution du signe. Or, pour Saussure, c'est précisément la «transmission qui seule nous enseigne, expérimentalement, ce que vaut le signe.»

arbitrário: “vemos que para ele [Saussure] só os nomes próprios e os nomes geográficos escapam ao arbitrário”<sup>21</sup>. Nesse sentido, a natureza do signo linguístico é arbitrária e é ela que fundamentaria teoricamente todo o sistema saussuriano.

Temos uma tendência a pensar que a posição de Engler é mais coerente do que a de Fehr (2000), tendo em vista que, nas comunicações proferidas à Société d’Histoire et Archéologie de Genève, Saussure demonstra, dentre outros aspectos, que o que permaneceu da língua burgúndia pode ser encontrado justamente nos topônimos. Não obstante, há o desenvolvimento de uma análise diacrônica a respeito dessa categoria linguística. Assim, a transmissão não só ocorreu como também pode-se afirmar que os nomes estão submetidos à mudança fonética.

Entretanto, concordar totalmente com Engler (1962) nos leva a questionar os motivos pelos quais os NPs e NGs escapariam ao arbitrário. Seria em virtude de possuírem uma relação com um terceiro elemento, ou seja, com um objeto exterior? Na continuação desse excerto, encontramos a seguinte passagem:



Excerto 2. Pg. 8

L’idée invariable et in fluctuante pouvant être considérée  
comme chose chimérique, les sèmes géographiques et les noms  
propres font exception en ce que ... [ ]

- Plus exactement : [ ]

La seule chance pour un [ ]<sup>22</sup>

<sup>21</sup> “on voit en fin de compte, qu’il n’y a plus pour lui [Saussure] que les noms propres et les noms géographiques qui échappent à l’arbitraire”

<sup>22</sup> “A ideia invariável e in flutuável poderia ser considerada como coisa quimérica, os semas geográficos e os nomes próprios fazem exceção na medida em que [ ] – Mais exatamente: [ ]A única chance para um[ ]”.

Essa afirmação, embora marcada por hesitações, nos leva a considerar — ainda que de forma indiciária — que a noção de uma ideia inflexível e invariável poderia parecer quimérica. No entanto, ela não o é, pois os semas geográficos e os nomes próprios constituem exceções ao princípio geral de variação e flutuação das ideias. Nesse contexto, o que se evidencia na constituição dos nomes próprios é que a ideia que os compõem apresenta uma natureza distinta daquela que compõe os demais signos do sistema. Enquanto os outros signos linguísticos resultam da união entre uma ideia e uma imagem acústica — em uma relação mútua, arbitrária e necessária —, os nomes próprios parecem conter uma ideia dotada de certa fixidez, ou seja, uma capacidade singular de estabilidade, algo que seria positivo.

### **Considerações finais**

A análise empreendida ao longo deste capítulo permitiu evidenciar que, embora os nomes próprios e geográficos ocupem um lugar marginal no *Curso de Linguística Geral*, eles não estão ausentes da reflexão saussuriana, especialmente se considerarmos o conjunto mais amplo de manuscritos e comunicações produzidas por Ferdinand de Saussure.

A partir da distinção entre sincronia e diacronia, observamos que esses nomes apresentam uma configuração particular dentro do sistema linguístico: ao mesmo tempo em que parecem escapar ao funcionamento analógico sincrônico — por serem considerados palavras isoladas, insuscetíveis à comparação e à criação concorrente —, sua permanência e transformação ao longo do tempo indicam que estão, sim, submetidos a processos de mudança diacrônica, especialmente de natureza fonética.

As comunicações proferidas à Société d’Histoire et Archéologie de Genève, bem como o manuscrito *Notes Item. Sôme et Sème*, reforçam essa ambivalência. Se, por um lado, o tratamento dos topônimos nessas comunicações evidencia uma abordagem histórica e etimológica, sugerindo uma análise diacrônica pautada na sucessão de formas, por outro, no manuscrito, Saussure elabora uma reflexão teórica mais profunda sobre a natureza dos nomes, propondo que eles estabelecem uma relação com um terceiro elemento — a consciência que se aplicam a um terceiro elemento — e, nesse sentido, escapariam à “lei geral do signo”, possuindo uma ideia relativamente estável e definida.

Assim, os nomes próprios e geográficos se revelam categorias linguísticas que tensionam a teoria saussuriana do signo e os limites entre sincronia e diacronia. Essa tensão não desestabiliza o arcabouço teórico do linguista, mas aponta para uma abertura interpretativa

que enriquece a compreensão do funcionamento linguístico. Ao reexaminar esses nomes à luz da distinção entre os dois eixos temporais saussurianos, é possível afirmar que eles não estão fora do sistema, mas antes exigem um olhar sensível à sua especificidade, tanto na relação com o tempo quanto com o referente.

## Referências

- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CHIESA, C. Saussure, Aristotel et l'onymique. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue suisse de linguistique générale, n.61. p.5-21. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure. Genève: Librairie Droz S.A., 2008.
- GARY-PRIEUR, M-N. *Le nom propre constitue-t-il une catégorie linguistique?*. , v. 92, 1991. p. 4-25.
- HENRIQUES, S. M. *Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história*. 2019. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- HENRIQUES, S. M. *O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?* Campinas: Editora da Abralín, 2021.
- MOLINO, J. Le nom propre dans la langue. *Langages*, Paris, ano 16, n. 66, juin 1982. p. 5-20.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184 p.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1979.
- SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1967.
- SAUSSURE, F. Notes Item. Sôme et sème . In '*Papiers Ferdinand de Saussure*', 3951: 'Notes de Linguistique Générale'. Bibliothèque de Genève, 1891.
- SAUSSURE, F. Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure. *L. Gautier e C. Bally (orgs)*, Genève : Société anonyme des éditions Sonor, 1922.

SEILER, H. Signifiant, signifié et la communication. In: *Mélanges offerts à René Amacker*, Genève: Librairie Droz, 2006. 253 p.

SILVEIRA, E.. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística moderna*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TESTENOIRE, P.Y. *Le nom propre em débat au tournant du siècle (Whitney – Bréal - Saussure)*. *Histoire, épistémologie, réflexivité*. Paris, 2008. Disponível em:

<http://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08040.pdf> Acesso em: 23 jul. 2025.

## **Do silêncio à insurgência: imagens do insólito e (re)configurações do feminino em contos de Amparo Dávila**

Ana Lúcia Trevisan  
Claudia Cristina Ferreira

A leitura literária exerce um fascínio perene por sua capacidade de articular, simultaneamente, com precisão e ambiguidade, uma linguagem potente, uma vez que revela e oculta sentidos. Ao combinar palavras que insinuam mais do que afirmam, os textos literários constroem entrelinhas que desafiam interpretações unívocas, abrindo espaço para diálogos históricos e subjetivos plurais. A literatura, nesse sentido, não se limita a reproduzir o real; ao contrário, o real nela forjado é sempre uma construção imaginativa, uma quimera simbólica que condensa e transfigura a experiência.

Nas narrativas da escritora mexicana Amparo Dávila, inseridas no campo do fantástico, essa lógica se intensifica: suas histórias orbitam em torno do impossível, do absurdo e do insólito, instaurando atmosferas que tensionam as fronteiras do que se compreende como realidade. No entanto, o insólito que nelas se manifesta não conduz ao hermetismo, ao contrário, é precisamente por meio do desconcerto e do estranhamento que essas narrativas iluminam, de forma potente, aspectos profundos da experiência humana. A força expressiva do fantástico reside, assim, na criação de imagens simbólicas e metafóricas que desestabilizam certezas e provocam o pensamento, revelando e lançando luz sobre conflitos subjetivos, históricos e sociais.

A obra da escritora mexicana, ainda, permanece pouco conhecida pelos leitores brasileiros, embora a autora possua um lugar proeminente no âmbito dos estudos literários hispânicos e tenha se destacado pela produção de contos que se alinham, em muitos aspectos, aos sentidos da narrativa fantástica produzida no século XX. Vale assinalar que existe, desde 2015, o *Premio Nacional de Cuento Fantástico Amparo Dávila*. A obra da autora, que inclui também uma produção poética, expressa um olhar sensível a respeito dos contextos socioculturais que envolvem o cotidiano feminino, revelando na trajetória de suas personagens, alguns questionamentos latentes a respeito de uma macroestrutura social, silenciadora de desejos e ações. Tanto a loucura, como o desejo e a violência irrompem nas ações de personagens femininas que, embora silenciadas, guardam em segredo sua emancipação.

Neste artigo, são analisados os contos “El huésped”, “La señorita Julia” e “La celda”, cuja autoria pertence à escritora mexicana Amparo Dávila, no intuito de compreender

diferentes estratégias de representação de vozes femininas que, sobrepujadas por discursos autoritários, redefinem-se a partir do confronto com o evento insólito. O monstro, remodelado em múltiplas figuras, invade os espaços femininos e a busca de sua eliminação reverbera em subversões impensadas das identidades das personagens, inicialmente moldadas como vítimas.

A imagem do insólito surge, nesse contexto, como uma face ambígua que oculta e revela a essência do feminino: o incompreensível irrompe no cotidiano das personagens, instaurando um embate que se dá em um plano profundamente subjetivo. Tanto a aparição do monstruoso quanto sua confrontação se tornam perceptíveis apenas na perspectiva das personagens femininas, revelando, nesse processo, o desmoronamento de verdades instituídas pela ordem social e a emergência de desejos reprimidos. Assim, os caminhos do insólito se tornam vias de leitura crítica do feminino, pois expõem as máscaras impostas e os mecanismos históricos de silenciamento (Antuniassi; Ferreira, 2024; Ferreira; Trevisan, 2024a, 2024b, 2025).

As contribuições teóricas de Rosalba Campra (1991, 2008), Jaime Alazraki (2001) e David Roas (2001, 2011, 2014) sobre o fantástico literário abrem renovadas possibilidades de interpretação para essas imagens do insólito ficcional e, neste estudo, orientam uma reflexão sobre os impulsos transgressores que se reconfiguram nas figuras monstruosas. Em tais contos, evidencia-se a perspectiva crítica do fantástico, capaz de revelar uma realidade simultaneamente desconcertante e transgressora.

Nos contos estudados, observa-se como a construção da hesitação e da ambiguidade, elementos essenciais à estética do fantástico, permeiam a ação das personagens e instauram os meandros de uma tensão narrativa constante, intensificada tanto pela organização cronológica dos acontecimentos quanto pela composição claustrofóbica e opressiva dos espaços. Esses elementos narrativos não apenas sustentam a dúvida sobre a natureza do insólito, mas também tensionam a percepção da realidade e da subjetividade das personagens.

Nos contos emergem vozes femininas que, submetidas a discursos autoritários, muitas vezes manifestados sob a forma da opressão ou da invisibilização, passam por um processo de reconfiguração identitária quando confrontadas com a irrupção do insólito. A figura do monstro, remodelada em diferentes imagens (uma presença invasiva, um ser disforme ou uma entidade inominável), ocupa os espaços tradicionalmente femininos, como a casa, e rompe com a estabilidade de um cotidiano normatizado.

A tentativa de eliminar essa presença monstruosa, longe de restaurar a ordem, desencadeia uma cadeia de eventos que ecoa em impensadas subversões das identidades dessas personagens. Nesse movimento de confronto com o insólito, as fronteiras entre medo e desejo, repressão e emancipação, realidade e delírio, tornam-se cada vez mais porosas, permitindo a

emergência de uma crítica implícita aos papéis femininos tradicionalmente impostos. A tensão narrativa, assim, não se limita ao suspense, mas torna-se dispositivo de revelação de conflitos mais profundos relacionados ao gênero, ao corpo e à opressão simbólica.

Os contos “La señorita Julia” e “La celda” apresentam como protagonistas duas personagens que compõem um imaginário social no qual os papéis da mulher solteira se reconfiguram. Em ambas as narrativas, as personagens encontram-se ante a iminência do casamento e, na medida em que se constrói a aproximação da figura masculina, surge, também, a imagem do insólito, como elemento aglutinante e revelador do desespero e da loucura, conduzindo ao impedimento do matrimônio, ao afastamento da ordem social e à ruptura com a representatividade simbólica da figura masculina.

No conto “La señorita Julia” observa-se, já no título do conto, a referência ao estado civil da personagem e, no desenrolar do enredo, entende-se a crescente desconstrução da personagem central, a senhorita Julia, que parecia plenamente desenhada e adequada para uma vida socialmente articulada com um padrão rígido e pré-definido. A personagem é definida pelo olhar dos seus colegas de escritório da seguinte maneira: “La señorita Julia era una de esas muchachas de conducta intachable y todos lo sabían. Su vida podía tomarse como ejemplo de moderación y rectitud.” (Dávila, 2009, p. 53). A personagem, completando uma composição bastante emoldurada em normas sociais, está comprometida: “Desde hacía algún tiempo estaba comprometida con el señor De Luna, contador de la empresa, quien la acompañaba todas las tardes desde la oficina hasta su casa.” (Dávila, 2009, p. 53)

A ruptura de uma previsibilidade do destino da personagem ocorre quando ela passa a escutar um ruído em sua casa, durante a noite. Inicialmente, ela atribui estes barulhos a possíveis ratos, que estariam correndo pela casa à noite. O conto apresenta uma sequência cronológica que aprisiona o leitor numa crescente tensão e na conseqüente expectativa quanto ao desfecho. Uma vez instaurado o elemento inexplicável, que se dá, justamente, porque os ratos nunca são encontrados, configura-se uma imagem insólita que passa a conduzir toda a ação da personagem Julia, conduzindo a uma completa deterioração psicológica.

Hacia más de un mes que Julia no dormía. Una noche la había despertado un ruido extraño como de pequeñas patadas y carreras ligeras. Encendió la luz y buscó por toda la casa, sin encontrar nada. Trató de volver a dormirse y no pudo conseguirlo. A la noche siguiente sucedió lo mismo, y así, día tras día... Apenas comenzaba a dormirse cuando el ruido la despertaba. La pobre Julia no podía más. Diariamente revisaba la casa de arriba abajo sin encontrar ningún rastro. Como la duela de los pisos era bastante vieja, Julia pensó que a lo mejor estaba llena de ratas, y eran éstas las que la despertaban noche a noche. (Dávila, 2009, p. 54)

Uma vez que perde o sono “trató de volver a dormirse y no pudo conseguirlo” (Dávila, 2009, p. 54) devido ao ruído estranho, atribuído aos ratos que pareciam circular pela casa, a senhorita Julia, gradativamente, entrega-se à obsessão por eliminar os ratos. Porém, tendo em vista que ela se nega a explicar o seu tormento, pois ela teme o julgamento daqueles com quem convive, como seu noivo, sua família e os companheiros do escritório onde trabalha, os ruídos noturnos atribuídos aos possíveis ratos passam a ganhar proporções dilatadas e anunciam o insólito. A situação insólita se instaura na medida em seu empenho por eliminar os ratos, que somente ela escuta, conduzem a um estado de crescente ensimesmamento. A senhorita Julia, pouco a pouco, estará perdida em seus medos e suas conjecturas sem sentido, tornar-se-á incomunicável, aprisionada em si mesma.

O insólito, no conto “La señorita Julia”, manifesta-se de forma sutil e angustiante, não por meio de uma aparição concreta ou sobrenatural, mas como um ruído perceptível apenas pela protagonista, marcando a irrupção de uma alteridade que rompe a estabilidade do cotidiano. Tal ruído não se limita ao som físico: ele reverbera como metáfora de uma inquietação interna, de uma presença que não pode ser nomeada e que invade os sentidos e a percepção da personagem. A experiência do insólito, deste modo, configura-se na incomunicabilidade da senhorita Julia, que, embora reconheça a dramaticidade de sua situação, é incapaz de verbalizá-la, paralisada pelo medo do julgamento alheio.

O olhar do outro é o verdadeiro monstro que a vigia e a condena, mesmo em sua ausência. A personagem assume contornos de vítima, não apenas de uma ameaça externa, mas sobretudo de um sistema de valores sociais que impõe à mulher padrões rígidos de conduta, ordem e aparência. A senhorita Julia teme ser percebida como suja, negligente, desajustada, teme a desordem da casa como extensão simbólica de sua própria subjetividade desorganizada. A recusa da expressão de seus sentimentos leva à instauração de um ciclo vicioso, no qual o silêncio retroalimenta a opressão. O medo de ser julgada torna-se a força que a impede de romper com a clausura, perpetuando sua condição de isolamento. Neste contexto, o insólito não está apenas no evento sensorial ou na ameaça invisível, mas no modo como a linguagem falha, no modo como a subjetividade feminina é silenciada.

O conto descreve a voz de Julia, absolutamente convicta da presença dos ratos que não a deixam dormir: ‘Toda la noche escuchó ruidos, carreras, saltos, resbalones... ¡Aquellas ratas se divertían de lo lindo, pero sería su última fiesta!’ (Dávila, 2009, p. 55). Esses ruídos insuportáveis conduzem a personagem a uma completa deterioração física e psicológica. Ao mesmo tempo, a sua figura desolada pela impossibilidade de dormir, será percebida pelos colegas do escritório de forma bastante crítica, revelando nas insinuações as muitas camadas

da sociedade, que aprisionam. O insólito se redimensiona quando conjugado à percepção dos outros personagens. A tensão do conto aumenta gradativamente, na medida em que a opinião dos que convivem com Julia tecem suas ponderações, insinuam suas suspeitas. Ela acaba perdendo a razão, aprisionada em sua incomunicabilidade ou assolada pela presença insólita dos tais ratos noturnos?

— ¿Te fijaste en la cara que tiene hoy? — Sí, desastrosa. — No sé cómo puede presentarse a trabajar así, hasta un niño sospecharía... — ¿Entonces tú también crees...? — ¡Pero si es evidente...! — Nunca me imaginé que la señorita Julia... — Lo que a mí me da coraje es que se haga pasar por una santa. — A mí me da mucho dolor verla, la pobre ya no puede ni con su alma. — ¡Claro!, a su edad... (Dávila, 2009, p. 54).

A personagem tentará eliminar sozinha os ratos e a explicação dessa atitude também compõe um quadro de aprisionamento social:

La señorita Julia compró trampas para ratas, queso y veneno. Y no permitió que Carlos de Luna la acompañara, porque le apenaba sobremanera que llegara a saber que su casa se encontraba llena de ratas. El señor De Luna podía pensar que no había la suficiente limpieza, que ella era desaseada y vivía entre alimañas (Dávila, 2009, p. 55).

Todas as suas tentativas frustradas de eliminar os ratos que a atormentam são inúteis e nas suas considerações, vislumbra-se vozes sociais: “La pobre Julia empezó a probar diariamente un nuevo veneno. Y tenía que comprarlos en sitios diferentes y donde no la conocieran, pues en los lugares adonde había ido varias veces comenzaban a verla con miradas maliciosas, como sospechando algo terrible” (Dávila, 2009, p. 56).

Pouco a pouco, os ruídos que atormentam Julia durante toda a noite, espelham-se nos outros ruídos, agora das vozes da sociedade, que acompanham o seu dia a dia e a impedem de explicar, comunicar-se, expandir sua identidade. Os ruídos só podem ser de ratos, ainda que ninguém e nenhum veneno possam detê-los. Sozinha e prisioneira de sua percepção da realidade, “Pensaba que su única salvación consistiría en descubrir ella misma algún poderoso veneno que acabara con aquellos diabólicos animales, puesto que ningún otro producto de los ordinarios surtía efecto en ellos” (Dávila, 2009, p. 55). Na sequência dos acontecimentos degrada-se a relação com o noivo:

Las relaciones de Julia con el señor De Luna se habían ido enfriando poco a poco, y no porque ésta fuera la intención de ella. Cuando empezó a sufrir aquella situación desquiciante, se rehusó a verlo diariamente como hasta entonces lo hacía, por temor a que él sospechara algo. Experimentaba una enorme vergüenza de que descubriera su tragedia. De sólo imaginarlo sentía que las manos le sudaban y la angustia le provocaba náuseas. Después ya no

era sólo ese temor, sino que Julia no tenía tiempo para otra cosa que no fuera preparar venenos. (Dávila, 2009, p. 56, grifos nossos).

O noivo delinea-se como um personagem bastante singular, muito semelhante em suas atitudes ao perfil da personagem de Julia, antes de que sofrera o tormento noturno do barulho dos ratos. Cabe refletir que diante de todos os sintomas que demonstra Julia a hipótese de doença ou loucura não é aviltada pelos outros personagens. O que surge é sempre a suspeita de um deslize de sua moral.

Empezó a sufrir en silencio aquel repentino y extraño cambio de Julia y a esperar que un día le abriera su corazón y se aclarara todo. Pero Julia cada día se alejaba más y el señor De Luna empezó a notar que en la oficina se comentaba también el cambio de Julia. Después llegaron hasta él frases maliciosas y mal intencionadas que tuvieron la virtud, primero de producirle honda indignación y, después, de prender la duda y la desconfianza en su corazón. En este estado fue a consultar su caso con el Reverendo Padre Cuevas, que desde hacía muchos años era su confesor y guía espiritual y quien resolvía los pocos problemas que el buen hombre tenía. (Dávila, 2009, p. 59, grifos nossos).

Por fim, a ruptura com a realidade e a entrega total ao desejo de eliminar os ratos, faz com que a personagem se transforme na vítima, na exterminadora e, em certo sentido, no próprio monstro. Escapar da vida, abandonar o noivo, abandonar o trabalho e entregar-se a eliminar os ruídos que são o seu tormento: seja na forma dos ratos que correm pela casa, seja na forma dos julgamentos sociais que a aprisionam e conduzem sua vida. A loucura pode ser a explicação mais imediata, no entanto, na ruptura com certo modelo de comportamento, Julia alcança o isolamento que lhe permite seguir o seu caminho, vivenciar seu desejo ao limite, ainda que seja na experiência de sua obsessão.

El rostro que vio reflejado no podía ser más desastroso. Abrió el clóset para buscar algo que ponerse y... ¡allí estaban!... Julia se precipitó sobre ellas y las aprisionó furiosamente. ¡Por fin las había descubierto!... ¡las malditas, las malditas, eran ellas!... con sus ojillos rojos y brillantes... eran ellas las que no la dejaban dormir y la estaban matando poco a poco... pero las había descubierto y ahora estaban a su merced... no volverían a correr por las noches ni a hacer ruido... estaba salvada... volvería a dormir... volvería a ser feliz... (...) ... Ahora estaban en su poder... ya no le harían daño nunca más... hablaba y reía... lloraba de gusto y de emoción gritaba, gritaba... qué suerte haberlas descubierto, qué suerte... risa y llanto, gritos, carcajadas... con aquellos ojillos rojos y brillantes... gritaba... gritaba... gritaba... Cuando Mela llegó, restregándose los ojos y bostezando, encontró a Julia apretando furiosamente su hermosa estola de martas cebellinas. (Dávila, 2009, p. 62).

No conto “La celda”, temos, novamente, uma personagem aprisionada em um modelo patriarcal de família e de comportamento. Sua vida se entrelaça com um destino já postulado

pela mãe, pelas irmãs, por seu contexto social. No entanto, a imagem do insólito evidencia-se como um segredo que existe no interior de seu quarto. O insólito é algo que não se revela, surge apenas em breves insinuações e, no final do conto, aparece de forma mais delineada, na forma de monólogo interior que, por sua vez, tangencia um discurso de loucura.

Cuando María Camino bajó a desayunar, ya estaban sentadas en el comedor su madre y su hermana Clara. Pero la señora Camino no empezaba a comer si sus dos hijas no estaban a la mesa. María llegó silenciosamente. Al salir de su cuarto había escuchado sus propios pasos y le pareció que hacía mucho ruido al caminar. Y no quería llamar la atención ni que la notaran ese día: nadie debía sospechar lo que le pasaba. (Dávila, 2009, p. 33).

A personagem, María Camino, vive uma impostura “También ella tendría que hablar de algo, conversar con su madre y con su hermana; pero temía que su voz la delatara y que ellas se dieran cuenta que algo le sucedía” (Dávila, 2009, p. 34). Pouco a pouco, revela uma vida que se duplica na aparência revelada ao mundo familiar e na experiência não dita, mas anunciada no âmbito de seu quarto, na sua “celda”. A prisão, “la celda”, é a marca imagética do insólito: “María subió lentamente la escalera hacia su cuarto y al abrir la puerta tuvo la sorpresa de aquella presencia...” (Dávila, 2009, p. 34, grifos nossos). O quarto se transforma em cela e, nessa cela, o monstruoso atrai e causa repulsa, num movimento que se alterna e, por sua vez, compõe toda a tensão narrativa que também aprisiona o leitor.

Como no conto “La señorita Julia”, uma estrutura social se explicita nas descrições do cotidiano dos personagens, o casamento é um objetivo na vida da mãe e de suas filhas. Nesse sentido, o quarto, transformado em cela, instaura a intromissão de uma rebeldia na ordem da casa, que ganha outra configuração. Somente a personagem María Camino tem contato com o insólito, com sua força que impõe medo, mas, também, fascínio. O casamento com o personagem José Juan parece ser uma possível solução para o término da experiência de sua “celda”, Maria Camono sente que poderia aliviar o seu tormento:

Ella hubiera querido acelerar la fecha del matrimonio y huir de aquella horrible tortura que tenía que sufrir noche tras noche; sin embargo, no podía despertar sospechas de ninguna especie. Su boda tendría que realizarse con toda normalidad, como si no pasara nada, como si ella fuera una muchacha común y corriente (Dávila, 2009, p. 35).

O seu temor de entrar em seu quarto e o desejo de ser salva pelo futuro marido se expressa de maneira bastante contundente no começo da narrativa.

Por las noches se esforzaba en retener lo más posible a José Juan. A medida que las horas pasaban y se acercaba el momento en que los Olaguíbel se despedían, María empezaba a sufrir aquel terror desorbitado de quedarse sola; tal vez él ya la estaba esperando allá arriba en su cuarto y ella sin poder hacer nada para evitarlo, sin poder decirle a José Juan que se la llevara esa misma noche y la salvara de aquel martirio (Dávila, 2009, p. 35).

No entanto, o final do conto reserva uma surpresa. O mistério que habita em seu quarto alinha-se com uma imagem monstruosa, porém, María Camino não se sente mais ameaçada, “la celda” torna-se a opção, o seu desejo, a sua escolha. O insólito se configura na imagem de um “ele”: “Sin importarle lo que pensarán su madre y su novio, corrió escaleras arriba hacia su cuarto. Allí lloró de rabia, de fastidio... hasta que él llegó y se olvidó de todo...” (Dávila, 2009, p. 37)

No monólogo interior que encerra “La celda”, o leitor é conduzido ao âmago do conflito psicológico da protagonista, imerso em sua percepção fragmentada da realidade. O ritmo entrecortado do discurso evidencia a instabilidade emocional da personagem e intensifica a tensão narrativa, ao mesmo tempo em que impede qualquer resolução definitiva sobre os eventos narrados. A linguagem torna-se espelho da desorganização psíquica, instaurando um campo de incertezas onde o insólito permanece como incógnita: o que de fato ocorreu e o que foi projeção da mente atormentada de María Camino? A hesitação se sustenta até o último momento, lançando o leitor em um território movediço entre loucura, violência e transcendência.

A dúvida em torno da morte de seu noivo, José Juan, ilustra esse jogo ambíguo: “José Juan se puso frío, muy frío; no lo dejé caer, sino resbalar suavemente; la luna lo bañaba y sus ojos estaban fijos; también las ratas se quedan con los ojos fijos...” (Dávila, 2009, p. 38). A justaposição entre a rigidez da morte e a fixidez animalizada dos olhos instaura uma imagem de assombro que escapa à lógica racional. Simultaneamente, o “ele”, figura monstruosa anunciada ao longo do conto, adquire uma corporeidade agressiva e concreta: “ayer me golpeó cruelmente y grité mucho, mucho...” (Dávila, 2009, p. 38). Aqui, a violência do masculino se materializa, e o espaço da “celda”, inicialmente entendido como clausura, começa a adquirir contornos de uma assombrosa transgressão.

A interrogação permanece: María Camino teria matado seu noivo para entregar-se ao mundo noturno do insólito? Ou seria tudo produto de um delírio? O monólogo final não fornece respostas, mas amplia o campo da dúvida, abrindo múltiplas possibilidades de leitura. Se, por um lado, a racionalização convida à leitura patológica da experiência (a loucura como explicação), por outro, a narrativa se recusa a confirmar essa chave interpretativa. Ao contrário:

os efeitos de sentido provocam a instabilidade da leitura e instigam uma reconfiguração do insólito como espaço de emancipação. A entrega da personagem àquilo que não pode ser nomeado ou racionalizado, o insólito, revela-se, paradoxalmente, como gesto de libertação. Como em outros contos de Dávila, o mergulho no incompreensível deixa entrever uma transgressão íntima, uma ruptura com a lógica do controle e da opressão, sugerindo que, ao se entregar ao insólito, a personagem reivindica, embora de forma ambígua, uma forma de autonomia subjetiva.

Pensemos, agora, no conto “El huésped”. Aqui temos um casamento instaurado, um casamento infeliz como aparece textualmente: “Llevábamos entonces cerca de tres años de matrimonio, teníamos dos niños y yo no era feliz. Representaba para mi marido algo así como un mueble, que se acostumbra uno a ver en determinado sitio, pero que no causa la menor impresión” (Dávila, 2009, p. 12). A presença do universo feminino e de sua marginalidade novamente é posta em cena neste conto, com a narradora protagonista não nomeada e a empregada, Guadalupe.

Nesta narrativa, o insólito instaura-se no cotidiano da personagem por meio da ação do marido: “Nunca olvidaré el día en que vino a vivir con nosotros. Mi marido lo trajo al regreso de un viaje” (Dávila, 2009, p.12)

Con grandes ojos amarillentos, casi redondos y sin parpadeo, que parecían penetrar a través de las cosas y de las personas. Mi vida desdichada se convirtió en un infierno. La misma noche de su llegada supliqué a mi marido que no me condenara a la tortura de su compañía. No podía resistirlo; me inspiraba desconfianza y horror. “Es completamente inofensivo” —dijo mi marido mirándome con marcada indiferencia. “Te acostumbrarás a su compañía y, si no lo consigues...” No hubo manera de convencerlo de que se lo llevara. Se quedó en nuestra casa (Dávila, 2009, p.12).

Neste conto, o monstro se revela na figura do “huésped”, possui atributos físicos, ações aterrorizantes. O seu surgimento, vinculado à indiferença do marido, aponta para um elo entre as monstruosidades que aprisionam a personagem a uma vida de condenação e silenciamento. A indiferença, o silenciamento da opinião da narradora e a ameaça velada: “Te acostumbrarás a su compañía y, si no lo consigues...”, compõem o quadro no qual se insere a personagem. Cabe assinalar que a figura monstruosa possui uma indefinição, “Guadalupe y yo nunca lo nombrábamos, nos parecía que al hacerlo cobraba realidad aquel ser tenebroso!” (Dávila, 2009, p. 12)

Surge uma situação de crescente desconforto que ganha contornos de terror. A presença do “huésped”, a sua permissão por andar pela casa, tomando o espaço antes determinado pela

esposa constrói a gradação da tensão narrativa e o insólito vai ganhando forma, delineando-se numa imagem monstruosa e ao mesmo tempo metafórica. A casa foi invadida, ela deve calar, o marido é a única autoridade.

Una noche estuve despierta hasta cerca de las dos de la mañana, oyéndolo afuera... Cuando desperté, lo vi junto a mi cama, mirándome con su mirada fija, penetrante... Salté de la cama y le arrojé la lámpara de gasolina que dejaba encendida toda la noche. No había luz eléctrica en aquel pueblo y no hubiera soportado quedarme a oscuras, sabiendo que en cualquier momento... Él se libró del golpe y salió de la pieza (Dávila, 2009, p. 14).

O desespero da personagem faz com que ela e a empregada da casa, Guadalupe, concebam um plano para eliminar o “huésped”. Cabe destacar que o ódio que as duas mulheres passam a sentir surge após uma tentativa de ataque do “huésped” ao filho da empregada, porém, tal cena é presenciada apenas pela narradora.

—Esta situación no puede continuar —le dije un día a Guadalupe. — Tendremos que hacer algo y pronto —me contestó.  
— Pero ¿qué podemos hacer las dos solas? —Solas, es verdad, pero con un odio... Sus ojos tenían un brillo extraño. Sentí miedo y alegría (Dávila, 2009, p.15).

O momento em que a narradora e Guadalupe decidem trancar e lacrar o quarto onde se encontra o “huésped” marca o ponto culminante da tensão narrativa nesse conto de Amparo Dávila. A imagem do confinamento inscreve-se no imaginário do fantástico como uma figura do “enterrado vivo”, em que o horror não se dá pela irrupção do sobrenatural, mas pela materialização de um gesto extremo de silenciamento e aniquilamento. O insólito se manifesta na hesitação entre o real e o irreal, entre a justiça e a barbárie, entre o ato de autodefesa e o crime premeditado. O texto não nomeia com precisão a natureza do ser enclausurado, e essa ambiguidade ontológica, seria humano? animal? monstruoso? é sustentada até o fim, reiterando a marca da narrativa fantástica e o conceito de “metáfora epistemológica”, discutido por Jaime Alazraki (2001): aquilo que se apresenta como imagem simbólica do inominável, do que escapa à linguagem e à racionalidade comum.

O confinamento do “huésped” é, simultaneamente, ato de proteção e de punição. As personagens femininas, anteriormente colocadas em posição de vulnerabilidade, agora tomam para si o papel de agentes da ação, assumindo o controle do espaço doméstico por meio de um gesto de transgressão radical. A morte por asfixia e isolamento, “vivió muchos días sin aire, sin luz, sin alimento...” (Dávila, 2009, p. 16) ultrapassa a ideia de defesa para adentrar um território de crueldade. O fato de que ambas, a narradora e Guadalupe, passam dias ouvindo os

gritos, sem conseguir comer ou dormir, acrescenta uma camada ética complexa: há culpa, mas também alívio; há trauma, mas também silêncio cúmplice.

O gesto de “esperar dois dias” após o fim dos ruídos antes de abrir o quarto reforça a atmosfera de horror psicológico. A hesitação dilatada não tem apenas função narrativa; ela revela o medo do retorno do monstro, que ele possa sobreviver ao sepultamento e retornar. A frase final, “lo recibimos con la noticia de su muerte repentina y desconcertante” (Dávila, 2009, p. 16) expõe o pacto silencioso das mulheres frente ao marido, que permanece alheio à violência que tomou corpo em sua ausência. O insólito, nesse ponto, não é apenas uma categoria estética: é uma estrutura simbólica de resistência onde o feminino encontra brechas para agir, ainda que por vias ambíguas e perturbadoras.

Por fim, essa imagem do “enterrado vivo” ressoa como metáfora de um sistema de opressão que as mulheres são forçadas a enfrentar de forma silenciosa e marginal. Enterrar o “huésped” é, portanto, ao mesmo tempo gesto de resistência e confissão de um desejo profundo de eliminar o que as oprime, ainda que o preço da libertação se pague com o peso do não-dito. No conto “El huésped”, o insólito manifesta-se como uma presença inominável e opressiva, cuja materialidade permanece ambígua, mas cujos efeitos psicológicos e sociais são devastadores.

A figura do hóspede funciona como uma imagem-limite, carregada de tensão simbólica, que escapa à lógica ordinária da linguagem e da nomeação. Nesse sentido, pode-se compreender essa figura à luz da definição de Jaime Alazraki (2001), para quem o insólito no *neofantástico* opera por meio de “metáforas epistemológicas”, ou seja, imagens que não complementam o conhecimento científico, mas o transcendem: “modos de nombrar lo innombrable por el lenguaje científico, una óptica que ve donde nuestra visión al uso falla” (Alazraki, 2001, p. 278). Ao amalgamar as representações da vítima (a narradora) e do monstro (o hóspede), o conto deflagra uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que cerceiam a fala feminina e impõem à mulher a condição de testemunha impotente de sua própria história.

Nas entrelinhas dos contos analisados, evidencia-se que, em meio aos infundáveis mundos engendrados pelo insólito ficcional, impõem-se os dramas humanos, traduzidos em suas múltiplas faces, em contextos diversos, em desejos conflitivos e em proibições que operam tanto no plano social quanto no inconsciente. O sentimento paradoxal de atração e repulsa que atravessa os encontros entre a vítima e o monstro revela, de modo contundente, a ambivalência que marca sujeitos historicamente oprimidos e dissociados de uma identidade fixa ou monossignificativa.

As personagens femininas, ainda que tomadas pelas múltiplas camadas do medo, não se limitam à condição passiva: emergem também como figuras que reagem, transgridem e, por vezes, aniquilam, mesmo que tal gesto destrutivo recaia sobre si mesmas. Nesse duplo movimento de resistência e autonegação, insinua-se uma crítica pungente às formas sociais de silenciamento, mas também uma inquietante releitura do desejo, do poder e da identidade.

As estratégias narrativas que sustentam os efeitos do fantástico reafirmam, de maneira exemplar, a imbricação entre forma e conteúdo, cuja tensão intrínseca aprisiona o leitor no jogo ambíguo das significações. A hesitação, a ambiguidade e a opacidade simbólica, longe de fragilizarem o texto, o tornam mais denso e capaz de mobilizar reflexões críticas sobre o sujeito contemporâneo.

Nas análises desenvolvidas neste trabalho, a narrativa fantástica de Amparo Dávila revela-se como um campo fértil para a compreensão das imagens do insólito ficcional e, sobretudo, como um dispositivo simbólico que permite repensar, sob novas chaves, as identidades femininas: ao mesmo tempo silenciadas e insurgentes, frágeis e vingadoras, elas corporificam as tensões de um real que só o fantástico é capaz de enunciar plenamente.

## Referências

- ALAZRAKI, Jaime. ¿Que es lo neofantástico? In: *Teorías de lo Fantástico*. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001. p. 265-282.
- ANTUNIASSI, Julia; FERREIRA, Cláudia Cristina. Quando a literatura afro-brasileira e o horror se encontram: uma análise do conto 'A floresta', de Carol Dermond. *Revista Criação & Crítica*, v. 1, 2024. p. 186-210.
- CAMPRA, Rosalba. Los silencios del texto en la literatura fantástica. In: MORILLAS, Enriqueta. *El relato fantástico en España e Hispanoamérica*. Madrid: Siruela y Sociedad Estatal Quinto Centenario, 1991. p. 56-95.
- CAMPRA, Rosalba. Territorios de la ficción. *Lo fantástico*. Sevilla: Iluminaciones, 2008.
- DÁVILA, Amparo. El huésped. *Cuentos reunidos*. EPUB. Titivillus, 2009. p. 12-16.
- DÁVILA, Amparo. La celda. *Cuentos reunidos*. EPUB. Titivillus, 2009. p. 33-39.
- DÁVILA, Amparo. La señorita Julia. *Cuentos reunidos*. EPUB. Titivillus, 2009. p. 53-62.
- FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia. Entre chaves e trancas: figurações da mulher em contos de María Fernanda Ampuero. In: Ana Lúcia Trevisan; Caio Vitor Marques Miranda; Claudia Cristina Ferreira. (Org.). *Vozes latino-americanas: trajetórias e estéticas das narrativas de autoria feminina*. 1ed. Tutóia/MA: Lupa, 2025, v. 1, p. 69-101.

FERREIRA, Cláudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia. A vingança é um prato que se come frio! O protagonismo feminino à luz do insólito em contísticas contemporâneas latino-americanas. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; ROCHA, Guilherme Magri da (Org.). *Literatura e Cultura: Incursões em Experiências Estéticas*. Assis: Editora Unesp, 2024a. p.78-90.

FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia. Nas enigmáticas veredas do insólito ficcional: algumas ponderações sobre o protagonismo feminino. In: FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia; ANTUNIASSI, Julia D’Auria; CARVALHO, Lucas Matheus da Silva de. *Nas teias do insólito: diálogos e perspectivas teórico-analíticas sobre narrativas literárias*. Campinas: Pontes, 2024b. p. 17-83.

ROAS, David. “La amenaza de lo fantástico”, en David Roas (coord.), *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001, p. 7-44.

ROAS, David. *Tras los límites de lo real: Una definición de lo fantástico*. Madrid: Páginas de espuma, 2011, p. 79-107.

ROAS, David. *A Ameaça do fantástico: Aproximações teóricas*. [trad. Julian Fuks]. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

TREVISAN, Ana Lúcia; ATIK, Maria Luiza G. *Narrativas insólitas ou realidades possíveis*. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

TREVISAN, Ana Lúcia. *Na literatura, o insólito*. Uberlândia: Ed. O sexo da palavra, 2023.

## As ciências do léxico e a formação docente

Fábio Henrique de Carvalho  
Claudia Zavaglia  
Renato Rodrigues-Pereira

### Introdução

As Ciências do Léxico ocupam um papel fundamental nos estudos linguísticos ao se dedicarem à investigação da palavra como unidade de análise. Dentre essas ciências, destacam-se a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, que, embora compartilhem o objeto de estudo, adotam diferentes recortes teóricos e metodológicos. Essa diversidade de abordagens permite que o léxico – entendido como o conjunto de todas as unidades lexicais que compõem uma língua – seja estudado sob múltiplas perspectivas, seja para fins descritivos, aplicados ou pedagógicos. A depender da natureza da pesquisa e dos objetivos a serem alcançados, o pesquisador deve mobilizar não apenas conceitos das Ciências do Léxico, mas também epistemologias oriundas de outros campos da Linguística, o que demonstra o caráter interdisciplinar e dinâmico dessas áreas do conhecimento. Conforme apontam Rodrigues-Pereira e Zavaglia (2023), a Lexicografia, por exemplo, é inerentemente interdisciplinar e ainda, como aponta Coseriu (1977), o léxico não é um mero repositório de palavras, mas um sistema dinâmico que reflete a cultura e a história de uma comunidade.

Quando se busca articular as Ciências do Léxico com a formação de professores e com o ensino de línguas, é indispensável recorrer a fundamentos da Linguística Aplicada e da própria Didática. Essa integração permite sustentar investigações voltadas para práticas pedagógicas mais eficientes, que levem em conta o papel do léxico no processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo expressivo dessa interface é a Lexicografia Pedagógica, um campo que abrange tanto a elaboração de dicionários voltados para fins educativos quanto o estudo do uso desses instrumentos em sala de aula. Trata-se de um ramo que considera as necessidades dos aprendizes em diferentes níveis de proficiência e que propõe soluções práticas para o aprimoramento da competência lexical dos estudantes.

Além da Lexicografia, outras Ciências do Léxico também têm estabelecido diálogos produtivos com o ensino de línguas. A Fraseologia, por exemplo, ao se associar à didática, dá origem à Fraseodidática, um campo que se dedica à exploração de unidades fraseológicas – como expressões idiomáticas, provérbios e coligações lexicais – em contextos de ensino. O foco da Fraseodidática está em desenvolver metodologias que possibilitem aos estudantes não apenas reconhecer essas unidades, mas também utilizá-las de forma funcional e pragmática na

comunicação cotidiana. Essa vertente reconhece que a fluência em uma língua vai além do domínio da gramática e do vocabulário isolado, envolvendo também a familiaridade com as combinações lexicais típicas da língua-alvo.

Outra contribuição relevante é proporcionada pela Toponímia, subárea da Onomástica, quando integrada ao ensino e à formação de professores. Os estudos toponímicos, ao investigarem os nomes geográficos e sua relação com a cultura, a história e a geografia, oferecem subsídios valiosos para práticas pedagógicas interdisciplinares. Essa interface permite que o ensino de línguas seja enriquecido por aspectos socioculturais e identitários, despertando o interesse de estudantes pela linguagem como um reflexo de sua própria realidade histórica e territorial. A colaboração com áreas como a Antropologia, a História e a Geografia reforça o potencial transformador dessas abordagens, permitindo que o léxico seja compreendido como uma ponte entre o conhecimento linguístico e o mundo vivido.

Diante de todas essas possibilidades, evidencia-se que os estudos das Ciências do Léxico podem e devem extrapolar os limites acadêmicos e alcançar espaços educacionais mais amplos, especialmente a Educação Básica. Promover a articulação entre teoria e prática, entre pesquisa e sala de aula é essencial para qualificar o ensino de línguas e contribuir para a formação de professores mais preparados para lidar com a complexidade da linguagem. Nesse sentido, nosso Simpósio se propôs a acolher trabalhos que explorassem justamente essas inter-relações entre o léxico e a formação docente, fomentando discussões que visavam à melhoria das práticas educativas e ao fortalecimento da formação linguística dos(as) alunos(as), seja no ensino de línguas maternas ou estrangeiras.

Portanto, este capítulo tem como objetivo explorar e aprofundar as conexões interdisciplinares das Ciências do Léxico, com foco especial em sua relevância para a formação docente e o ensino de línguas. Propomos reflexões sobre como a união dessas áreas com a Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas e a Didática pode gerar pesquisas inovadoras e impactar diretamente a prática educacional, transcendendo os muros da universidade e alcançando a Educação Básica e outros contextos sociais.

## **1. Ciências do Léxico e suas intersecções com outras áreas da Linguística**

As Ciências do Léxico, em sua essência, são campos que se enriquecem com o diálogo constante com outras subáreas da Linguística. Em decorrência desse caráter interdisciplinar, elas nos possibilitam articular diferentes arcabouços teóricos e metodológicos, a depender das distintas necessidades investigativas.

## 1.1 Lexicografia Pedagógica: da sistematização do léxico ao ensino

A Lexicografia é a ciência que se dedica a sistematizar o léxico em dicionários, visando preservar o conhecimento humano em palavras e espelhar a língua com a máxima minúcia (Hausmann; Wiegand, 1989). Quando a Lexicografia se une ao ensino de línguas, emerge a Lexicografia Pedagógica. Essa subárea se desdobra em duas frentes principais: (i) produção de obras lexicográficas escolares; (ii) pesquisas sobre o emprego de dicionários.

Ao abordar a intrincada relação entre a teoria lexical e a linguística computacional, Biderman (2001) explora como os princípios teóricos da Linguística podem ser aplicados e modelados em sistemas computacionais, especialmente no que tange à organização e ao processamento de informações lexicais. Nesse enquadre, examina como o conhecimento sobre as palavras, seus significados, relações e usos é fundamental tanto para a compreensão teórica da linguagem quanto para o desenvolvimento de ferramentas computacionais que lidam com ela, como processadores de linguagem natural e sistemas de tradução automática.

Com relação à elaboração de dicionários, a Lexicografia Pedagógica abrange pesquisas voltadas para a concepção e criação de diversas tipologias de dicionários direcionados ao ensino e ao aprendizado, considerando as necessidades específicas de estudantes em diferentes níveis de ensino. Portanto, entender a estrutura, as relações de sentido e a organização do vocabulário é essencial para quem se dedica à Lexicografia Pedagógica, que visa elaborar repertórios lexicográficos voltadas para o ensino e a aprendizagem. Conhecer esses fundamentos resulta crucial para qualquer prática lexicográfica, incluindo a pedagógica, pois permite compreender como as palavras são formadas, seus significados, suas relações e como se organizam dentro de um sistema linguístico. Essa base teórica auxilia na tomada de decisões sobre o que incluir e como apresentar o conteúdo nos dicionários didáticos.

Os trabalhos de Bertonha e Zavaglia (2021) se ocupam em analisar dicionários escolares bilíngues e, ainda, o estudo de Bertonha (2022) investiga o uso de recursos multimodais em dicionários escolares, contribuindo para entender como o *design* e a apresentação de verbetes afetam a aprendizagem. Como perspectiva de investigação futura, consideram projetos de pesquisa nessa área que podem, por exemplo, focar na criação de um dicionário digital interativo para alunos do Ensino Fundamental I, com jogos e atividades que explorem os sentidos e o uso das palavras.

A relevância da Lexicografia Pedagógica vai além da simples compilação de palavras; ela se preocupa com a acessibilidade e a funcionalidade do produto lexicográfico para o aprendiz, aspecto que implica pensar em macro e microestrutura adequadas, linguagem clara e

exemplos de uso relevantes ao universo do estudante. Por exemplo, um dicionário pedagógico eficaz para o ensino de inglês como língua estrangeira poderia incluir notas culturais, ilustrações contextualizadas e remissões a coloquialismos, elementos que dificilmente seriam encontrados em dicionários gerais, mas que são cruciais para a proficiência comunicativa (Bogaards, 1996).

A respeito dos estudos sobre o uso de dicionários, a Lexicografia pode investigar como os dicionários são empregados por aprendizes e professores, buscando otimizar sua utilização como ferramenta de apoio no processo de ensino e de aprendizagem. Um estudo recente de Carvalho e Rodrigues-Pereira (2024) apresenta resultados de pesquisas sobre o uso de dicionários na Educação Básica, fornecendo *insights* valiosos para a prática pedagógica e, assim, por exemplo, pode contribuir para analisar como estudantes de Ensino Médio utilizam dicionários *on-line* para resolver dúvidas de vocabulário e propor estratégias para um uso mais eficaz dessas ferramentas.

Essa vertente de pesquisa é fundamental para realimentar o ciclo de produção lexicográfica. Ao compreender os desafios e as estratégias que os usuários empregam ao consultar dicionários, é possível refinar as diretrizes de sua elaboração, tornando os recursos mais intuitivos e eficazes, como por exemplo procurar identificar a dificuldade que muitos alunos têm ao (não)interpretar abreviações ou mesmo ao (não)identificar adequadamente o sentido de um lema para sua produção, descrevendo o passo a passo para um pleno entendimento dessas questões na sua megaestrutura, o que pode potencializar a aprendizagem autônoma.

A originalidade nas pesquisas, aqui, reside em explorar não apenas a criação de dicionários como produtos lexicográficos finais, mas em como o processo lexicográfico em si pode ser uma ferramenta pedagógica, engajando alunos(as) na compreensão da língua e da sua organização.

## **1.2 Fraseodidática: ensino funcional e pragmático das unidades fraseológicas**

A união entre a Fraseologia – área que estuda as unidades fraseológicas (como idiomatismos, provérbios, colocações) – e o ensino de línguas resulta na Fraseodidática. Essa subárea concentra-se no trabalho voltado para o ensino funcional e pragmático das distintas unidades fraseológicas (Cansanção; Marques, 2015).

A relevância da Fraseodidática reside no fato de possibilitar ao estudioso a proposição de metodologias que levem os(as) alunos(as) a compreender o uso contextualizado e as nuances

culturais das frases feitas. Estudos que investiguem como a aquisição de competência fraseológica impacta diretamente a fluência e a naturalidade na comunicação, tanto em língua materna quanto estrangeira, e como essa aquisição pode ser catalisada por meio de abordagens lúdicas e interativas em sala de aula podem promover reflexões muito produtivas para o processo de ensino-aprendizagem. Um exemplo prático seria a criação de um ‘banco de unidades fraseológicas’ para professores, com atividades baseadas em situações comunicativas reais, auxiliando os(as) alunos(as) a entenderem o significado de expressões como ‘chutar o balde’ ou ‘estar com a faca e o queijo na mão’ em diferentes contextos.

Pesquisas já apontam a eficácia de abordagens pragmáticas no ensino de fraseologismos, tais como aquela de Nogueira (2019), cuja tese, embora focada na compreensão de expressões por crianças, explora unidades fraseológicas e pode conter discussões sobre as abordagens pedagógicas para sua aquisição, o que tangencia o aspecto pragmático do uso da linguagem. Rocha (2020), por sua vez, aborda em sua tese a análise de fraseologismos sob uma perspectiva cognitiva e pragmática, e frequentemente estudos nessa área fazem conexões com o ensino e a aprendizagem, especialmente sobre como a compreensão do uso contextual afeta a proficiência. Sugiharto e Sutarsono (2023) propõem o uso de uma abordagem pragmática no ensino de habilidades de fala para estudantes do Ensino Médio Profissionalizante, o que é altamente relevante para a discussão sobre a eficácia de abordagens pragmáticas no ensino de aspectos linguísticos, como fraseologismos, que impactam a fluência e a comunicação. Por fim, no contexto dos dicionários, Araujo, Zavaglia e Bertonha (2021) realizaram um levantamento de parênteses em dicionários bilíngues, o que demonstra a importância de incluir essas unidades fraseológicas em materiais didáticos.

A Fraseodidática desafia a visão de que a aquisição lexical se resume a palavras isoladas. Ao focar nas unidades polilexicais, ela prepara o aprendiz para uma comunicação mais autêntica e culturalmente informada. Por exemplo, ensinar a expressão ‘dar uma mão’ não é apenas traduzir *to give a hand*, mas explicar que implica ‘ajudar’, e em que contextos essa ajuda pode ser oferecida ou pedida, evitando mal-entendidos e favorecendo a compreensão da cultura local (Lisbôa, 2008).

Além disso, a pesquisa fraseodidática pode se debruçar sobre a interferência linguística na aquisição de fraseologismos, investigando como os padrões fraseológicos da língua materna podem influenciar (positiva ou negativamente) a aquisição na língua-alvo, investigação essa que pode permitir o desenvolvimento de materiais e metodologias que prevejam e abordem essas dificuldades específicas, como exercícios de contraste entre as estruturas fraseológicas de diferentes idiomas, otimizando o processo de ensino-aprendizagem de expressões

idiomáticas. Por exemplo, em Siqueira *et al.* (2023), encontramos um estudo que trata da compreensão de metonímias, fundamental para entender como os aprendizes processam significados não literais, algo crucial na aquisição de expressões idiomáticas; enquanto em Ferrari e Siqueira (2020), temos uma pesquisa que foca na compreensão de provérbios e compara o desempenho de crianças e adultos, sendo que a compreensão de provérbios está diretamente ligada à aquisição de unidades fraseológicas em geral.

### **1.3 Terminologia: linguagem especializada no ensino de línguas**

A Terminologia, enquanto ciência do léxico, dedica-se ao estudo dos termos e das linguagens de especialidade (Cabré, 1999). Sua intersecção com o ensino de línguas é extremamente relevante, em particular, na era da informação e da comunicação especializada. A Terminologia não apenas descreve e organiza vocabulários de domínios específicos (ciência, tecnologia, direito, medicina etc.), mas também se volta para a padronização e a comunicação clara do conhecimento.

Nessa área, também constatamos seu potencial em explorar o desenvolvimento da competência comunicativa especializada em alunos(as) de línguas, tanto materna quanto estrangeira, bem como na formação de professores para lidar com essa demanda. O ensino de línguas não se restringe somente ao domínio da língua geral; o acesso a textos e contextos profissionais exige o conhecimento de vocabulários específicos. Por exemplo, um projeto didático pode envolver a criação de glossários temáticos de uma área de interesse dos(as) estudantes (como jogos digitais, culinária ou sustentabilidade), espaços em que poderiam ser pesquisados termos, suas definições e contextos de uso. Nesse sentido, é possível desenvolver não apenas o vocabulário, mas também a capacidade de pesquisa e a conscientização sobre a variação linguística em diferentes domínios. A integração da Terminologia pode ser especialmente relevante para o ensino de línguas para fins específicos (LFE), preparando os(as) interessados(as) para o mercado de trabalho e o ambiente acadêmico em suas áreas de atuação.

Um dos maiores desafios no ensino de línguas de especialidade é a lacuna entre o léxico geral e o especializado. A Terminologia oferece as ferramentas para preencher essa lacuna, permitindo que professores construam conexões entre o conhecimento linguístico comum e o vocabulário preciso de uma área, o que pode ser feito, por exemplo, por meio da análise de *corpora* especializados, da identificação de termos-chave e da elaboração de atividades que promovam a apropriação desses termos em contextos autênticos, como a leitura de artigos científicos ou manuais técnicos. À vista disso, Faulstich (2018) destaca o papel central da

Terminologia na capacitação de profissionais, trazendo luz à LIBRAS, pois, ao focar na Língua de Sinais como uma língua de especialidade, ressalta como a compreensão e o domínio dos termos-chave específicos de cada área – como medicina ou direito – são fundamentais para a comunicação precisa. Essa abordagem não apenas organiza o léxico especializado, mas também serve de base para a elaboração de atividades didáticas inovadoras, garantindo que o ensino prepare os(as) alunos(as) para atuarem com fluidez e precisão em contextos profissionais diversos.

Ademais, a Terminologia se mostra valiosa para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o uso da linguagem em domínios específicos. Ao entender que termos possuem significados precisos e, por vezes, unívocos em um campo particular, os(as) estudantes podem desenvolver uma maior acurácia em sua comunicação e evitar ambiguidades, o que é particularmente importante na tradução e interpretação, em que a Terminologia atua como um pilar fundamental para a correspondência terminológica e clareza da mensagem transferida entre idiomas e contextos (Cabré, 1999).

#### **1.4 Toponímia e ensino de línguas: um campo fértil para a interdisciplinaridade**

A Toponímia, subárea da Onomástica, se ocupa de estudos sobre os nomes de lugares (Dick, 1990, 1992) em sua união com a formação de professores e o ensino de línguas, revela-se uma vertente de estudos extremamente produtiva. Seu caráter interdisciplinar não se limita apenas a outras áreas da Linguística, mas se estende a campos como a Geografia, a História e a Antropologia.

Nessa intersecção, residem estudos interessantes sobre Toponímia, ensino de línguas e formação de professores. Ao analisar a origem e a evolução dos topônimos, por exemplo, os(as) alunos(as) podem desenvolver não apenas o vocabulário, mas também o senso crítico, a compreensão de contextos históricos e culturais, bem como a capacidade de realizar pesquisas interdisciplinares. Por exemplo, a investigação dos topônimos de uma região pode se tornar um projeto de pesquisa que integre Linguística, história local e geografia, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Imaginemos uma atividade em que alunos do 6º ano investiguem o nome de bairros ou cidades e descubram raízes indígenas, portuguesas ou africanas em sua origem e, em seguida, apresentem suas descobertas em um seminário, como sugerem Nascimento, Andrade e Pereira (2018), fortalecendo, desse modo, a identidade local e a capacidade de pesquisa.

A toponímia serve como uma cápsula do tempo linguística e cultural. Ao desvendar a etimologia e as mudanças históricas de nomes de lugares, os(as) estudantes acessam camadas profundas da história da língua e da formação sociocultural de uma região, o que não apenas enriquece o léxico com vocabulário histórico e geográfico, mas também estimula o interesse pela pesquisa e pela conexão com o patrimônio imaterial, tornando o aprendizado da língua mais dinâmico e contextualizado (Faggion; Misturini, 2014).

Além disso, o estudo da Toponímia pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da consciência metalinguística e metacognitiva. Ao perceber que os nomes dos lugares não são arbitrários, mas carregam significados e histórias, os alunos são incentivados a refletir sobre a própria língua, suas origens e sua relação com a identidade e o território, o que pode culminar na criação de mapas toponímicos colaborativos ou projetos de documentação oral, nos quais a comunidade local contribui com suas narrativas sobre os nomes dos lugares, unindo o ensino de línguas à valorização da cultura popular.

## **2. Caráter interdisciplinar das Ciências do Léxico: ampliando horizontes**

O que se nota no cenário delineado é que, à semelhança das áreas exemplificadas, o mesmo potencial interdisciplinar se manifesta em outras Ciências do Léxico, o que amplia as possibilidades para reflexões relevantes e necessárias, evidenciando a ampliação dos estudos do léxico para além das análises e descrições puramente acadêmicas de línguas. Conforme destacam Bertonha e Zavaglia (2025), as Ciências do Léxico sob uma ótica plural possibilitam abordar temas como a marcação de itens lexicais referentes a grupos minorizados, o que demonstra a relevância social e contemporânea desses estudos.

Essa ampliação de horizontes não se restringe apenas à diversidade de objetos de estudo, mas também à natureza dos problemas que as Ciências do Léxico podem abordar. Elas se tornam ferramentas poderosas para a análise de questões sociais contemporâneas, como a inclusão linguística, a representatividade em materiais didáticos e a desconstrução de preconceitos enraizados no vocabulário. Ao investigar o léxico sob uma ótica crítica, essas ciências contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e reflexivos sobre o uso da linguagem na sociedade.

Ademais, a crescente digitalização da informação e a expansão de *corpora* de diferentes domínios abrem novas fronteiras para as Ciências do Léxico. A análise de grandes volumes de dados permite identificar padrões de uso lexical que antes seriam inatingíveis, fornecendo *insights* valiosos para o desenvolvimento de ferramentas de processamento de linguagem

natural, tradução automática e sistemas de recuperação de informação, impactando diretamente a forma como interagimos com a língua no ambiente digital (Jurafsky; Martin, 2009).

### **3. Para além dos muros da universidade: impacto na educação básica e sociedade**

A natureza interdisciplinar das Ciências do Léxico permite que as pesquisas transcendam de maneira mais acentuada os muros da universidade, alcançando diferentes contextos da sociedade. Há uma especial atenção para a Educação Básica, pois, ao trazermos contribuições dessas ciências para a formação de professores e para a sala de aula, é possível: (i) promover uma compreensão mais aprofundada da língua, capacitando professores a explorar o léxico de forma mais rica e contextualizada; (ii) desenvolver materiais didáticos inovadores baseados em princípios lexicográficos, fraseológicos e onomásticos, como por exemplo, a criação de jogos de tabuleiro ou aplicativos que explorem o vocabulário regional e suas particularidades, baseados em pesquisas lexicais; (iii) estimular a pesquisa-ação na escola, encorajando os próprios professores a investigarem os itens lexicais em seus contextos locais.

Parece-nos que seria bastante frutífero o desenvolvimento de programas de formação continuada para professores da Educação Básica focados na aplicação prática de conceitos das Ciências do Léxico, como a elaboração de vocabulários e/ou glossários temáticos, mapeamento de unidades fraseológicas regionais ou a investigação da toponímia local como forma de engajamento dos(as) alunos(as) com a história e cultura. Essa proposta se alinha com a necessidade de aproximar a academia da realidade escolar, como defendido por Lüdke e André (2014). Além disso, a preocupação com a representatividade e a eliminação de vieses, como o sexismo em dicionários, discutida por Zavaglia (2022), é crucial para a formação de materiais didáticos mais inclusivos e justos.

Essa conexão direta com a Educação Básica democratiza o acesso ao conhecimento especializado e fortalece o papel da escola como espaço de produção e reflexão sobre a língua. Ao envolver os(as) estudantes em projetos de levantamento de vocabulário local, análise de termos específicos de seus *hobbies* ou mesmo na criação de pequenos dicionários, glossários ou vocabulários da turma, promove-se o protagonismo estudantil e a construção coletiva do saber, tornando o aprendizado do léxico uma experiência significativa e relevante para suas vidas.

Outro ponto crucial é a capacidade das Ciências do Léxico de instrumentalizar os professores para lidar com a diversidade linguística e cultural presente nas escolas brasileiras. Compreender as variações regionais do léxico, os regionalismos fraseológicos e até mesmo os

termos específicos de diferentes comunidades pode auxiliar o educador a valorizar o repertório linguístico dos alunos, utilizando-o como ponto de partida para a exploração da norma-padrão e de outras variedades, combatendo o preconceito linguístico e promovendo uma educação mais inclusiva (Bagno, 2007).

#### **4. Contribuições para a formação de professores e o ensino de línguas**

A valorização do caráter interdisciplinar das Ciências do Léxico na formação docente implica em valorosas reflexões que podem contribuir significativamente para a formação de professores e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino de línguas maternas ou estrangeiras. Perspectivam-se temas para futuras pesquisas que possam abordar:

I. Questões e enquadramentos teóricos, visto que, com o avanço tecnológico, novas abordagens para a compreensão e descrição do léxico poderão vir a ocorrer, como por exemplo, a aplicação de teorias da Linguística Cognitiva ao estudo do léxico e seu impacto na aquisição de segunda língua (Lakoff; Johnson, 1980), ou a teoria comunicativa da Terminologia no ensino de língua de especialidade; essa perspectiva teórica mais ampla permite que os professores entendam o léxico não como uma lista estática, mas como um sistema dinâmico e culturalmente situado;

II. Análises acerca da aprendizagem dos(as) estudantes uma vez que poderia ser investigada a influência do ambiente digital na formação do vocabulário dos jovens ou como o ensino explícito de estratégias de inferência lexical pode melhorar a compreensão leitora e a produção textual em contextos especializados; compreender as fases de aquisição lexical e os erros mais comuns pode informar a criação de sequências didáticas mais eficazes;

III. Reflexões sobre os desafios entre pesquisa acadêmica e o ensino de língua em todos os níveis, da Educação Básica ao Ensino Superior, visando a melhoria da qualidade nas práticas didáticas; é primordial que a pesquisa acadêmica não se restrinja à produção de artigos, mas se traduza em ações concretas que beneficiem o ensino, como proposto por Freire (1996) em sua pedagogia da autonomia; a formação de professores precisa, portanto, incluir módulos específicos sobre como trabalhar com vocabulários técnicos e científicos, a construção de glossários colaborativos em sala de aula, bem como a análise de textos de diferentes

áreas do conhecimento sob uma perspectiva terminológica, preparando-se para as demandas de um mundo cada vez mais especializado;

IV. A interdisciplinaridade das Ciências do Léxico pode inspirar a criação de recursos didáticos que vão além dos livros didáticos tradicionais, o que inclui, por exemplo, a elaboração de *corpora* pedagógicos de textos reais para a análise do uso de termos e fraseologismos, ou a criação de jogos digitais que ensinem vocabulário especializado de forma interativa; a participação dos professores na cocriação desses materiais pode ser um poderoso motor de seu desenvolvimento profissional e de sua autonomia pedagógica.

Ainda, a formação de professores deve enfatizar a importância da análise crítica do léxico em uso, incluindo a identificação de estereótipos, vieses e representações ideológicas presentes na linguagem, permitindo que o(a) futuro(a) educador(a) não seja apenas um transmissor de conteúdo, mas um(a) mediador(a) que capacita os(as) estudantes a questionar e a transformar a realidade por meio da linguagem. A inclusão de discussões sobre o sexismo em dicionários (Zavaglia, 2022) é um exemplo claro de como essa abordagem crítica pode ser incorporada.

Por fim, é essencial que os programas de formação contemplem a capacidade de adaptação e inovação dos professores. As Ciências do Léxico, com sua flexibilidade e abertura a novas abordagens, incentivam o(a) educador(a) a buscar soluções criativas para os desafios do dia a dia da sala de aula, promovendo a curiosidade e o aprendizado contínuo, o que envolve o estímulo à pesquisa-ação, na qual o professor investiga sua própria prática e seus resultados, consolidando uma cultura de constante aprimoramento profissional. Logo, é bastante promissora a proposição de modelos colaborativos de pesquisa entre universidades e escolas, em que professores em formação e professores em atuação possam, juntos, desenvolver e testar intervenções pedagógicas baseadas nas Ciências do Léxico, gerando dados empíricos sobre a eficácia dessas abordagens.

### **Conclusões e perspectivas futuras**

Como se percebe pelo exposto, as Ciências do Léxico, em sua rica tessitura interdisciplinar, oferecem um vasto campo para importantes reflexões teóricas e aplicadas, especialmente no que tange à formação docente e ao ensino de línguas. Ao unir epistemologias diversas, essas áreas não apenas enriquecem o arcabouço teórico da Linguística, como também fornecem ferramentas práticas para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

A capacidade de integrar a Lexicografia Pedagógica, a Fraseodidática e a Toponímia (entre outras) com a Linguística Aplicada e a Didática é fundamental para o desenvolvimento de preceitos científicos que possam orientar a atividade educativa de maneira a torná-la mais eficiente e significativa. É imperativo, pois, que a pesquisa em Ciências do Léxico continue a dialogar ativamente com a prática pedagógica, buscando transcender os limites acadêmicos e impactar positivamente a realidade das salas de aula.

As reflexões apresentadas neste capítulo demonstram que as Ciências do Léxico estão longe de ser campos puramente teóricos e isolados; são, na verdade, pontes essenciais que conectam a complexidade do sistema linguístico à urgência da prática educacional. Ao valorizar essa interdisciplinaridade, abrimos caminho para uma formação de professores mais robusta e para um ensino de línguas mais contextualizado, crítico e alinhado às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Portanto, as perspectivas futuras apontam para a necessidade de maior investimento em pesquisa aplicada nas Ciências do Léxico, com foco em estudos longitudinais sobre o impacto de intervenções pedagógicas baseadas nessas áreas. A criação de redes de colaboração entre pesquisadores universitários e educadores da Educação Básica, bem como o desenvolvimento de plataformas digitais para a produção e compartilhamento de recursos lexicográficos e terminológicos pedagógicos são passos extremamente frutíferos para consolidar o papel transformador das Ciências do Léxico na educação brasileira.

## Referências

- ARAUJO, L. M. S.; ZAVAGLIA, C.; BERTONHA, F. H. C. Levantamento de parêmiás no Dicionário Escolar Michaelis Italiano-Português. *ReDILLeT, Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología*, v. 4, p. 1-13, 2021.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: como combater*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Michaelis: um olhar sobre quatro dicionários escolares bilíngues. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)*, v. 50, p. 558-578, 2021.
- BERTONHA, F. H. C. Recursos multimodais em cinco dicionários escolares. *REVISTA GTLEX*, v. 7, p. e0702, 2022.
- BERTONHA, F. H. C.; ZAVAGLIA, C. Marcação dupla em alguns itens lexicais referentes a grupos minorizados. In: MOREIRA, A. V. G.; SILVA, M. de O.; XAVIER, V. R. D. (Org.).

- As Ciências do Léxico sob uma ótica plural*. 1ed. Tutoia, MA: Editora Lupa, 2025, v. 1, p. 165-198.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística: teoria lexical e Lingüística computacional*. Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOGAARDS, P. Dictionaries for learners of English. *International Journal of Lexicography*, 9(4), 277-320, 1996.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Empúries, 1999.
- CANSANÇÃO, J.; MARQUES, E. A. As locuções: uma breve discussão sobre o seu lugar na Fraseologia. *Domínios de Lingu@gem*, v. 9, p. 336-352, 2015.
- CARVALHO, M. A.; RODRIGUES-PEREIRA, R. Uso de dicionários na Educação Básica: resultados de uma pesquisa. *ReDILLEt - Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología*, v. 1, p. 1-11, 2024.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. Madrid: Gredos, 1977.
- FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- DICK, M. V. P. A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- FAULSTICH, E. Terminologia: a disciplina da nova era na formação profissional de Língua de Sinais. *Revista Espaço*, v. 49, p. 21-34, 2018.
- FERRARI, C. G.; SIQUEIRA, M. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: uma comparação entre a compreensão de provérbios por crianças e adultos. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 2, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=https://www.scielo.br/j/delta/a/S7RzK5kC4wzQ5wS5fG5rB/%3Flang%3Dpt>. Acesso em: 06 jun. 2025.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Dicionários e enciclopédias. In: ALVAR, M. L. (Org.). *Manual de lexicografia*. Tradução de Heloisa Maria Moraes. São Paulo: Alfa-Ômega, 1989. p. 305-334.

JURAFSKY, D.; MARTIN, J. H. *Speech and Language Processing: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics, and Speech Recognition*. 2. ed. v. 23. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LISBÔA, I. M. L. *Collocations: abordagem teórico-aplicada para o ensino de inglês como língua estrangeira*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10957/1/Dissert%20Isolda%20Lisb%C3%B4a.pdf>.

Acesso em: 08 jun. 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 44, n. 153, p. 690-705, jul./set. 2014.

NASCIMENTO, R. V.; ANDRADE, K. S.; PEREIRA, C. M. R. B. Toponímia e geografia cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1003, 2018.

NOGUEIRA, A. R. *A compreensão de unidades fraseológicas: um estudo com crianças*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49096/3/2019\\_tese\\_arnogueira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49096/3/2019_tese_arnogueira.pdf). Acesso em: 08 jun. 2025.

ROCHA, J. M. P. *Tradução de fraseologismos metafóricos do português para o inglês: um estudo de corpus de aprendizado*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/202380/5/rocha\\_jmp\\_dr\\_sjrp.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/202380/5/rocha_jmp_dr_sjrp.pdf). Acesso em: 08 jun. 2025.

RODRIGUES-PEREIRA, RENATO; ZAVAGLIA, Claudia. Lexicografia: uma ciência interdisciplinar. *REVISTA GTLEX*, v. 8, p. 1-20, 2023.

SUGIHARTO, R.; SUTARSONO, B. A Pragmatic Approach In Teaching Speaking Skills for Vocational High School Students. *Journal of English Education, Linguistics and Literature*, v. 2, n. 1, 2023. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/372009417\\_A\\_Pragmatic\\_Approach\\_In\\_Teaching\\_Speaking\\_Skills\\_for\\_Vocational\\_High\\_School\\_Students](https://www.researchgate.net/publication/372009417_A_Pragmatic_Approach_In_Teaching_Speaking_Skills_for_Vocational_High_School_Students). Acesso em: 08 jun. 2025.

SIQUEIRA, M.; MELO, T.; DUARTE JÚNIOR, S.; BAIOTTO, L.; FERRARI, C. G.;  
LOPES, N. Many hands on this study: Development of a metonymy comprehension task.  
*DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 39, n. 3, p. 1-28,  
2023. Disponível  
em: <https://www.google.com/search?q=https://www.scielo.br/j/delta/%3C12%3Ea/Xv4Y4Zg6rQ5wS5fG5rB/%3Flang%3Den>. Acesso em: 06 jun. 2025.

ZAVAGLIA, C. Sexismo em dicionários brasileiros. In: Moreira, G. L.; Costa, L. A. da C.;  
Alves, I. M. (Org.). *Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ed. Campinas:  
Pontes Editores, 2022, v. I, p. 127-150.

## **FACES E INTERFACES NAS NARRATIVAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: multiplicidade de olhares e transformação do real**

Ulysses Rocha Filho

A literatura de expressão portuguesa contemporânea, especialmente aquela produzida em Portugal a partir do século XX, caracteriza-se por uma crescente pluralidade de vozes, estéticas e posicionamentos éticos diante do real. Essa multiplicidade de olhares reflete não apenas transformações sociais, políticas e históricas, mas também a renovação contínua do próprio fazer literário, entendido como espaço de construção de sentidos, de contestação das verdades instituídas e de reinvenção das subjetividades.

À luz do que denominamos como contemporâneo, muitos olhares em um mesmo espaço provocam caminhos do narrar diferenciados. Não importa se a motivação é autobiográfica ou ficcional: o que está em jogo é a construção de uma narrativa que, mesmo inventada, carrega os traços do mundo real e atua sobre ele. Conforme Antonio Candido (2000), o texto literário é mais do que reflexo — é catalisador das transformações do entorno, inserindo-se como força simbólica e ética no seio das relações sociais.

Ao longo do século XX, Portugal atravessou períodos sombrios — como a ditadura salazarista e as guerras coloniais — e vivenciou marcos históricos como o 25 de Abril de 1974, que instaurou a democracia. Esse contexto produziu uma literatura fortemente engajada com a memória, a justiça e o questionamento da história oficial.

Nos séculos XX e XXI, a literatura portuguesa passou por três grandes momentos que coabitam no presente:

- A tradição modernista e sua ruptura com o formalismo clássico.
- As experiências de vanguarda e metalinguagem da segunda metade do século XX.
- A emergência de uma literatura plural, marcada por discursos identitários, pós-coloniais, feministas e experimentais, nos anos 2000.

Nesse cenário, a produção de autores como José Saramago e Valter Hugo Mãe se torna exemplar de uma literatura que não apenas observa o mundo, mas o desafia, tensiona e reinventa por meio da palavra.

### **1. José Saramago: Alegoria e Reescritura da História**

José Saramago (1922–2010) é talvez o mais reconhecido autor português da modernidade tardia. Prêmio Nobel de Literatura em 1998, Saramago constrói uma obra que

funde alegoria política, revisão histórica e invenção linguística, colocando em xeque os pilares da cultura ocidental.

Sua prosa desafiadora — marcada por frases longas, pontuação pouco convencional e um narrador irônico — busca desautomatizar o olhar do leitor, retirando-o da posição de consumidor passivo e convertendo-o em agente de reflexão e transformação. Em Saramago, o narrar é sempre político: não no sentido panfletário, mas enquanto operação de desestabilização de estruturas de poder e de verdade.

A obra de José Saramago figura entre os marcos mais expressivos da literatura de língua portuguesa contemporânea, não apenas por seu valor estético, mas por sua força política e filosófica, tal como *Ensaio sobre a cegueira*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Memorial do Convento*. Tais obras apresentam sujeitos que, imersos em contextos de opressão, medo e dúvida, enfrentam dilemas morais profundos, revelando uma escrita que não apenas representa o real, mas o contesta e o reinventa. Ao final, reflete-se sobre o lugar de Saramago na pluralidade da literatura portuguesa contemporânea, ressaltando seu legado enquanto autor comprometido com a linguagem como espaço de pensamento e transformação.

A literatura, especialmente em sua vertente mais crítica e estética, ultrapassa o papel de entretenimento ou de reprodução do real. Conforme argumenta Antonio Candido (2000), o texto literário é um vetor de humanização e um catalisador de mudanças, não sendo um reflexo passivo da realidade, mas um espaço de embate e reinvenção. Na obra de José Saramago, essa concepção está não só presente, como fundadora de seu projeto narrativo. Combinando experimentação formal e denúncia simbólica, o autor constrói fábulas realistas que se aproximam do absurdo, mas que mantêm a acuidade ética em seu centro.

### ***1.1 Ensaio sobre a cegueira: A barbárie à luz do olhar cego***

Publicado em 1995, *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido como uma alegoria da fragilidade das instituições e da humanidade diante do colapso social. Na trama, uma epidemia de cegueira branca se alastra por uma cidade não nomeada, levando o governo a instaurar campos de quarentena, onde reina o caos, a fome, a violência e o egoísmo.

A grande questão proposta por Saramago não é a cegueira como deficiência física, mas como metáfora da recusa em ver o outro. Quando todos perdem a visão, restam apenas os instintos — e, com eles, emerge o lado mais cruel da condição humana. A personagem da mulher do médico, que misteriosamente continua a enxergar, torna-se a testemunha do desmoronamento moral da coletividade.

A linguagem do romance, com longos parágrafos, ausência de nomes próprios e pontuação minimalista, força o leitor a imergir num universo labiríntico e desestabilizador. Essa escolha estilística simboliza, também, uma crítica à maneira automatizada como nos acostumamos a “ver” o mundo. No lugar de descrições objetivas, temos uma prosa quase oral, onde o narrador age como um pensador irônico e compassivo, refletindo sobre a barbárie com poesia e raiva.

### **1.2 *O Evangelho Segundo Jesus Cristo: A desconstrução do sagrado***

Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), José Saramago reescreve um dos textos mais sagrados da cultura ocidental a partir de uma perspectiva profundamente humana. A obra causou controvérsia ao mostrar um Jesus atormentado por dúvidas, desejos e medo da morte — uma figura radicalmente distinta do messias dos evangelhos canônicos.

A crítica religiosa é aqui explícita. Deus é retratado como uma entidade que deseja fama e poder, indiferente ao sofrimento humano. Jesus, por sua vez, é um homem dividido entre seu amor por Maria Madalena e sua missão divina imposta. Esse conflito não é resolvido por fé ou obediência, mas por uma recusa lúcida e trágica.

Saramago transforma o texto bíblico em romance de formação e tragédia existencial. O Evangelho deixa de ser um registro sagrado e se torna uma narrativa que revela os horrores da instrumentalização da fé. Não há aqui blasfêmia gratuita, mas uma crítica à instituição religiosa enquanto forma de poder que manipula a dor e o sacrifício.

O estilo *saramaguiano* atinge nesse romance um dos seus pontos mais altos: frases longas, narrador intrusivo, ausência de pontuação convencional e um profundo lirismo que contrasta com a densidade filosófica do enredo.

### **1.3 *Memorial do Convento: Utopia, História e Ironia no Barroco Português***

Escrito em 1982, *Memorial do Convento* se passa no século XVIII, durante a construção do Convento de Mafra, obra monumental ordenada pelo rei D. João V como pagamento de uma promessa. Ao lado da narrativa histórica, Saramago insere personagens ficcionais como Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, protagonistas de uma história de amor que transcende a realidade.

Blimunda é uma mulher com dons sobrenaturais: consegue enxergar o interior das pessoas e recolher as vontades humanas, que servem de combustível à passarola, uma máquina voadora criada por Bartolomeu de Gusmão. Este é um romance profundamente político, em

que os contrastes entre o poder régio e o povo são ressaltados com ironia e indignação. O convento monumental é erguido às custas da miséria e do sofrimento de milhares.

Em meio à opulência barroca e ao domínio inquisitorial, a história de Baltasar e Blimunda aparece como metáfora da resistência amorosa e da utopia popular. O memorial que o título invoca não é apenas o edifício de pedra, mas a memória coletiva que a literatura preserva — memória das vítimas da história oficial.

Saramago, ao lado de autores como Lídia Jorge, Valter Hugo Mãe, Ana Luísa Amaral, Afonso Cruz e José Luís Peixoto, contribui para uma literatura portuguesa contemporânea plural, engajada e desafiadora. Sua obra permanece atual não apenas pelo que diz sobre o passado, mas porque aponta para um porvir ético e político ainda por construir.

## **2. Valter Hugo Mãe: Intimidade, Linguagem e Escuta**

Valter Hugo Mãe (1971) representa uma literatura pós-identitária, interessada não em afirmar uma identidade fixa, mas em revelar a fluidez, a fragilidade e a potência da subjetividade. Ao reinventar a ortografia e a sintaxe, o autor também nos obriga a ler com mais atenção, a entrar em comunhão com um outro radical, a linguagem como lugar de estranhamento e afeto. Valter Hugo Mãe representa uma nova sensibilidade na literatura portuguesa contemporânea. Sua escrita se caracteriza por uma radicalização do afetivo, uma atenção aos corpos vulneráveis e uma forma sintática que desrespeita normas gramaticais para construir uma linguagem própria.

Romances como *a máquina de fazer espanhóis*, *o filho de mil homens* e *desumanização* propõem uma literatura da escuta — escuta do velho, do órfão, do excluído, do estrangeiro. Em suas obras, a linguagem poética não é ornamento, mas recurso existencial, por meio do qual os sujeitos tentam resistir à dissolução do sentido na contemporaneidade.

A literatura contemporânea portuguesa, em sua face mais inquieta, tem voltado o olhar para os sujeitos periféricos, os que vivem nas bordas da história, da linguagem e da identidade. José Saramago volta-se o olhar para os menos favorecidos. No caso de Valter Hugo Mãe, essa atenção é radicalizada por meio de uma prosa que escuta: escuta o velho solitário, o órfão, o estrangeiro, o corpo em dor, o mundo em colapso. Sua obra é, antes de tudo, um projeto ético que propõe a escuta como forma de narrar — e a linguagem poética como lugar de cura.

Segundo Roland Barthes, a literatura não é feita apenas para dizer, mas para "fazer sentir o que não se pode dizer". Em Valter Hugo Mãe, essa sensação se traduz numa escrita

que recusa as normas ortográficas tradicionais, adota minúsculas mesmo em nomes próprios, fragmenta a sintaxe e mergulha no sensível como forma de tocar o intocável.

### ***2.1 a máquina de fazer espanhóis: a velhice como campo de exílio***

Neste romance de 2010, acompanhamos a história de António Silva, um barbeiro que, ao perder a esposa, é internado num lar de idosos. O que poderia ser apenas um retrato da velhice transforma-se numa meditação existencial sobre o abandono, o esquecimento e a tentativa desesperada de manter algum laço com o mundo.

António, outrora indiferente ao mundo, é forçado a confrontar suas perdas, seus erros e sua solidão. O título remete ao processo histórico e cultural de "espanholização" forçada — símbolo da dissolução da individualidade pelo poder externo. Nesse sentido, o lar funciona como uma metáfora para o apagar progressivo das singularidades no fim da vida.

A narrativa oscila entre a ternura e a brutalidade. Os diálogos entre os velhos são atravessados por humor, dor, amargura e lucidez. Ao narrar sem pontuação convencional, Valter Hugo Mãe nos obriga a respirar junto com o personagem, a experimentar seus silêncios e hesitações. A linguagem torna-se pele, memória e resistência.

### ***2.2 o filho de mil homens: adoção, reconstrução e a busca de pertencimento***

Publicado em 2011, *o filho de mil homens* apresenta a história de Crisóstomo, um pescador solitário que deseja formar uma família. O romance constrói uma galeria de personagens marginalizados — órfãos, pessoas com deficiências, mulheres abandonadas — que, ao se encontrarem, inventam uma nova forma de pertencimento, longe dos laços biológicos e das convenções sociais.

Aqui, a paternidade não é um dado natural, mas uma escolha radical pela acolhida do outro. Crisóstomo adota Camilo, um menino rejeitado, e a partir daí passa a agregar outras figuras também “órfãs” de afeto. A proposta do livro é clara: o amor e a filiação são atos éticos, não consequências biológicas.

A prosa poética acompanha essa delicadeza. Há um lirismo constante, que se apoia em imagens do mar, da natureza e dos gestos cotidianos como portadores de sentido. Valter Hugo Mãe escreve como quem borda com palavras os contornos de uma utopia: a de que família é aquilo que se constrói na escuta e no afeto, e não na imposição da norma.

### **2.3 desumanização: infância e trauma nos confins do humano**

Em *desumanização* (2013), a linguagem poética se radicaliza para dar conta de um dos temas mais difíceis da literatura: a dor da perda na infância. Narrado por uma menina que perde a irmã gêmea, o livro se passa na Islândia, país frio, inóspito, metáfora da solidão que marca toda a obra.

Ao contrário dos romances anteriores, este é mais fragmentado, quase um poema longo em prosa. A narradora enfrenta a morte, o silêncio do pai, o peso da religião e a indiferença da natureza com uma linguagem dura, cortante, feita de angústia e beleza. A “desumanização” referida no título não é apenas o trauma que desestrutura a infância, mas o processo pelo qual a sociedade nega escuta e consolo à dor.

A menina, no entanto, resiste pela palavra. Ainda que sua linguagem seja cheia de lacunas, é ali que se sustenta. O livro transforma o sofrimento em canto, e o canto em gesto de resistência. Valter Hugo Mãe nos obriga a ouvir o que normalmente é silenciado: a dor do que é pequeno, do que é tido como fraco, do que é julgado irrelevante.

Dessa forma, em seus romances, o autor Valter Hugo Mãe não afirma uma identidade estável. Seus personagens estão sempre em trânsito: entre mundos, entre corpos, entre famílias, entre formas de dizer. São sujeitos quebrados que tentam se reconstituir a partir dos fragmentos. Trata-se de uma literatura pós-identitária, que não busca o essencial, mas o transitório — a condição humana como devir.

Ao reinventar a ortografia (escrevendo sempre em minúsculas), ao fundir poesia e narrativa, ao recusar a clareza imediata, o autor propõe uma leitura ética: ler devagar, ler com o corpo, ler com afeto. A linguagem não é ornamento, mas um espaço onde o leitor é desafiado a experimentar a alteridade.

Como aponta Paul Ricoeur, a narrativa é uma forma de reconfiguração do tempo e da identidade. Em Valter Hugo Mãe, essa reconfiguração se dá de forma radical: cada livro é uma tentativa de inventar um modo de ser e de dizer que acolha a fragilidade do humano.

### **3. Interfaces da Contemporaneidade, em outras vozes: Lídia Jorge, Ana Luísa Amaral e Outras Vozes**

Ao lado de Saramago e Valter Hugo Mãe, destaca-se também Lídia Jorge, cuja obra se notabiliza pela reflexão sobre os efeitos do colonialismo, da ditadura salazarista e das marcas deixadas por um passado autoritário. Em romances como *O Dia dos Prodígios*, *A Costa dos Murmúrios* e *Estuário*, a autora constrói narrativas que enfrentam o trauma coletivo da Guerra Colonial e da transição democrática.

A linguagem de Lúcia Jorge é marcada por uma poética do desencanto e por um compromisso com a escuta das vozes apagadas pela história. Mulheres, soldados, migrantes, órfãos do império — todos encontram, em sua literatura, espaço para dizer o indizível, para reconstruir narrativas negadas.

Sua obra articula o íntimo e o histórico, mostrando como a memória pessoal é atravessada por eventos coletivos. Assim, a literatura torna-se não só recurso de reconstrução simbólica do passado, mas também um instrumento de crítica social e política.

No campo da poesia, a obra de Ana Luísa Amaral (1956–2021) representa uma das contribuições mais significativas à literatura portuguesa recente. Poeta, tradutora e professora, sua escrita mobiliza intertextualidade, reflexão feminista e atenção ao cotidiano como lugar de revelação poética.

Seus versos transitam entre o doméstico e o filosófico, o literário e o político, sempre com uma sensibilidade afiada para as estruturas de exclusão de gênero e poder. Livros como *Inversos*, *Escuro*, *Ágora* e *Mundo* revelam uma poeta profundamente consciente da tradição literária ocidental, mas empenhada em reinventá-la a partir de perspectivas femininas, maternais, dissidentes.

Ao dialogar com autoras como Emily Dickinson, Sylvia Plath e Sophia de Mello Breyner, Amaral inscreve-se numa tradição crítica, transnacional e engajada. Sua poesia, ao mesmo tempo intelectual e sensível, constrói um mundo onde o corpo, a linguagem e a memória se entrelaçam num gesto de reinvenção constante do humano.

A literatura portuguesa contemporânea, ao abraçar a multiplicidade dos sujeitos e a complexidade do mundo, reafirma-se como espaço de resistência simbólica e de reinvenção do real. Não se trata de negar a dor, o passado ou a crise, mas de construir, por meio da linguagem, um campo em que seja possível pensar o outro — o outro social, histórico, íntimo, político.

Seja pela alegoria de Saramago, pela escuta de Valter Hugo Mãe, pela denúncia memorial de Lúcia Jorge ou pelo lirismo feminista de Ana Luísa Amaral, essa literatura continua a nos interrogar: quem somos nós, como narramos o que somos, e o que fazemos com o que nos foi silenciado?

Sua obra reflete as marcas do colonialismo, da ditadura e das desigualdades de gênero. Em *A Costa dos Murmúrios*, por exemplo, temos uma denúncia ficcional dos horrores da Guerra Colonial a partir de um ponto de vista feminino. Já em *Os Memoráveis*, a autora revisita as promessas e frustrações da Revolução dos Cravos.

Com uma poesia marcada pela intertextualidade, pelo feminismo e pela erudição afetuosa, Ana Luísa Amaral dialoga com grandes nomes da literatura ocidental, questionando,

subvertendo e reescrevendo suas vozes. Em obras como *What's in a name*, ela propõe uma poética da escuta e da inquietação ética, onde o corpo e a linguagem são campos de disputa.

Um dos autores mais experimentais da geração recente, entrelaça filosofia, ilustração, música e narrativa é Afonso Cruz. Em *Para Onde Vão os Guarda-Chuvas*, o autor combina lirismo e crítica sociopolítica em uma fábula moral sobre alteridade, guerra e compaixão.

A poesia de Margarida Vale de Gato se destaca por um tom irônico e lúcido, com forte presença da linguagem cotidiana, do discurso publicitário e do pensamento feminista. Em *Lançamento*, propõe uma reconfiguração da linguagem de consumo para fins poéticos e críticos.

Com uma escrita intensa e existencial, o autor José Luís Peixoto mergulha na experiência do luto, da infância e da migração. *Nenhum Olhar* e *Livro* revelam um Portugal interior, rural e profundo, onde o silêncio e a memória moldam as relações humanas.

### **Considerações finais**

A literatura portuguesa contemporânea, longe de se esgotar em temáticas nacionais, revela uma dimensão cosmopolita e ética, sendo capaz de reverberar questões universais a partir de experiências locais. Ao problematizar o real, ao reinventar a linguagem, ao dar voz aos silenciados, essa literatura se coloca como espaço de resistência simbólica, lugar onde o mundo pode ser revisto, reescrito, transformado.

Seja pela fabulação alegórica de Saramago, pela poética da fragilidade de Valter Hugo Mãe, pelas denúncias pós-coloniais de Lídia Jorge, ou pelas inquietações feministas de Ana Luísa Amaral, o que se delineia é uma literatura plural, crítica, viva — uma literatura que não cessa de interrogar o humano e os seus múltiplos mundos.

Ao problematizar o real, ao reinventar a linguagem, ao dar voz aos silenciados, se configura como um território onde o mundo pode ser revisto, reescrito e transformado. Trata-se de uma literatura plural, crítica, viva — uma literatura que não cessa de interrogar o humano e seus múltiplos mundos.

A força das obras supramencionadas reside, justamente, em sua capacidade de nos deslocar: de nos fazer ver o que estava invisível, de nos fazer ouvir o que estava calado, de nos fazer pensar o que estava naturalizado. Nessa medida, mais do que entretenimento ou testemunho, a literatura torna-se um ato de escuta radical, um gesto político e uma esperança estética.

### **Referências**

- AMARAL, Ana Luísa. *What's in a Name*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.
- AMARAL, Ana Luísa. *Mundo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2021.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA, António. *Saramago: Um Perfil*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2012.
- CRUZ, Afonso. *Para Onde Vão os Guarda-Chuvas*. Lisboa: Alfabeta, 2013.
- JORGE, Lídia. *A Costa dos Murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- LOPES, Silviano Santiago. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- MÃE, Valter Hugo. *o filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MÃE, Valter Hugo. *desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PEIXOTO, José Luís. *Nenhum Olhar*. Lisboa: Quetzal, 2000.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Loyola, 1997.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- VALE DE GATO, Margarida. *Lançamento*. Lisboa: Mariposa Azul, 2016.

## LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS EM DEBATE: a consolidação da carreira de Lois Lowry e seu público leitor

Léa Evangelista Persicano

Lois Lowry é uma escritora pouco conhecida em nosso país. Atualmente, ela está com oitenta e oito anos (completados em 20 de março de 2025), tendo escrito mais de quarenta livros literários destinados, a princípio, para crianças e jovens, publicações essas que alcançam um público leitor de todas as idades, além de alguns livros não literários. Felizmente, desde 2019, vim me tornando uma pesquisadora colaboradora na divulgação da obra da autora norte-americana, em território nacional, com comunicações, conferências, resumos, artigos, ensaios, publicados em mídias diversificadas. Recentemente, em agosto de 2023, defendi a tese de Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) intitulada *As espacialidades do viver-morrer no ciclo utópico-distópico da série literária O doador de memórias*, pesquisa na qual demonstrei o forte entrelaçamento entre a vida e a obra da autora, tendo dedicado o primeiro capítulo da tese a essa discussão. Nas páginas que se seguem, trago um recorte dessa discussão.

Na tese mencionada, realizei análises literárias a partir de um viés foucaultiano, perspectiva teórica que comecei a desenvolver na Especialização em Letras: Leitura e Ensino (2007-2009) e dei prosseguimento no Mestrado em Estudos da Linguagem (2015-2017), ambos oferecidos pelo Departamento de Letras, que acolhia o primeiro curso de Letras, do interior do estado de Goiás, que comemorou seus 40 anos (1985-2025), no “VII Simpósio Nacional de Letras e Linguística” (SINALEL): Afetos, desafios e o futuro na formação de professores, realizado pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Inclusive, sou egressa da turma de Graduação em Letras-Português de 1997-2000, que, nesse ano de 2025, completa 25 anos da colação de grau das várias alunas e dois alunos, que seguiram caminhos parecidos ou até mesmo diversos, tendo como fio condutor as Letras.

A fim de tecer uma reflexão sobre literatura contemporânea, pensando no passado e no futuro mediando afetos pelo insólito ficcional, é que destaco alguns momentos da vida e da carreira de Lois Lowry, dando ênfase na série literária *The Giver (O doador de memórias)* – composta por livros destinados a todas as idades e que exploram com sensibilidade temas fraturantes (disruptivos, cinzentos, incômodos, não convencionais, proibidos [Ramos, 2021]). Voltemos no tempo e no espaço, para iniciar e percorrer nossa proposta textual.

Pouco mais de dois anos antes de a Segunda Guerra Mundial eclodir (1 de setembro de 1939), nascia a filha do major Robert Hammersberg e de Katherine Hammersberg, em 20 de

março de 1937, na ilha Oahu no arquipélago do Havai (na época, território dos Estados Unidos), que recebeu o mesmo nome da avó paterna, Cena Ericson Hammersberg. Como a avó não aceitou a homenagem, dias após o nascimento da menina, seu nome mudou para Lois Ann e continuou assim até se casar, aos dezenove anos, quando passou a assinar Lois Lowry. Aos treze, ganhou do pai uma máquina de escrever Smith-Corona; desde pequena ela criava histórias e poemas em folhas avulsas e seu envolvimento com a escrita era progressivo (Bankston, 2009).

No começo da década de 1970, concluiu a graduação (bacharelado) em Inglês. Estava na casa dos trinta anos, com os filhos ainda pequenos, quando ganhou do pai outra máquina de escrever, uma elétrica portátil, pois o marido emprestou a Smith-Corona sem seu consentimento. Começou a escrever profissionalmente, sonho que alimentou desde a infância (LOWRY, 2021). Trabalhou como *freelance*, compondo artigos para pequenos jornais e revistas, com incentivo de professores/as. Cursou pós-graduação, estudou fotografia e, paralelamente ao trabalho, criava textos literários curtos (contos).

Em 1975, “Crow Call”, seu primeiro conto, foi publicado na Revista *Redbook* e, em 2009, foi lançado no formato de livro ilustrado, possuindo um forte caráter autobiográfico. Devido à grande aceitação dessa história pelo público leitor da revista, Lowry recebeu uma carta de Melaine Kroupa, representante à época da Editora *Houghton Mifflin Harcourt* (HMH), aconselhando-a a escrever para crianças e jovens/jovens adultos. Ela compôs seu primeiro romance, *A Summer to Die*, que foi publicado em 1977 pela HMH e em 1978 contemplado com o Prêmio de Literatura Infantil da Associação Internacional de Leitura.

As décadas de 1980 e 1990 consistiram em um período frutífero para a escritora, com a criação e a publicação de romances autônomos e séries, a exemplo de *Anastasia Krupnik*. Em 1990, Lowry foi premiada com a *John Newbery Medal* (Medalha *John Newbery*)<sup>23</sup> por *Number the Stars*, de 1989, que retrata a perseguição nazista aos judeus na Dinamarca. Com o título *Um caminho na noite*, em 1990 foi publicado no Brasil pela Editora Xenon, com republicação em 2017. Em 2008, estava na lista dos dez melhores livros sobre o Holocausto para jovens adultos no *site* da livraria *Barnes and Noble* (Bankston, 2009), *ranking* que continua ocupando.

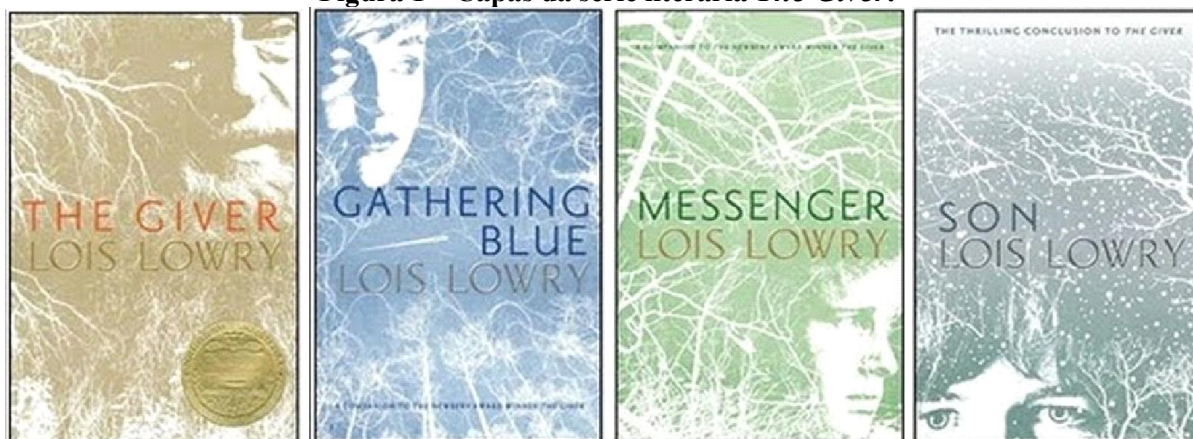
Em 1994, foi a vez da *Newbery* ser concedida à autora por *The Giver*, lançado em 1993, romance que intitulou posteriormente a série composta por: *The Giver (O doador de*

---

<sup>23</sup> É um dos prêmios de maior prestígio dado para o/a autor/a pela contribuição mais relevante à literatura infantil e juvenil norte-americana durante o ano, concedido pela *Association for Library Service to Children* da *American Library Association*. Posteriormente, os livros que ganham o prêmio têm o logotipo estampado nas capas.

memórias), *Gathering Blue* (*A escolhida*), *Messenger* (*O mensageiro*) e *Son* (*O filho*). Esses livros, mais especificamente os traduzidos para o português do Brasil, foram os escolhidos como objeto de estudo para o Doutorado que cursei na UFU de 2019 a 2023. Na sequência (ver figura 1), trago capas de um mesmo projeto gráfico dos livros em inglês pela HMH e, na primeira (ver imagem 1 da figura 1), está estampada, em cor dourada, a referida Medalha:

**Figura 1 – Capas da série literária *The Giver*.**



Fonte: Lowry (1993, 2000, 2004, 2012).

Antes de detalhá-las, é importante mencionar a existência de outras capas e seus respectivos projetos gráficos, e as que apresento são quase idênticas às do *box*, composto por livros de capa dura, adquiridos por mim do Canadá e são encontradas no *site* da própria escritora, assim como no seu livro de memórias fotográficas – *Looking back: a book of memories*, publicado em 1998 e em 2016.

Em todas as imagens da figura 1, cada uma com a predominância de duas cores, é possível perceber um jogo entre a floresta, com traçados variados de vegetação, e rostos de pessoas diferentes. Os três primeiros olhares, nos rostos inclinados para o lado esquerdo, sugerem a busca por algo distante e conotam algum tipo de preocupação, enquanto o último olhar, frontal e fixo na direção de quem ou o que se coloca na posição de espectador, parece desprotegido. Na imagem 2, fios de linhas interagem com a face aparentemente feminina, com a vegetação e com uma agulha, objeto que insinua o movimento de costura e união, entre a dimensão humana e a natural. Já a imagem 4, sustentada por um meio rosto com foco nos olhos, sugere um amplo espaço aquático entrelaçado ao da floresta; enquanto a imagem 3 traz uma quase indistinção entre a vegetação densa e o rosto que parece servir-lhe de suporte.

Influenciados pelo primeiro livro, os outros três também foram adotados para integrar o currículo de diversas escolas norte-americanas. Inclusive, apesar dos riscos de censura de muitos dos livros da autora, devido sobretudo aos temas fraturantes com os quais trabalha

(perdas, adoção, morte, guerra, deficiências físicas e morais, Holocausto), há guias de leitura sobre eles para estudantes, com o resumo da trama, perguntas de estudo, análise estrutural da narrativa, minibiografia da escritora, contexto histórico de produção da obra, sugestões extras. Não posso deixar de mencionar que, em grande parte, esses guias são deveras redutores e me lembram as fichas de leitura que acompanha(ra)m livros no Brasil. Muitos de nós, em algum momento ou outro, fazemos usos deles em sala de aula e isso se deu porque fomos obrigados por uma política de leitura ditatorial, que costumava, de modo geral, engessar a leitura e determinar os sentidos da interpretação. Lamentavelmente, foi o que vivemos em nosso país no passado, mas que, de determinada forma, se repetiu em alguns aspectos recentemente, na última gestão presidencial (2019-2022). Esse período ficou marcado por um tipo de ditadura militar, que tributava livros e desestimulava o acesso a eles, ao mesmo tempo que incentivava o uso maciço de armas, a intolerância em vários níveis e tolhia a liberdade saudável de expressão, com a veiculação de inúmeras *Fake news* (informações enganosas/inventadas para distorcer a realidade de fatos), criadas para enganar os leitores.

Julgo oportuno explicitar um motivo familiar que levou Lowry a escrever *The Giver*, já que muitas de suas criações têm relação com sua história de vida. Na década de 1990, seus pais tinham mais de oitenta anos e moravam numa casa de repouso no Estado da Virgínia; a mãe estava com o corpo frágil e a mente lúcida, enquanto o pai apresentava disposição física e a memória em processo de apagamento. A partir dessa perda da memória paterna e das próprias reflexões sobre os compromissos que fazemos, ela criou uma pequena comunidade no futuro, controlada por meio da manipulação da memória (Lowry, 2007 *apud* Bankston, 2009). O “apagamento” e/ou “manipulação da memória”, como a autora expressa, ocasiona consequências positivas e negativas, um limite tênue entre a utopia e a distopia, características associadas ao insólito ficcional e relacionadas à classificação do(s) livro(s) conforme o catálogo editorial de publicação. Segundo John Bankston, seu biógrafo autorizado, ela imaginou uma sociedade isenta de memórias tristes e sentimentos ruins e com as dores apagadas, problemática que vem à tona, sobretudo, por intermédio de Jonas, um personagem cujo crescimento e amadurecimento acompanhamos no decorrer de toda a série. A autora relata que: “[...] para mim, porque escrevo para um público jovem, as perguntas que incitam e inspiram um livro devem sempre ser apresentadas através da consciência de um jovem. E assim

eu criei um menino, e eu o chamei de Jonas” (Lowry, 2007 *apud* Bankston, 2009, p. 88, tradução minha)<sup>24</sup>.

Lowry também contou em entrevista que, por questões editoriais e mercadológicas, esse livro não pôde exceder duzentas páginas e, ao final, ela precisou condensar bastante a narrativa. Em sua opinião, a condensação de informações não prejudicou a trama, mas oferece possibilidades para a futura ampliação da história. Ele é “um livro radicalmente diferente de seus outros romances, até mesmo de *Number the Stars*. Foi uma aposta, já que agora ela tinha um público fiel que talvez não quisesse dar uma chance para um livro tão diferente” (Bankston, 2009, p. 95, tradução minha)<sup>25</sup>. *The Giver*, classificado como ficção científica, mais especificamente utopia/distopia, foi uma aposta que deu certo. O livro foi publicado em mais de quarenta idiomas (HMH, 2022) e agraciado com uma versão comemorativa de *graphic novel* lançada em 2019 – adaptada por Philip Craig Russell e ilustrada por ele, Galen Showman e Scott Hampton –, pelo motivo de o livro-fonte ter completado vinte e cinco anos em 2018. É leitura das séries do Ensino Fundamental ao Médio, além de ser tema de pesquisa em alguns trabalhos de alunos de pós-graduação, sobretudo, em língua inglesa.

O sucesso desse romance e o seu desfecho em aberto pediram continuidade para a história, sequência que veio sete anos após (em 2000) e assim por diante (em 2004...). Ele “trouxe legiões de novos fãs” e a autora voltou ao mundo distópico para criar a sua sequência narrativa em mais dois romances. Algumas características comuns entre os livros são: “foram ambientados no futuro, após um evento cataclísmico mal descrito. A guerra devastou cidades, deixando-as inabitáveis. Os sobreviventes das ruínas construíram suas próprias sociedades, que não dependiam de um governo central” (Bankston, 2009, p. 97, tradução minha)<sup>26</sup>. Na época de produção dessa biografia autorizada da autora, eram três os vilarejos criados por ela para a série literária: *The village of Jonas and The Giver* (O vilarejo de Jonas e do Doador), *The village of Kira* (O vilarejo de Kira) e *The village of Matty* (O vilarejo de Matty), porque, na ocasião, a série contava com três dos seus quatro romances. Com aspectos sociais, econômicos, culturais e governamentais diferentes, nesses espaços ficcionais, lida-se com o pós-guerra de

---

<sup>24</sup> “[...] for me, because I write for a young audience, the questions that incite and inspire a book must always be presented through the consciousness of a young person. And so I created a boy, and I named him Jonas” (Lowry, 2007 *apud* Bankston, 2009, p. 88).

<sup>25</sup> “a book radically different than her other novels, far more different than even *Number the Stars*. It was a gamble, as she now had a faithful audience that might not want to take a chance on such a different book” (Bankston, 2009, p. 95).

<sup>26</sup> “were set in the future, following a scarcely described cataclysmic event. War had devastated cities, leaving them uninhabitable. Survivors from the ruins built their own societies, ones that did not rely on a central government” (Bankston, 2009, p. 97).

modo peculiar e constrói-se regras sociais específicas; neles, a paisagem rural originou o isolamento socioespacial, com pouca ou nenhuma interferência externa.

Fazendo referência ao quarteto – que engloba mais um, *The village of Claire* (O vilarejo de Claire) –, Lowry explica: “Embora tenham um escopo mais amplo do que meus livros anteriores, eles falam da mesma preocupação: a necessidade vital de as pessoas estarem cientes de sua interdependência, não apenas entre si, mas com o mundo e seu ambiente” (2021, *online*, tradução minha)<sup>27</sup>. E, por meio desses livros, é possível confirmar o seguinte pressuposto: que “[a] literatura só consegue assumir muitos saberes, porque ela os faz girar, não lida com eles de forma estática; por isso, o lugar dos saberes na literatura não é direto, porém sempre indireto, enviesado, deslocado, movente” (Gama-Khalil, 2018, p. 23), reflexão que a pesquisadora brasileira desenvolve sobre as “forças da literatura”.

Ao longo dos anos, a literatura produzida pela escritora norte-americana se consolidou com temas difíceis de abordar – considerados sombrios, fraturantes (Ramos, 2015; Ramos; Vernon, 2015) – e também com aqueles engraçados, que tocam a vida de seus leitores, por compartilhar das suas frustrações e sentimentos (Lowry, 1994 *apud* Bankston, 2009). Da mesma forma, teórica e comercialmente, sua escrita foi ficando cada vez mais direcionada para o público leitor jovem (12 a 15 anos) e o jovem adulto (12 a 18 anos) (Segabinazi; Rodrigues, 2021; Yalsa<sup>28</sup>, 2022, *online*), sendo complicada essa determinação de idades – ainda que norteadora das escolhas de leitura de muitos profissionais da educação e dos nichos do mercado editorial vinculados a elas – e tais parâmetros bastante moventes e não fixos<sup>29</sup>.

Quando escreveu a biografia dela, Bankston (2009, p. 62) assinalou que Lowry é muito requisitada para palestras e que, em seus discursos, frequentemente relata suas experiências de vida, mencionando sua luta para se consolidar como autora. Sua popularidade aumentou consideravelmente, ressalta o biógrafo, depois do recebimento duplo da Medalha *Newbery*, num intervalo de cinco anos entre uma e outra. Desse modo, na década de 1990, Lowry comporia romances como um legado duradouro que não teria imaginado (Bankston, 2009), alcançando um público leitor diversificado. Muitos de seus textos apresentam “reflexões sobre

---

<sup>27</sup> “Though they are broader in scope than my earlier books, they nonetheless speak to the same concern: the vital need of people to be aware of their interdependence, not only with each other, but with the world and its environment” (Lowry, 2021, *online*).

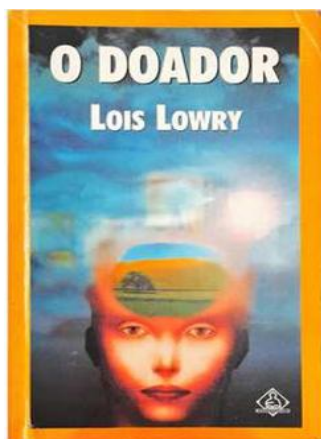
<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.ala.org/yalsa/products%26publications/yalsapubs/yals/policiesprocedures>. Acesso em: 16 abr. 2025.

<sup>29</sup> Em 14 dez. 2013, Raquel Cozer – colunista da *Folha de São Paulo* – já nos apresentava mais subdivisões para a literatura juvenil, em uma espécie de crise de identidade: Infantojuvenil (8 a 12 anos), *Young Adult* (13 a 18 anos), *New Adult* (18 a 25 anos), *Crossover* – cruzamento (“todos os anteriores e também leitores mais velhos”). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganha-subdivisoes-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

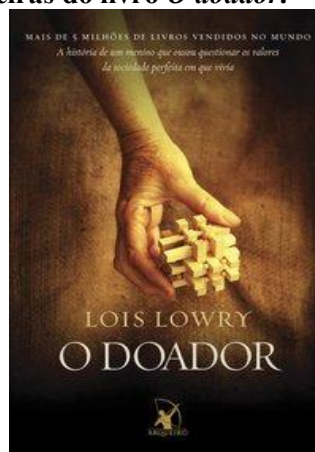
mazelas sociais, questões sobre o destino humano e do planeta, o sentido da vida e das guerras, conflitos pessoais e grupais, dentre outras” (Gama-Khalil; Persicano, 2021, p. 96), revestidas em diversas metáforas e uma linguagem literária que gera sentidos variados conforme a experiência leitora de cada um de nós.

Como parte do legado de Lowry, foram lançadas traduções de *The Giver* (171 p.), no Brasil, mais de uma vez. Em 1996, o livro foi publicado, em nosso país, com o título *O doador* (190 p.) pela Editora Ediouro; tal edição, datada de apenas três anos depois do lançamento de *The Giver* (1993), nos Estados Unidos, possui uma capa esfumada (ver imagem 1 da figura 2), com o fundo em tons de azul e branco, e, em primeiro plano, um rosto humano semelhante ao de um replicante (humano artificial, “robô”). Na testa dessa figuração, há uma paisagem diferente, expressando um novo horizonte, circundada/o por uma borda ovalada; a partir da cabeça, com o topo não mais definido, há uma junção do primeiro plano (parcialmente definido) com o segundo plano (indefinido), sugerindo ao leitor uma possibilidade de (in)definições:

**Figura 2 – Capas brasileiras do livro *O doador*.**



Fonte: Lowry (1996).



Fonte: Editora Arqueiro (2022, *online*)<sup>30</sup>.

Quanto à imagem 2 da figura 2, refere-se à capa da primeira edição, pela Editora Arqueiro (nesse tempo, Sextante), de *O doador* (192 p.), de abril de 2009. Na capa, há uma mão, relativamente envelhecida, segurando uma espécie de cubo de madeira, como se fosse entregá-lo a alguém; as cores do fundo, da mão e do cubo mostram uma graduação de tons terrosos ao bege, esfumados e margeados pelo preto. Na época, segundo informações dessa capa do livro (rever imagem 2 da figura 2) e do *site* da editora, *The Giver* contava com mais de cinco milhões de livros vendidos – tal vendagem também é citada por Bankston (2009, p. 96)

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.editoraarqueiro.com.br/livros/doador-o-esgotado/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

–, contemplando traduções em diversos idiomas. Essa edição se esgotou e, em agosto de 2014, foi relançada como *O doador de memórias* (208 p.), *copyright* da tradução de 2009 pela Arqueiro e as vendas mundiais do livro 1 haviam atingido mais de onze milhões de exemplares.

Nas páginas finais da edição de 2014, consta o início da narrativa seguinte, *A escolhida*, motivando-nos a ler mais, além da “Entrevista com Taylor Swift”, cantora *pop* que interpretou, no filme *The Giver*, a Receptora de Memória-aprendiz desertora (Rosemary); se não houvesse esses “extras”, a quantidade de páginas seria 187. Um dado importante é que o filme homônimo estreou, nos cinemas dos Estados Unidos, no dia 14 de agosto de 2014 e, no Brasil, em 11 de setembro de 2014 como *O doador de memórias*; o que repercutiu até na capa do livro 1 em português, adaptada do cartaz do longa-metragem. No mesmo ano, em novembro de 2014, foi a vez de *Gathering Blue* (183 p.) ser publicada como *A escolhida* (192 p.) e, em maio de 2016, *Messenger* (142 p.) ganha o título de *O mensageiro* (160 p.).

A seguir, as capas dos livros em português do Brasil pela Arqueiro, nos quais analisei, junto com o livro 4 – *O filho* (em português de Portugal) –, principalmente, as especialidades do viver-morrer entrelaçadas ao ciclo da utopia e da distopia:

**Figura 3 – Capas da série literária *O doador de memórias*.**



Fonte: Lowry (2014a, 2014b, 2016).

Algo que nos chama a atenção, na figura 3, é que, além de a capa de *O doador de memórias* (v.1) advir do cartaz do filme, a logo da Medalha *Newbery* não aparece, apesar de a premiação ser citada na orelha da contracapa, atestando seu valor literário. Se observarmos bem, no canto inferior à direita da capa (rever imagem 1 da figura 3), há uma espécie de selo redondo com a informação “inclui entrevista com Taylor Swift”, cuja breve participação no longa-metragem é realçada pelo fato de ser uma cantora popular na atualidade. Por um lado, da maneira como a capa foi configurada, a qualidade literária do livro acabou se tornando “um assunto cujo valor passa para segundo plano” (Andruetto, 2012, p. 58); por outro, reforça uma

tendência atual do mercado editorial (Matangrano; Tavares, 2019): o sucesso comercial de livros/séries literárias distópicos interligado às adaptações cinematográficas.

Sobre os paratextos, no tocante artigo “Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas”, Ana Margarida Ramos e Richard Vernon (2015, p. 291) enfatizam: “Responsáveis pela criação de expectativas de leitura, apresentando indícios sobre o conteúdo das obras, os elementos paratextuais, como o título dos romances ou as ilustrações da capa, permitem, desde logo, situar as obras” nos universos ficcionais que nos esperam. Contudo, no caso em foco da edição brasileira de *O doador de memórias*, os paratextos foram reduzidos ao material promocional do filme, a fim de interferir igualmente na venda do livro, incluindo cartaz de divulgação, capa do DVD, fotos de atores famosos (Jeff Bridges e Mary Streep) no acinzentado fundo da capa e dos jovens atores (Brenton Thwaites e Odeya Rush) no colorido centro, com o título em destaque na cor vermelha, jogo de cores fundamental no enredo, além da indicação da referida cantora *pop*. Na cor branca, acima do título, está o nome “Lois Lowry” e, abaixo das letras vermelhas, o enunciado verbal-síntese: “Quando não há memórias, a liberdade é apenas ilusão”. Tais elementos reunidos são capazes de atrair o público de todas as idades, bem como de diferentes modalidades artísticas.

Quanto às capas do v.2 e do v.3 (rever imagens 2 e 3 da figura 3), a segunda, com um forte azul em segundo plano, exibe em primeiro plano – apesar de deslocada para o canto – parte do corpo de uma moça (para mim, desconhecida) e flores azuis com branco, justaposição de desenhos que sugere movimentos advindos das mãos da moça e em torno dos quais girará a trama narrativa. Já a terceira capa brasileira expressa uma forte relação da floresta com a forma humana em tons de azul, a qual ocupa quase todo o espaço disponível, com fundo branco; do pescoço para baixo, abrangendo a área corporal humana que contempla o peito e o coração (órgão vital), tudo está tomado pela floresta, a misteriosa entidade em estado natural, sugerindo uma íntima ligação entre o corpo humano e o corpo com raízes profundas.

Diferentemente da primeira capa da figura 3, essas duas trazem a logomarca da Editora Arqueiro, embaixo e ao centro, enquanto as letras com o nome da autora (Lois Lowry) ganham mais evidência. Uma recorrência, nas três, é a quantidade (em milhões) de livros vendidos, números que atestam a predominância de aquisição do livro 1 (mais de onze milhões em agosto de 2014 e mais de doze milhões em novembro do mesmo ano – data de publicação, no Brasil, do livro 2; em maio de 2016 – mês de publicação, em nosso país, do livro 3 –, juntos, os livros 1 e 2 haviam vendido mais de quinze milhões de exemplares pelo mundo. Não posso deixar de demarcar que o título *O doador de memórias*, a partir do volume 2, passou a figurar nas capas

como o título da série literária em construção, como acontece com outras produções literárias em série que lhe são contemporâneas.

*Son*, o livro 4, ainda não foi traduzido para o nosso idioma. A edição mais próxima de nós é a da Editorial Everest, em português de Portugal, com o título *O filho*, de julho de 2014 – data próxima do lançamento do filme *The Giver* nos Estados Unidos. A seguir (ver figura 4), como parte de outro projeto gráfico, a capa do audiolivro (imagem 1) – suporte literário digital que também utilizei na tessitura da tese – e a sobrecapa e a capa do livro impresso (imagens 2 e 3) que deram origem ao audiolivro:

**Figura 4 – Capa do audiolivro e sobrecapa e capa do livro *O filho*.**



Fonte: Lowry (2014c, 2014d).

No caso dessa sobrecapa (rever imagem 2), confeccionada em papel especial e com as mesmas informações verbais da capa “amarela”, exerce mais que a função de proteger a discreta capa (dura), em amarelo ouro, do livro; ela expressa um lastro/uma memória de imagens (intericonicidade), lembrando-nos, por exemplo, de capas da série literária norte-americana. Em um primeiro plano, está um garoto de pele e cabelos claros e olhos bem azuis; quase que em paralelo à figuração dele, um portal e talvez a porta de uma morada; ao fundo, colinas cobertas por vegetação e sobrepostas por algumas colunas. Ou seja, há uma profusão de imagens, que pode sugerir abundância de memórias conflitantes ou não nesse quarto livro, o qual possui uma aliança curiosa com os outros três, conforme pontuei na Introdução.

A forte tendência contemporânea de o sucesso de muitos livros utópicos e/ou distópicos atrelar-se a adaptações filmicas está em consonância com o que Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares (2019) discutem sobre os “Futuros sombrios e a febre das distopias” e eles enumeram como exemplos: a trilogia *Jogos Vorazes* (2008-2010), de Suzanne Collins; a trilogia *Divergente* e dois *spin-offs* (2011-2017) – isto é, obras derivadas da obra principal –, de Veronica Roth; os seis livros de *Maze Runner* (2009-2016), de James Dashner. Essa forma

de interação artística foi o modo pelo qual conheci e interagi com *O doador de memórias* filme e livro, respectivamente, o que se deu com inúmeras outras obras cinematográficas e literárias.

Matangrano e Tavares (2019) não fazem referência à quadrilogia *O doador*, ausência que se justifica, a meu ver, por alguns motivos: o quarteto parece não ter sido idealizado como uma série, dado ao intervalo de sete anos entre a publicação do primeiro e do segundo livro; esses volumes (de 1993 e 2000) se localizam no século XX, enquanto os outros dois (de 2004 e 2012) no XXI; e possivelmente pelo fato de apenas o livro 1 ter se tornado filme, a partir de um projeto de dezoito anos do ator e produtor Jeff Bridges (1949)<sup>31</sup>.

Pode ser que os filmes subseqüentes não vieram, devido ao primeiro “não possuir tanta ação, nem tanto romance, quanto esses rivais adolescentes [*Jogos Vorazes* e *Divergente*]. Mas seria injusto sustentar esta comparação, até porque a trama do livro *O Doador*, de Lois Lowry, está muito mais próxima da literatura social de *1984* e *Admirável Mundo Novo* [...]” (Carmelo, 2014, *online*). A própria autora de *O doador*, em depoimento a um colunista do jornal *The New York Times* em 2012, realçou que

cada livro jovem adulto publicado é um *thriller* distópico repleto de sequências de ação. “E é por isso que eles estão sendo transformados em filmes e o meu está em Hollywood há 16 anos – eles não podem descobrir onde a ação está. [...] Acho que escrevi 40 livros, e nenhum deles foi pesado em ação”, disse ela. “Eu sou uma pessoa introspectiva.” (LOWRY *apud* KOIS, 2012, *online*, tradução minha).<sup>32</sup>

Nos dois excertos citados, é recorrente a alusão à “pouca ação” na trama de *O doador de memórias*. No primeiro, é referendado seu caráter social e sua proximidade com distopias clássicas; e, no segundo, a própria Lowry refere-se à maneira como se vê: “uma pessoa introspectiva”, característica possível de notar em todos os protagonistas da série, sem exceção.

Cabe aqui sublinhar que, no *site* da editora estadunidense *Houghton Mifflin Harcourt*, os livros do quarteto *The Giver* são indicados para a faixa etária de 12 a 16 anos e a escritora é descrita como “autora de livros para crianças e jovens adultos” (HMH, 2022, *online*); por sua vez, o *site* da editora brasileira Arqueiro, não traz essas informações sobre a trilogia traduzida

---

<sup>31</sup> Jeff Bridges, pretendendo realizar uma produção voltada para seus filhos e para seu pai, encontrou o título *The Giver* numa lista de livros destinados às crianças. Sentiu-se muito atraído pela capa, com um velho grisalho e, por meio da leitura, apaixonou-se pela história, que “esperava ser [de] um livro infantil, mas funcionava muito bem para adultos também” (Bridges, 2014, 00:35-00:41). Depois, foi o próprio Bridges quem interpretou o personagem Doador, devido ao falecimento do seu pai em 1998 e a película foi dirigida por Phillip Noice. Bridges (2014) menciona que Lowry forneceu todo o material para o roteiro e assessorou toda a adaptação filmica.

<sup>32</sup> “every young-adult book published is a dystopian thriller packed with action sequences. ‘And that’s why they’re getting made into movies and mine has been out in Hollywood for 16 years – They can’t figure out where the action is. [...] I think I’ve written 40 books, and none of them have been heavy on action’, she said. ‘I’m an introspective person.’” (Lowry *apud* Kois, 2012, *online*).

intitulada de *O doador de memórias*. Nas fichas catalográficas dos livros em inglês, três são classificados, consoante a CIP (*Cataloging in Publication* – Catalogação na Publicação), como *science fiction* (ficção científica) e um (*Messenger*) como *utopia – fiction* (ficção utópica); em português, na ordem de publicação, a classificação é ficção infantojuvenil americana, distopia – ficção infantojuvenil americana e ficção americana. Tais categorizações, indubitavelmente, geram não raros problemas, como o das reduções a rótulos de idade e de gênero, que podem aproximar ou afastar leitores, assim como indicações positivas e/ou negativas de leituras.

Como vimos destacando, tais rótulos vinculam-se sobremaneira às tendências de mercado e aos presumidos gostos do público:

A ficção jovem adulta é categorizada por ter um protagonista adolescente ou personagem principal. Muitos romances modernos para jovens adultos apresentam protagonistas de 17 anos porque escritores e editores acreditam que leitores com menos de 17 anos gostam de ler livros com personagens que são quase adultos. Acredita-se que livros com personagens no início da adolescência sejam menos interessantes para os adolescentes mais velhos. Embora a maioria dos livros de Lowry apresentem personagens principais um pouco mais jovens – entre as idades de 10 e 14 – seus livros costumam atrair leitores mais velhos. [...] o público de Lowry varia de alunos do Ensino Fundamental a adultos (Bankston, 2009, p. 75, tradução minha)<sup>33</sup>.

De acordo com o biógrafo da escritora, quando *The Giver* era uma trilogia, foi republicada com diferentes capas e colocada nas seções de literatura adulta de livrarias (Bankston, 2009), ao contrário do mencionado por Jeff Bridges (2014), que soube do livro 1 através da referida lista de livros voltados a crianças.

Aquilo que se sobrepõe a essa movência classificatória, ao mesmo tempo em que a possibilita, são as qualidades literárias, a exemplo: da legibilidade dos textos da série – escritos com uma linguagem cuidadosamente escolhida para não desagradar leitores jovens ou adultos, e também atingir leitores mais jovens ou menos experientes; das construções metafóricas, bastante volumosas, com ocorrências aqui e acolá de ironias; da incidência, nas quatro narrativas, de um narrador onisciente e um narrador refletor, que cede lugar aos monólogos dos então protagonistas, com certas interrupções de um narrador intruso; da utilização do diálogo como um dos elementos-chave para o desenvolvimento da trama. Ademais, os temas das narrativas, em grande medida, são existenciais e muito tocantes, além de muito doloridos,

---

<sup>33</sup> “Young adult fiction is categorized by having an adolescent protagonist, or main character. Many modern young adult novels feature 17-year-old protagonists because writers and publishers believe that readers younger than 17 enjoy reading books featuring characters who are almost adults. Books with characters in their early teens are believed to be less interesting to older teens. Although most of Lowry’s books feature slightly younger main characters – Between the ages of 10 and 14 – her books often appeal to older readers. [...] Lowry’s audience ranges from elementary school students to adults” (Bankston, 2009, p. 75).

sendo esteticamente bem elaborados. Tais aspectos, porém, nem sempre são observados, sobretudo quando a leitura é rápida e superficial. Em decorrência, há a possibilidade de seu público leitor abranger variadas idades. Desta feita, adjetivos à parte, os livros podem ser lidos

por jovens e por adultos como literatura em função de um motivo muito direto e indubitável: há em suas páginas “literatura”. [...] a fundamental presença do discurso estético para a validação do literário, seja este dirigido a crianças, jovens, adultos ou idosos. O literário [...] ultrapassa os limites ilusórios mas insistentes das faixas etárias (Gama-Khalil, 2020, p. 227, grifo da autora).

Assim, as análises evidenciam as qualidades literárias da série escolhida, compreendida por mim como “sem adjetivos” (Andruetto, 2012; Gama-Khalil, 2020), “sem atributos” (Saer, 1988 *apud* Andruetto, 2012), em uma linha de raciocínio, um sistema de projeções, que se (re)constrói conforme a interação com as narrativas em estudo acontece.

Roger Chartier (1999, p. 77) nos previne de que a “liberdade leitora [...] é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam[,] segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler”. Essa assertiva vai ao encontro do que Matangrano e Tavares (2019, p. 275) observam sobre o funcionamento do mercado editorial: “é difícil separarmos o mercado literário e seus meios de divulgação e difusão tradicionais – jornais, revistas, livrarias e eventos – de fenômenos midiáticos que alteraram substancialmente a forma como livros e autores são vistos, conhecidos e comentados”, na atualidade, como redes sociais, portais digitais, *podcasts* literários, canais do *Youtube*. Esses fenômenos midiáticos, sem dúvida, podem embaralhar o limite das faixas etárias e mostrar a riqueza de inúmeras obras pejorativamente taxadas, por exemplo, de “infantis”, redirecionando-as para um público de todas as idades.

Como adverte a escritora María Teresa Andruetto (2012, p. 61), nas categorizações da literatura como infantil ou juvenil (e acrescento jovem adulta), reside um perigo: “De tudo o que tem a ver com a escrita, a especificidade de destino é o que mais exige um olhar alerta, pois é justamente ali que mais facilmente se aninham razões morais, políticas e de mercado”. Segundo ela, esses rótulos partem, inclusive, “de ideias preconcebidas sobre o que é uma criança e um jovem” (Andruetto, 2012, p. 60) e tais “denominações que deveriam ser simplesmente informativas convertem-se em categorias estéticas” (Andruetto, 2012, p. 58). Nisso, avolumam-se imbrólios de diversas ordens, dentre os quais “a problemática que não há uma juventude, mas juventudes plurais, porque é inegável que o espaço sociocultural e econômico determina a permanência do indivíduo dentro da categoria juventude ou não” (Oliveira-Iguma; Gama-Khalil, 2020, p. 165-166) e o chamativo evidenciamento dessa questão é uma das grandes contribuições da série em foco de Lowry.

A autora exemplifica, por meio de seu universo ficcional, várias realidades de vida e de morte de diferentes fases da existência humana, o que propicia ao leitor identificar-se com muitos de seus personagens e os sentimentos que os incomodam. Como aponta o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo (2005, p. 10-11), o “direcionamento para” nos conduz “à questão da divisão de pessoas em faixas etárias. [...] tal divisão é apresentada como natural, embora seja cultural. Foi criada, como sabemos, para facilitar a organização escolar e, mais tarde, reforçada por razões econômicas e comerciais, afinal permite determinar fatias de mercado”. E ela opera de maneira genérica e abstrata, uma vez que as pessoas de mesma idade não são iguais, nem possuem as mesmas experiências de vida – aliás, essas são singulares e invisíveis aos outros. Além disso, consoante Azevedo (2005, p. 11), essa divisão etária

pode gerar um fosso entre crianças e adultos. Esse fosso, a meu ver, só é superado quando os mesmos descobrem o quanto são parecidos nos aspectos fundamentais da vida. Ambos sentem dor física; são, em graus diferentes, dependentes de fatores, sociais, afetivos, políticos e outros; envelhecem; são passíveis de sentimentos como ciúme, vaidade, ódio, amor, tristeza ou alegria; apreciam o conforto; detestam ser rejeitados; são sexuados, costumam temer a morte etc..

Esses são temas concretos para os seres humanos e a literatura possibilita “a leitura e identificação da grande maioria das pessoas, independentemente de faixas de idade” (Azevedo, 2005, p. 14). Nesse sentido, a boa literatura, ou seja, a que preza pela qualidade estética, possui “o trabalho polissêmico com a palavra” (Oliveira-Iguma; Gama-Khalil, 2020, p. 147) e não se serve diretamente do discurso utilitário. Logo, independentemente se para crianças ou jovens, a boa literatura é aquela que emancipa e proporciona um prazer estético, com variantes emocionais, expressivas e críticas capazes de serem transformadas em conhecimentos e provocarem algum tipo de mudança nas práticas cotidianas.

Ana Margarida Ramos (2021, *online*), abordando os temas fraturantes em livros lidos por crianças e adolescentes/jovens na atualidade, alega que esses assuntos são universais ou específicos das culturas, podendo variar entre os países e conforme o regime político de cada um. O próprio mercado editorial, de acordo com a pesquisadora, se utiliza de muitas formas de censura, dentre elas a proibição ou o controle dos livros; assim, são taxados como adequados ou inadequados ao público leitor. Esse afastamento de temas considerados “tabus é um desserviço a favor da construção humana das crianças e/ou adolescentes, haja vista que é fundamental que esses possam ser levados a refletir sobre a vida que ‘rasga’ desde a idade mais tenra” (Oliveira-Iguma, 2019, p. 327, grifo da autora); não os encarar dificulta a autoconvivência e o convívio com as outras pessoas. Ademais, “[q]uando a criança é ignorada, ou não tem espaço para manifestar medos e traumas, há a imposição de um silêncio – e isso pode

ter consequências em seu desenvolvimento mental e moral” (Barth, 2022, p. 60), como aconteceu com muitos/as de nós.

Andruetto (2012, p. 62) enfatiza que “a literatura [...] é uma das expressões mais importantes da cultura e uma construção social que dá coesão e valor aos habitantes de um país e que, como tal, precisa ser cuidada, estimulada e protegida por todos”. Essa construção social envolve persistência e nela atuam escritores/as, editores/as, professores/as, alunos/as, famílias, bibliotecários/as, pesquisadores/as, críticos/as, mediadores/as de leitura, Estado (Andruetto, 2012). Deveria se ter como horizonte que, *a priori*, os livros

não se oferecem totalmente como uma impossibilidade para uma criança ou um jovem. O acesso deles a tais livros relaciona-se a uma questão bem mais complexa, que é a formação leitora, ou seja, a leitura de tais livros – e de outros (ou melhor: e de todos os livros) – dependerá das práticas leitoras da referida criança ou do referido jovem. Assim, não se pode partir do princípio de uma separação drástica entre o que é uma literatura infantil e uma literatura de adultos. A palavra de ordem deve ser a “literária” e o contato desta com seus possíveis leitores será norteado pelas práticas de leitura que eles experimentarem [...] (Gama-Khalil, 2020, p. 234, grifo da autora).

Essa formação leitora implica – segundo a pesquisadora – formação de gosto, práticas de leitura e reflexão/argumentação. Desenvolver essa tríade indissociável se torna um constante desafio pessoal e comunitário, pois “somos submetidos, desde a infância, a um impressionante volume de textos utilitários de caráter assertivo, apodíctico [evidente] e impessoal. [...] esses textos costumam utilizar a Língua de forma bastante ortodoxa, controlada e limitada, fugindo das metáforas, imagens, ambigüidades” (Azevedo, 2005, p. 8). Muitas dessas leituras com caráter utilitário e objetivo provocaram um não “contato com um universo rico e plural de saberes”; nos livros efetivamente

literários – destinados a adultos e crianças – aprendemos muitas coisas, mas esse aprendizado acontece por intermédio de uma experiência indireta com os saberes; eles estão ali girando, movendo-se e não de forma fixada e estagnada. O discurso estético, em função da poeticidade que lhe é constitutiva, pode deflagrar uma heteronímia de sentidos e, sendo assim, tende a instigar o seu leitor a fazer uma leitura plural (Gama-Khalil, 2020, p. 235-236).

Como boa ficção, eles são “matéria viva, passível de invenção e grande experimentação” (Azevedo, 2005, p. 8). Por isso, para Wolfgang Iser, no processo de interação texto/leitor, a contingência (os vazios) – possibilidade de que alguma coisa aconteça ou não – é base constituinte da interação, e dela deriva “[...] a contingência mostra sua ambivalência produtiva: nasce da interação e, ao mesmo tempo, é sua propulsora. Quanto mais ela se reduz, tanto mais ritualizada a interação se cristaliza; quanto mais cresce, tanto mais inconsistente se torna a cadeia de reações” (Iser, 1979, p. 85), avolumando-se os vazios e as negações.

Segundo Iser (1979, p. 91), os vazios “se oferecem para a ocupação pelo leitor”, eles “possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas”; já as negações, “se formam pelas supressões no texto” e “provocam o leitor a situar-se” diante dele, pois o que é suprimido é negado; e, juntos, vazios e negações atuam “como instâncias de controle” do processo de interação. O texto literário é, então, um sistema de perspectivas – do autor, do narrador, do personagem-narrador, dos personagens (principal e secundários) e do leitor fictício/implícito – e quando “o ponto de vista do leitor se desloca entre estes segmentos, a sua mudança constante, durante o processo de leitura, liga[-os] [...] provocando uma rede de perspectivas, dentro da qual cada perspectiva abre não só a visão das outras, como também do objeto imaginário intencionado” (Iser, 1979, p. 123). Após essa explanação, convido o leitor do presente texto para realizar a leitura da tese que desenvolvi, páginas nas quais há uma análise detalhada de alguns vazios destacados nos livros da série *O doador*.

## Referências

- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- AZEVEDO, R. *Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil*. 2005. Disponível em: <https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-instigantes-da-literatura-infantil-e-juvenil.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- BANKSTON, J. *Lois Lowry*. New York: Chelsea House, 2009. (*Who wrote that?*).
- BARTH, P. A. O desespero que vive dentro da gente: representações de ansiedade e medo da perda em *Um fio de esperança* de Marjolijn Hof. In: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Orgs.). *“Espiar pra dentro”*: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 60-88.
- BRIDGES, Jeff. Entrevista cedida a AdoroCinema. 2014. (8min52s), legendada. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-108797/>. Acesso em: 01 out. 2021.
- CARMELO, B. *O Doador de Memórias*: O Estado contra o indivíduo. *AdoroCinema*, 09 set. 2014. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-195540/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 5. reimp. São Paulo: UNESP, 1999.

GAMA-KHALIL, M. M. O território da *semiosis*: a palavra literária dirigida a crianças. In: GRAZIOLI, F. T.; COENGA, R. (Orgs.). *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar*. Erechim, RS: Habilis Press, 2018. p. 17-40.

GAMA-KHALIL, M. M. Por uma literatura sem adjetivos: ler levantando a cabeça! In: MICHELLI, R.; GREGORIN FILHO, J. N.; GARCÍA, F. (Orgs.). *A Literatura Infantil/Juvenil entre textos e leitores: reflexões críticas e práticas leitoras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. p. 226-241.

GAMA-KHALIL, M. M; PERSICANO, L. E. Mulheres que narram o fim do mundo. In: ROAS, D.; GARCÍA, F.; GAMA-KHALIL, M. M (Orgs.). *Ficções pós-apocalípticas nas vertentes do fantástico*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. p. 93-123.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, H. R. *et al. A literatura e o leitor*. Organização e Tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

KOIS, Dan. The Children's Author Who Actually Listens to Children. *The New York Times*, oct. 3 2012. Magazine. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/10/07/magazine/lois-lowry-the-childrens-author-who-actually-listens-to-children.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LOWRY, L. *The Giver*. Boston/New York: Houghton Mifflin Harcourt, 1993.

LOWRY, L. *O doador*. Tradução: Ivanir Calado. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOWRY, L. *Gathering Blue*. Boston/New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2000.

LOWRY, L. *Messenger*. Boston/New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2004.

LOWRY, L. *Son*. Boston/New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2012.

LOWRY, L. *O doador de memórias*. Tradução: Maria Luiza Newlands. São Paulo: Arqueiro, 2014a.

LOWRY, L. *A escolhida*. Tradução: Fabiano Moraes. São Paulo: Arqueiro, 2014b.

LOWRY, L. *O filho*. Tradução: Maria João Rodrigues. Espanha: Editorial Everest, 2014c. [Audiolivro, 26 ficheiros, leitura de Maria José Alegre].

LOWRY, L. *O filho*. Tradução: Maria João Rodrigues. Espanha: Everest Editora, 2014d.

LOWRY, L. *O mensageiro*. Tradução: Fabiano Moraes. São Paulo: Arqueiro, 2016.

LOWRY, Lois. *Website*. Disponível em: <http://loislowry.com>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte&Letras, 2019.

OLIVEIRA-IGUMA, A. de; GAMA-KHALIL, M. M. Literatura juvenil brasileira e intertextualidade: o jovem e seus encontros com leituras outras. *Caderno Seminal Digital*, n. 34, v. 34, p. 138-174, jan.-jun. 2020.

PERSICANO, Léa Evangelista. *As espacialidades do viver-morrer no ciclo utópico-distópico da série literária O doador de memórias*. 2023. 355 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em Estudos Literários, Uberlândia, 2023.

RAMOS, Ana Margarida. Temas fraturantes hoje: sobre a necessidade de uma literatura para a infância que incomoda (conferência). *II Encontro Nacional/I Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil: questões e temáticas de ontem e de hoje*, UERJ, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T6lCYCDU9aQ>. Acesso em: 01 abr. 2025.

RAMOS, A. M.; VERNON, R. Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v. 37, n. 3, p. 287-295, jul.-sept. 2015.

### **Sobre os(as) autores(as)**

**Ana Lúcia Trevisan** é professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde desenvolve pesquisa na área dos estudos literários com ênfase na Literatura Brasileira e Hispano-americana, principalmente nos temas relacionados à literatura latino-americana contemporânea, às relações dialógicas entre discurso histórico e literário e aos limites da narrativa fantástica. É líder do Grupo de Pesquisa O insólito ficcional na literatura contemporânea. E-mail: ana.trevisan@mackenzie.br

**Claudia Cristina Ferreira** é professora da Universidade Estadual de Londrina, onde atua na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL), em Estudos da Linguagem (PPGEL) e no Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM). Tem experiência na área de Línguas Estrangeiras/Adicionais, atuando e orientando, sobretudo, nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira/adicional, Fraseologia, Estudos da Tradução, Análise de material didático, Multimodalidades, Letramentos, Linguística Contrastiva e Literatura Fantástica. E-mail: claucrisfer@uel.br

**Claudia Zavaglia** é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 e é Livre-Docente em Lexicografia e Lexicologia desde 2009. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP-IBILCE- Campus de São José do Rio Preto-SP. Desde 2003, atua na Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE, na linha Lexicologia e Lexicografia, direcionando suas pesquisas, substancialmente, para os estudos lexicográficos, lexicológicos e tradutológicos. E-mail: claudia.zavaglia@unesp.br

**Dilma Mello** é professora da Universidade Federal de Uberlândia, onde atua na graduação e no Programa de Estudos Linguísticos (PPGEL). É líder do GPNEP (Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores) e coordenadora do GTFELA - GT Formação de Educadores na Linguística Aplicada da ANPOLL. Membro do SIG (Special Interest Groups) de Pesquisa Narrativa (Narrative Research) da Associação Americana de Pesquisa em Educação (AERA-American Educational Research Association). Tem experiência na área de Linguística Aplicada e suas áreas de interesse incluem os estudos sobre: formação de professores, ensino e aprendizagem de línguas, tecnologias digitais e assistivas, ensino para alunos com baixa visão e pesquisa narrativa. E-mail: dilma.mello@ufu.br

**Eliane Silveira** é professora titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Realiza pesquisas, desde 1994, sobre a produção teórica de Ferdinand de Saussure, é líder do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) e coordenadora do Grupo de Trabalho Estudos Saussurianos da ANPOLL. Membro do Cercle Ferdinand de Saussure e do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). E-mail: eliane.silveira@ufu.br

**Fábio Henrique de Carvalho Bertonha** é Professor Assistente Doutor do Departamento de Letras Modernas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, campus de São José do Rio Preto-SP, da UNESP-IBILCE, onde atua nos cursos de Graduação de Licenciatura em Letras-Italiano e Bacharelado em Letras-Tradução, bem como na Pós-graduação em Estudos Linguísticos, na linha Lexicologia e Lexicografia. E-mail: fabio.bertonha@unesp.br

**Gabriella Cristina Vaz Camargo** é professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (DELET/UFOP) e vice-líder do GEDEM - Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (UFOP/CNPq). Realizou estágio pós-doutoral financiado pela CAPES junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). É membro pesquisadora do SLOVO (UNESP-FCLAr), do GEDIS - Grupo de Estudos Discursivos (UFCAT) e do DIASUL - Grupo de Estudos Dialógicos do Sul (UNIPAMPA). Áreas de interesse: estudos bakhtinianos; estudos do texto e do discurso; discurso midiático; sujeito; redação escolar; produção textual, leitura e escrita. E-mail: gabriella.camargo@ufop.edu.br

**Grenissa Stafuzza** é professora titular da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), onde atua no ensino, na pesquisa e na extensão, tanto na graduação quanto no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin-FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Atualmente (2025-) realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia. É líder do GEDIS - Grupo de Estudos Discursivos (UFCAT/CNPq). Tem experiência na área da Educação com ênfase em Linguística e atua como pesquisadora de discursos midiáticos, sob a perspectiva dos estudos bakhtinianos. E-mail: grenissa@ufcat.edu.br

**Léa Evangelista Persicano** é Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2023), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do GPEA - Grupo de Pesquisas em Especialidades Artísticas (UFU-CNPq) e do GT da Anpoll Vertentes do Insólito Ficcional. Atua como revisora de textos e consultora de escrita acadêmica. E-mail: leapersicano@yahoo.com.br

**Luciana Borges** é professora da Universidade Federal de Catalão e atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura de Autoria Feminina, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de gênero, crítica feminista, erotismo e pornografia. É autora de diversos artigos e do livro *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: estudo sobre Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young* (Ed. Mulheres, 2013), organizadora de várias coletâneas. É integrante do grupo de pesquisa Dialogus - Estudos Interdisciplinares em Gênero, Cultura e Trabalho e atualmente coordena do GT ANPOLL - A mulher na literatura. E-mail: borgeslucianab@ufcat.edu.br

**Maria da Glória de Castro Azevedo** é professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras/UFT). Desenvolve pesquisa e atua, principalmente, nos seguintes temas: literatura negro-brasileira,

estudos de gênero, literatura de temática lésbica e literatura juvenil. E-mail: gloriazevedo@uft.edu.br

**Nathan Bastos de Souza** é professor adjunto no Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE), da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé. Realizou estágio pós-doutoral financiado pela CAPES junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL - UFCAT). É líder do Grupo de Estudos Dialógicos do Sul (DIASUL/UNIPAMPA) e membro pesquisador do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe/UFSCar) e do Grupo de Estudos Discursivos (GEDIS/UFCAT). Atualmente é coordenador de Área no Subprojeto Letras - Português do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na edição 2024-2026 e Coordenador Substituto de Curso (Gestão 2025-2027). Tem atuado como tradutor (português - espanhol/ espanhol - português), especialmente nas áreas de letras, educação e ciências humanas. Áreas de interesse: Estudos Bakhtinianos; estudos do texto e do discurso; questões relativas ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa e Espanhola; cultura e literatura latino-americanas, sobretudo hispânicas. E-mail: nathansouza@unipampa.edu.br

**Renato Rodrigues-Pereira** é Bolsista Produtividade Fundect/CNPq e professor do Curso de Letras Português/Espanhol, do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas, e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da FAALC/UFMS/Campo Grande-MS. Em fevereiro de 2025, atuou como professor pesquisador convidado na Universidad de Alcalá de Henares, com verba concedida pelo Programa Giner de Los Ríos - Espanha. Pesquisador na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguística Aplicada ao ensino de línguas: portuguesa como língua materna e espanhola como língua estrangeira, Lexicologia, Lexicografia Geral e Lexicografia Pedagógica e Toponímia. Coordenador do NEL - Núcleo de Estudos do Léxico (UFMS/CPTL). Coordenador da Comissão Ciências do Léxico da ABRALIN. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Léxico: descrição e ensino. E-mail: renato.r.pereira@ufms.br

**Shaun Murphy** é professor de Fundamentos da Educação na Universidade de Saskatchewan. Ele nasceu e foi criado no território do Tratado Seis, onde ainda trabalha. Foi professor do Ensino Fundamental em ambientes rurais e urbanos por vinte anos. Os interesses de pesquisa de Shaun são baseados na pesquisa narrativa relacional, auto-estudo da prática do professor, elaboração de currículo familiar e escolar; identidade; educação rural; práticas de avaliação; as vidas entrelaçadas de crianças, famílias e professores; e formação de professores. E-mail: shaun.murphy@usask.ca

**Stefania Montes Henriques** é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e atualmente é professora da Universidade Federal de Uberlândia da área de Linguística no Instituto de Letras e Linguística, atuando especialmente no curso de Letras-Língua Portuguesa com domínio em Libras. É membro do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (GPFdS-UFU/CNPq), do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem (GPAL-

UNICAMP/CNPq), do Cercle Ferdinand de Saussure da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) e do Grupo de Trabalho Estudos Saussurianos da ANPOLL. E-mail: stefania.henriques@ufu.br

**Stefinee Pinnegar** é formada pela Universidade do Arizona e professora aposentada na área de formação docente na Universidade Brigham Young. Desde 2005, atua como diretora da Invisible College for Research on Teaching. Seus interesses de pesquisa se concentram no pensamento docente, no desenvolvimento de professores e no autoestudo da prática. Ao examinar o desenvolvimento do pensamento docente, ela tem interesse particular no desenvolvimento da memória prática para o ensino. No que se refere ao autoestudo, interessa-se pela metodologia do autoestudo e pela melhoria de sua própria prática como formadora de professores. E-mail: stefineepinnegar@gmail.com

**Ulysses Rocha Filho** é Professor Associado da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Exerceu as funções de Professor de Pós-Graduação, Coordenação de Cursos, coordenador de Pibid 2012-2024, Coordenador de Gestão de Processos Educacionais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES - da UFG/RC (2016/2018). É membro da Academia Catalana de Letras (ACL - Catalão/GO) desde junho de 2017 (atualmente, é Presidente da ACL). Tem experiência acadêmica na área de Literatura e Ensino (Estágio em Literatura), com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa, atuando nos seguintes temas: Estudos Culturais, ficção contemporânea, literatura/educação, autobiografia ficcional e literatura goiana. E-mail: ulysses\_filho@ufcat.edu.br

**Viviane Bengezen** é professora no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. É doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2017) e desenvolveu parte de seus estudos de doutorado na Universidade de Saskatchewan, no Canadá, com bolsa do Programa Futuros Líderes das Américas (Emerging Leaders in the Americas Program - ELAP). Ministra cursos nas áreas de formação de professores de línguas, Linguística Aplicada e Pesquisa Narrativa. E-mail: vbengezen@ufcat.edu.br